



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Português III

Volume 1

Edila Vianna da Silva

Ivo da Costa do Rosário

Nilza Barrozo Dias



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Reis

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Edila Vianna da Silva

Ivo da Costa do Rosário

Nilza Barrozo Dias

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Flávia Busnardo

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Anna Maria Osborne

Mariana Pereira de Souza

AValiação DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

Departamento de Produção

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Cristina Freixinho

COPIDESQUE

Thelenayce Ribeiro

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Beatriz Fontes

Carolina Godoi

Cristina Freixinho

Elaine Bayma

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Bianca Giacomelli

DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Ronaldo d'Aguiar Silva

CAPA

Fernando Romeiro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2005, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

S748p

Silva, Edila Vianna da.

Português III. v. 1 / Edila Vianna da Silva, Ivo da Costa do Rosário, Nilza Barrozo Dias. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014.
148 p. ; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-943-6

1. Português. 2. Textualidade. 3. Produção textual. 4. Coesão gramatical. I. Viegas, Ilana Rebello. II. Título.

CDD 469.07

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Gustavo Reis Ferreira

Universidades Consorciadas

CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA
Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

IFF - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE
Reitor: Luiz Augusto Caldas Pereira

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Carlos Levi

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Carlos Levi

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Carlos Levi

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Carlos Levi

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

SUMÁRIO

Aula 1 – Mecanismos de articulação entre orações: coordenação e subordinação – visão tradicional e visão contemporânea	7
<i>Edila Vianna da Silva</i>	
Aula 2 – Níveis de integração entre orações: autonomia x dependência	19
<i>Nilza Barrozo Dias</i>	
Aula 3 – Coordenação: caracterização e instrumentos	37
<i>Edila Vianna da Silva</i>	
Aula 4 – Coordenação e “falsa coordenação”	49
<i>Nilza Barrozo Dias</i>	
Aula 5 – A hipotaxe adverbial no uso	63
<i>Nilza Barrozo Dias</i>	
Aula 6 – Hipotaxe adverbial (continuação) e fixação de conteúdos correlatos	85
<i>Edila Vianna da Silva</i>	
Aula 7 – Revisão de conteúdos	97
<i>Edila Vianna da Silva</i>	
<i>Nilza Barrozo Dias</i>	
Aula 8 – Correlação	109
<i>Ivo da Costa do Rosário</i>	
Aula 9 – Subordinação: caracterização, instrumentos. Orações substantivas	125
<i>Edila Viana da Silva</i>	
Referências	143

Mecanismos de articulação entre orações: coordenação e subordinação – visão tradicional e visão contemporânea

Edila Vianna da Silva

AULA

1

Meta da aula

Apresentar confrontos entre coordenação e subordinação na visão tradicional e na de linguistas contemporâneos.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. caracterizar os processos sintáticos de coordenação e de subordinação;
2. distinguir orações coordenadas de subordinadas.

INTRODUÇÃO

As palavras não estão soltas nos textos, pois elas se relacionam logicamente. Foi justamente essa relação que você estudou na disciplina Português II, o papel dos termos nas orações. Lembre que, no curso, o professor explicou que a frase é um enunciado de sentido completo? E que podem ser construídas em torno de verbos ou sem a presença deles? Mas como se organizam as frases? Essa é a questão que pretendemos desenvolver ao longo da aula de hoje. Vamos apresentar as maneiras pelas quais as frases organizam-se e como se associam umas às outras, formando períodos.

COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO: CARACTERÍSTICAS

De acordo com a Gramática Tradicional, que segue estritamente a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), os princípios organizadores da frase portuguesa são a coordenação e a subordinação. Para refletirmos sobre tais mecanismos, comparemos os exemplos a seguir:

1. [Cheguei da escola] [e almocei logo].
2. [Almocei logo] [porque estava com muita fome].

No primeiro exemplo, há independência sintática entre as orações (limitadas por colchetes), o que não ocorre entre as orações do segundo exemplo. Explicando melhor, na primeira frase cada oração apresenta estrutura sintática completa, isto é, a presença de uma independe da presença da outra do ponto de vista *sintático*: cada uma delas contém os termos necessários para transmitir sua mensagem. Claro está que, entre elas, há uma dependência de natureza *semântica*, de sentido, ou não estariam no mesmo período.

No segundo exemplo, a primeira oração (“almocei logo”) é a base, e a outra (“porque estava com muita fome”) serve de termo adjacente à primeira, é função sintática do verbo da primeira, pois expressa a causa do fato de “almoçar logo”. Podemos, então, concluir que as orações articulam-se de dois modos diversos: o da primeira frase é o processo da *coordenação* e o da segunda é o da *subordinação*.

Quais seriam as características da subordinação? E da coordenação?

Segundo Duarte (2007, p. 205), “a subordinação é uma forma de organização sintática segundo a qual um termo exerce função no outro”. Dizendo de outra maneira, estar subordinado significa ser dependente sintaticamente. A subordinação pode estar presente entre constituintes de oração ou entre orações, formando *sintagmas*. Em relação a orações, subordinadas são as que funcionam como membros, termos de outra oração. Para entender melhor estes conceitos, vejamos os períodos:

1. Ela descobriu [que os sites de aluguel de apartamentos são fontes de inspiração] para decorar a casa.

2. Basta [escolher a opção] e a foto aparece.

Em 1, a oração entre colchetes é constituinte da primeira, pois funciona como objeto direto da forma verbal “descobriu”; em 2, a oração indicada pelos colchetes é o sujeito da forma verbal “basta”. As orações entre colchetes são, portanto, “subordinadas” às formas verbais “descobriu” e “basta”.

A coordenação, por outro lado, é um mecanismo por meio do qual elementos do mesmo nível associam-se, formando uma sequência; são independentes sintaticamente uns dos outros.

Dizemos que elementos, palavras ou orações são do mesmo nível quando apresentam identidade funcional e pertencem à mesma classe de palavra. Assim, coordenam-se termos com valor de substantivo, adjetivo etc. que tenham a mesma função sintática. Por exemplo, na frase “A farmácia não fecha; *de dia* ou *de madrugada*, há sempre um funcionário a postos”, as duas locuções destacadas estão coordenadas pela conjunção *ou*, – e formam, portanto, uma sequência –, uma vez que ambas equivalem a advérbios e funcionam como adjuntos adverbiais de tempo.

Em, por exemplo, *sapatos novos e bonitos*, os adjetivos “novos” e “bonitos” desempenham o mesmo papel em relação a “sapatos”. Se, então, exercem igual função, são coordenados um ao outro e subordinados ao substantivo “sapatos”. Do mesmo modo que no mecanismo da subordinação, há coordenação entre termos da oração ou entre orações.

No plano da oração, isso significa dizer que cada oração coordenada tem seus próprios termos e, assim, não apresenta constituinte expresso por outra oração. Vejamos os exemplos:

1. [Às vezes, paravam o trabalho], [enxugavam o suor do rosto] [e falavam alguma coisa tola].

2. [Esperamos] [que vocês aprendam os processos] [e (que) escrevam melhor].

No período 1, há três orações, todas com sua estrutura completa, portanto, independentes do ponto de vista sintático e, assim, *coordenadas*.

No período 2, as orações 2 e 3 estão subordinadas à oração 1 e nela exercem a mesma função: são núcleos do objeto direto da forma verbal “esperamos”. Vejam, elas – as coordenadas – não são função uma da outra, mas da oração 1. Estão, portanto, *coordenadas entre si e subordinadas* à oração 1.

Quadro 1.1: Esquema das diferenças entre coordenação e subordinação

Coordenação	Subordinação
Associa elementos de mesma função	Cria funções
Forma sequências	Forma sintagmas
Orações coordenadas	Orações subordinadas
Independentes sintaticamente	Dependentes sintaticamente
Estrutura sintática completa	São termos de outra oração

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 1

1. Reconheça se os termos grifados formam sequências ou sintagmas.

a) Chocolate é delicioso, *mas calórico*.

b) Nesta sala, fica bem um *móvel antigo*.

c) Os economistas apresentam sempre um *plano salvador*.

d) Previram muita chuva para *hoje e amanhã*.

2. Julgue a afirmativa a seguir (CERTA ou ERRADA) e comente sua resposta. “Na frase *Meus amigos e eu apreciamos o atual cinema nacional*, os núcleos do sujeito formam uma sequência.”

3. Responda à questão:

Em “Os estudantes de inglês [que fizeram a melhor redação] e [que responderam adequadamente às questões gramaticais] ganharam a viagem de estudos”, as orações marcadas estão subordinadas a um termo oracional. Qual é esse termo?

RESPOSTA COMENTADA

1. Em a, os termos “delicioso” e “calórico” exercem a função de predicativos do sujeito “chocolate”, com significados que, de acordo com o emissor da mensagem, estão em contraste, haja vista o uso da conjunção MAS. Em d, hoje e amanhã são adjuntos adverbiais de tempo do verbo “prever” e estão, portanto, coordenados. Nos dois enunciados, os elementos indicados formam SEQUÊNCIAS.

Em b e c, os constituintes grifados formam sintagmas, uma vez que há entre eles uma relação de subordinação. Em “móvel antigo”, primeiro dos sintagmas, o adjetivo “antigo” atribui qualidade ao referente do substantivo “móvel”; no segundo sintagma, “plano salvador”, o adjetivo “salvador” atribui qualidade ao referente do substantivo “plano”. Os dois adjetivos funcionam como adjuntos adnominais dos substantivos que qualificam.

2. A afirmativa está correta. Os termos “meus amigos” e “eu” desempenham o mesmo papel sintático: são núcleos do sujeito da forma verbal “apreciamos” e, assim, estão coordenados.

3. As orações entre colchetes especificam o referente do sujeito da forma verbal “ganharam”: “os estudantes de inglês”; subordinam-se, portanto, a ele, na função de adjuntos adnominais.

ABORDAGEM TRADICIONAL E OUTRAS POSIÇÕES SOBRE OS MECANISMOS DE ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

Para mostrar a diferença de abordagem dos conceitos tratados em nossa aula, especialmente no que diz respeito aos modos de organização das orações nos períodos, vamos examinar os trabalhos de alguns autores bastante conhecidos por aqueles que se dedicam ao ensino-aprendizagem de nossa língua. Comentaremos as abordagens na linha da gramática tradicional de Cunha e Cintra (1985); Bechara (2001), nas palavras do próprio autor, no Prefácio da 37.^a edição de sua gramática, “em versão amadurecida pela leitura atenta dos teóricos da linguagem”; Azeredo

NGB

Com a finalidade de uniformizar e simplificar os termos usados na descrição dos fatos gramaticais do Português do Brasil, a Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB – resultou do trabalho de uma Comissão formada por especialistas, tais como Celso Cunha e Rocha Lima, entre outros. Implantada por portaria do Ministro da Educação em 1959, teve seu uso recomendado “no ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado, nos estabelecimentos de ensino”.

(2001) em *Iniciação à sintaxe do português*, de base estruturalista, bem como as perspectivas atuais de Castilho (2002) e Rodrigues (2010).

Os gramáticos mais tradicionais seguem estritamente a **NGB**, que embora tenha sido elaborada em termos de “recomendação” ao ensino escolar, é vista pela maioria dos professores e estudiosos do Português como uma verdadeira lei.

Para Cunha e Cintra (1985, p. 578-579), que seguem a NGB, no período composto por coordenação, as orações:

- a) são autônomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem sentido próprio;
- b) não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a *totalidade* da outra.

E conclui: “A tais orações autônomas dá-se o nome de COORDENADAS e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO.”

Quanto ao período composto por subordinação, os autores assim se expressam:

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO.

Na *Moderna gramática portuguesa* (1999), em edição mais atualizada “no plano teórico da descrição do idioma”, de acordo com seu autor, Evanildo Bechara utiliza o conceito de *oração complexa* para denominar o chamado *período composto por subordinação*, da visão tradicional. Em clara explicação, o gramático manifesta seu ponto de vista:

Uma oração independente do ponto de vista sintático como *A noite chegou* (...) pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que a noite chegou.

(...) Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *O caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto (1999, p. 462).

E conclui o gramático:

A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na ORAÇÃO COMPLEXA *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu* (1999, p. 463).

No que respeita ao mecanismo da coordenação, que também denomina-se de parataxe, Bechara, da mesma forma que os outros gramáticos, considera *coordenadas*

as orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

De acordo com o autor, é somente neste caso, na presença de um grupo de orações da mesma camada gramatical, isto é, *orações coordenadas*, que podemos falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *períodos compostos*.

Azeredo (2001), ao discorrer sobre os processos sintáticos, observa que palavras, sintagmas, orações associam-se no discurso em virtude de variadas relações semânticas, ora intuídas pelos participantes da situação discursiva, ora explicitadas por diferentes meios de coesão textual, entre os quais, os pronomes, conectores, a concordância. Por exemplo, sabemos que na oração “Feri-me com a faca”, a ação expressa pelo verbo refere-se a um ser, “eu”, ou de outra forma, o sujeito da oração é de primeira pessoa, porque o mecanismo da concordância verbo-sujeito faz com que a forma “feri” ocorra na primeira pessoa, indicando, assim, a subordinação entre os termos sujeito e predicado.

Daí se infere que “o processo sintático por excelência é a subordinação, meio que consiste em prover de função as unidades que constituem os sintagmas e os sintagmas que constituem as orações” (2001, p. 48-49). Na estruturação sintática – por subordinação – uma unidade da categoria X posiciona-se sob o domínio de uma unidade da categoria Y, como na relação verbo e objeto direto, em que o objeto é o complemento do verbo, está sob o domínio do verbo.

De modo nítido, o autor demonstra que a *subordinação* é um processo intra-oracional, ao passo que a coordenação se dá em todos os níveis, uma vez que associa palavras, sintagmas, orações, que tenham a mesma natureza. Para Azeredo – aí uma importante reflexão para os estudos que começamos –, a *coordenação é um mecanismo antes discursivo que sintático*, pois desconhece os limites da oração; para ele coordenam-se até parágrafos. Para distinguir da associação discursiva que vai além da oração, chamada de associação *lato sensu*, denomina a associação discursiva que ocorre no âmbito da oração de *associação discursiva stricto sensu* (2001, p. 116).

Castilho (2002, p. 131-132) considera desnecessário o emprego do termo período e o substitui pela expressão *sentença complexa* quando duas ou mais sentenças funcionam como constituintes de uma unidade maior, seja pela coordenação ou subordinação desses constituintes.

O autor estabelece os seguintes tipos de relação intersentencial na constituição das sentenças complexas (SC):

* SC estruturadas por JUSTAPOSIÇÃO – uma sentença se põe ao lado da outra, sem qualquer nexos conjuncional, como em *Não fui à festa; ninguém me convidou*.

* SC estruturadas por COORDENAÇÃO – uma sentença se põe ao lado da outra por meio de nexos conjuncionais, como em *Viajei e esqueci o trabalho*.

* SC estruturadas por ENCAIXAMENTO – uma sentença é constituinte de outra, isto é, *argumento* de outra, como em *Ela disse [que viria à entrega dos prêmios]*. (A sentença entre colchetes é argumento da forma verbal “disse”).

* SC estruturadas SEM ENCAIXAMENTO – uma sentença estabelece uma relação de adjunção com outra, quer dizer, está ligada a um termo de outra, mas não é seu argumento como em *Voltaremos à atividade [depois que a greve acabar]*. (A sentença entre colchetes está ligada à forma verbal “voltaremos”, na função de seu adjunto.)

* SC estruturadas por CORRELAÇÃO ou PARADEPENDÊNCIA: uma sentença estabelece uma relação de interdependência com outra, como em *Estudou tanto que ficou com dor de cabeça*.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

4. Examine o *corpus* abaixo e reconheça os períodos em que há encadeamento de ideias e aqueles em que há hierarquização de ideias.

a) A ministra explicou o novo plano econômico; a população não ficou esclarecida.

b) Embora a ministra tivesse explicado o novo plano econômico, a população não ficou esclarecida.

c) A ministra explicou o novo plano econômico para a população ficar esclarecida.

d) A ministra explicou o novo plano econômico, mas a população não ficou esclarecida.

5. Reescreva os períodos abaixo, substituindo as orações indicadas por subordinadas, mantendo o sentido original.

a) [Saia agora] e ficará encharcada com a chuva.

b) Não irei à solenidade; [estou muito cansada].

6. Com base na proposta de Castilho (2002), reconheça os tipos de sentenças complexas.

a) Não estudou, não passou no concurso.

b) Preciso de que ela me ajude nesta dura tarefa.

c) Quando setembro vier, as flores enfeitarão a cidade.

d) A jovem que chegou foi escolhida para representante do grupo.

e) Dei a notícia e a turma ficou surpresa com o fato.

f) Comeu tanto que passou mal.

RESPOSTA COMENTADA

4. Em a, as ideias expressas nas duas orações estão encadeadas; o emissor não enfatizou nenhuma delas; o período é formado por orações coordenadas assindéticas. Em d, as ideias estão encadeadas, mas o foco da argumentação está no segmento iniciado por MAS, que contrasta com o primeiro.

Em b há hierarquização de ideias: uma ideia nuclear, expressa na oração principal, e outra que, embora contrarie a expectativa da principal, não impede sua manutenção. Em c, há também hierarquização de ideias; a ideia nuclear está expressa na primeira oração e a segunda expressa sua finalidade.

5. a) [Se sair agora], ficará encharcada com a chuva.

b) Não irei à solenidade [porque estou muito cansada].

6. a) SC estruturada por justaposição; b) SC estruturada por encaixamento; c) SC estruturada sem encaixamento; d) SC estruturada por encaixamento; e) SC estruturada por coordenação; f) SC estruturada por correlação.

CONCLUSÃO

Como pudemos observar, os princípios organizadores da frase portuguesa, de acordo com a NGB, são a COORDENAÇÃO e a SUBORDINAÇÃO. Embora não seja uma visão pacífica, interessa-nos refletir, nesta aula inicial, sobre esses mecanismos de organização sintática e fixar bem suas características.

A coordenação é um mecanismo por meio do qual elementos do mesmo nível associam-se, formando uma sequência; são independentes sintaticamente uns dos outros.

A subordinação é um mecanismo que cria funções, sintagmas, uma vez que estabelece uma relação de dependência entre dois termos, de modo que um passa a ser função do outro.

No âmbito do período composto, vimos que se coordenam orações de mesma natureza sintática e se subordinam orações que estão em uma relação de hierarquização.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Estabeleça a conexão entre as duas ideias dadas em cada alternativa, por meio de uma conjunção, de modo a formar um período composto com duas orações, uma das quais deverá ser subordinada.

a) O diretor informar as novas diretrizes. / O conselho orientar (conformidade).

b) O diretor informar as novas diretrizes. / A comunidade precisar de esclarecimentos. (causalidade)

c) O diretor informar as novas diretrizes. / A comunidade exigir. (condição)

2. Transforme os sintagmas grifados em orações encaixadas (Castilho) e reconheça as funções que exercem.

a) O povo exigia *a renúncia do governante*.

b) Temos necessidade da *ajuda de todos*.

c) A solução seria *a renovação do Congresso*.

d) Opusemo-nos *a sua partida*.

3. Faça a expansão dos sintagmas com elementos coordenados.

a) Os atletas _____ e _____ participarão das Olimpíadas. (adjetivos)

b) Os atletas _____ e _____ participarão das Olimpíadas. (locações adjetivas)

c) Os atletas _____ e _____ participarão das Olimpíadas. (orações com valor de adjetivos)

RESPOSTA COMENTADA

1. a) *O diretor informou as novas diretrizes conforme o conselho orientou.*
b) *O diretor informou as novas diretrizes porque a comunidade precisava de esclarecimentos.*
c) *O diretor informará as novas diretrizes se a comunidade exigir.*
Os segmentos foram articulados por meio das conjunções que expressavam as relações determinadas em cada item.
2. a) *O povo exigia que o governante renunciasse. A oração elaborada exerce a função de objeto direto da forma verbal exigia.*
b) *Temos necessidade de que todos nos ajudem. A oração elaborada exerce a função de complemento nominal do substantivo necessidade.*
c) *A solução seria que o Congresso se renovasse. A oração elaborada exerce a função de predicativo do sujeito – a solução.*
d) *Opusemo-nos a que você partisse. A oração elaborada exerce a função de complemento da forma verbal opusemo-nos.*
3. *A resposta é individual. Seguem algumas sugestões.*
a) *preparados e competentes; b) de boa classificação e em forma; c) que passaram da fase de classificação e (que) receberam patrocínio.*
As respostas demonstram que, embora as formas sejam diferentes (adj.; locuções; orações), os elementos coordenados apresentam a mesma função, no caso, adjuntos adnominais do núcleo do sujeito, o substantivo “atletas”.

RESUMO

Quando nos expressamos, na modalidade escrita ou na modalidade oral, utilizamos dois mecanismos fundamentais de organização sintática: a coordenação e a subordinação.

Usamos a coordenação para ligar estruturas (termos da oração ou orações) que se articulam, é claro, pelo sentido, mas que são independentes sintaticamente uma da outra, ou melhor, uma não é constituinte, termo da outra.

Pelo segundo processo, a subordinação, estabelecemos relação de dependência sintática entre elementos, sejam eles constituintes ou orações. Dizendo de outra forma, construímos estruturas em que um termo se subordina ao outro, contrai com outro uma função.

Níveis de integração entre orações: autonomia x dependência

Nilza Barrozo Dias

AULA 2

Meta da aula

Apresentar o *continuum* de integração oracional entre coordenação e subordinação.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer que a articulação de orações extrapola a dicotomia coordenação e subordinação; e
2. reconhecer que o processo de "subordinação" extrapola a sintaxe.

INTRODUÇÃO

Vamos começar esta aula com uma provocação:

Como você faria para analisar as orações a seguir?

(1) Ele não só levantou cedo como também preparou o café; ou

(2) Ah! Se eu fosse uma tremenda gata...

O exemplo (1) é um caso de coordenação ou subordinação? Como fazer com o exemplo (2), se ele não tem oração principal?

A tradição gramatical separa as orações em coordenadas e subordinadas. Nas subordinadas, encontramos as orações subordinadas substantivas, as adjetivas e as adverbiais. As orações substantivas equivalem a um nome, as adjetivas, a um adjetivo e as adverbiais, a um advérbio. Mas, ao olharmos os textos das revistas de grande circulação, os jornais, as obras literárias, na modalidade escrita impressa ou online, ou as conversas espontâneas entre familiares, entre estudantes de uma mesma unidade acadêmica, entre médico e paciente, na modalidade falada, poderemos observar que muitas das ocorrências ficam em algum lugar entre coordenação e subordinação ou não atendem à proposta clássica de subordinação. Abordaremos, a seguir, os referidos casos.

TRAÇOS DE [± DEPENDÊNCIA] E [± SUBORDINAÇÃO]

ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL

As orações hipotáticas adverbiais mantêm uma relação de dependência com a oração principal, indicando as circunstâncias de causa, comparação, conformidade, concessão, tempo, finalidade, condição, proporção e modo. Elas se destacam por não funcionarem como constituinte obrigatório, como é o caso das subordinadas. Podem equivaler a um advérbio, segundo a Gramática Tradicional – GT.

Vejamos:

(3) *Não só grita, mas também chora.*

(4) Ah, se eu ganhasse na Loteria...

Observe que, no exemplo (3), você não consegue usar a primeira oração independente da segunda. O “não só” pressupõe um outro elemento correlacionado a ele, que é o “mas também”. Temos então uma correlação conjuncional, em que o 1º funciona como gatilho do 2º elemento.

Já no exemplo (4), a **ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL** temporal não possui uma oração principal. Ela está articulada ao próprio ato de fala. Assim, as pessoas, ao lerem ou falarem o exemplo (4), vão preencher o espaço da oração principal com os próprios desejos e anseios, o que vai variar de um falante para outro. Desse modo, alguns vão preencher a oração principal com “eu compraria várias casas bonitas”, um outro falante diria: “eu viajaria pelo mundo todo”, e assim vai.

Acreditamos que, quando falamos em integração de orações, podemos observar um *continuum* que vai de menor integração, as coordenadas, para maior integração, no nível de **CONSTITUÊNCIA**, as subordinadas.

Consideramos que uma oração é menos integrada e mais autônoma quando ela apresenta uma certa independência sintática, ou seja, possui todos os constituintes exigidos pela **VALÊNCIA** verbal. Os papéis temáticos estão em harmonia e, do ponto de vista discursivo, são frases que poderiam sobreviver sozinhas. São conhecidas como coordenadas ou paratáticas.

As hipotáticas adverbiais não apresentam o mesmo nível de integração das demais subordinadas, não funcionam como constituintes e apresentam dependência semântica, portanto, ficam no meio do *continuum*. Já, em contrapartida, as subordinadas não poderiam existir sozinhas. As subordinadas substantivas funcionam como constituintes da outra oração e as adjetivas, como um adjetivo. A **Figura 2.1.** representa o *continuum*.

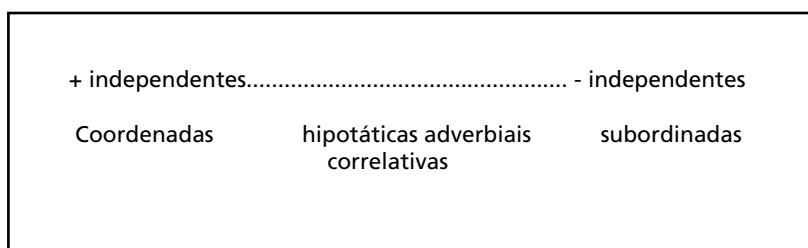


Figura 2.1: Quadro representativo do *continuum* das orações.

CONSTITUÊNCIA

Os constituintes sintáticos são: sujeito, objeto direto, objeto indireto e agente da passiva, selecionados pelo verbo, e complemento nominal, que é selecionado por um nome.

VALÊNCIA

Indica o número e o tipo de laços que podem existir entre os elementos da oração, com um elemento fundamental, geralmente o verbo, e um certo número de elementos dependentes (denominados argumentos, ou seja, o sujeito e os complementos). Por exemplo, a valência de *pesquisar* inclui o sujeito e o objeto direto.

As coordenadas

Podemos trabalhar com os traços de [\pm dependência] e [\pm subordinação] na conexão de orações. As coordenadas possuem o traço de [- dependência] e [- subordinação]. Ou seja, elas não são constituintes sintáticos da outra oração, portanto, não são subordinadas e nem dependentes. Vamos ao exemplo (5).

(5) Meu marido preparou o arroz, Maria temperou o feijão e Joana fez o bife.

Em (5), temos três orações que poderiam existir independentemente em outras situações. Por exemplo, eu poderia dizer que “João preparou o arroz” e nada mais. Ou ainda poderia alterar a ordem em que elas ocorrem. Poderíamos ter (5b), o que configura ordem simétrica, ou seja, se mudarmos a ordem das orações, o sentido permanece o mesmo.

(5b) Joana fez o bife, Maria temperou o feijão e meu marido preparou o arroz.

As coordenadas são também denominadas de *paratáticas*. Pela NGB, temos as seguintes coordenadas: *assindéticas* (sem conector, apenas justapostas) e *sindéticas* (aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas). As coordenadas sem conjunção podem ser também chamadas de *justapostas*.

As coordenadas com os valores de conclusão e explicação apresentam uma independência sintática, já que cada oração possui todos os seus constituintes para expressar independência, mas alguns autores afirmam que essas duas coordenadas possuem conectivos com valores adverbiais (*por isso, logo* etc.) (CASTILHO, 2010, NEVES, 2000). Algumas ocorrências de alternativas estariam dentro das falsas coordenadas (GARCIA, 1988), já que apresentam independência sintática, mas uma dependência semântica.

Assim é possível pensar que o *portanto* introduziria um valor de dependência semântica de conclusão em relação à oração “não fui à festa” no período *Não fui à festa, portanto não sei quem estava lá*.

Garcia (1988) destaca um tipo especial de coordenada alternativa que apresenta dependência semântica bastante forte, como em *Irei, quer queiras, quer não queiras*, em que podemos fazer a leitura *Irei, se quiseres, mesmo que não queiras* como de concessiva-condicional.

As orações hipotáticas adverbiais

Já as orações *hipotáticas adverbiais* (para a Gramática Tradicional – GT –, *subordinadas adverbiais*) apresentam uma relação núcleo-satélite. Isto quer dizer que as orações apresentam todos os seus

argumentos preenchidos e poderiam existir com certa independência do ponto de vista sintático, mas com uma dependência do ponto de vista semântico-discursivo, já que a oração adverbial é utilizada pelo falante para realçar e elaborar a informação da oração principal. Tal realce é realizado através das circunstâncias de tempo, modo, finalidade, concessão etc. e, tal como a própria palavra *satélite* preconiza, é uma informação subsidiária ao núcleo.

As orações adverbiais podem equivaler a um advérbio. Nós sabemos que os advérbios não são elementos selecionados pelo verbo. Os advérbios são termos acessórios do ponto de vista sintático. Se considerarmos a semântica e o discurso, os advérbios são sempre muito importantes para a compreensão de um texto. Vejamos algumas considerações:

(6) Ele dá gargalhadas *na varanda*.

(7) Ele mora *em Niterói*.

Embora os exemplos em destaque indiquem lugar e tecnicamente sejam todos advérbios de lugar, podemos observar uma certa diferença sintática entre os dois exemplos. O exemplo (6) apresenta o adjunto adverbial que não é selecionado pelo verbo, podendo inclusive ser retirado da sentença. O exemplo (7), contudo, apresenta um valor adverbial de lugar que é selecionado pelo verbo “morar”, ou seja, quem mora mora em algum lugar. O elemento sublinhado funciona então como um complemento adverbial de “morar”.

Encontramos as seguintes orações adverbiais mais prototípicas: causais, concessivas, condicionais, comparativas, consecutivas, temporais, de finalidade, proporcionais e modais. Assim posto, as hipotáticas adverbiais possuem o traço de [+ dependência] e [- subordinação], conforme exemplo a seguir.

(8) *Se o praticante de esportes ou candidato a atleta tiver casos na família de morte súbita cardíaca*, então o acompanhamento médico deve ser mais rigoroso (...). (Saúde. *O Globo*. 06.05.2012).

O exemplo (8) apresenta a oração adverbial destacada com valor condicional em relação à oração principal – *então o acompanhamento médico deve ser mais rigoroso*. Ou seja, o acompanhamento médico deve ser mais rigoroso se houver condicionante de morte súbita cardíaca nos praticantes de esporte ou nos candidatos a atleta. É bom observar que a oração hipotática adverbial condicional vem na posição anteposta à

oração principal. Isto quer dizer que o valor de condicionalidade ocupa a primeira posição na sentença por ser considerada pelo usuário da língua como uma informação muito relevante em relação àquela informação da oração principal.

Além disso, podemos observar que a oração principal possui todos os argumentos de que precisa para poder existir. Poderíamos dizer: *então o acompanhamento médico deve ser mais rigoroso* como uma frase independente numa situação corriqueira de fala. Já a hipotática adverbial condicional, embora apresente todos os constituintes sintáticos da oração, possui o valor semântico de condicionalidade marcado no “se” e no tempo verbal “tiver”. O valor condicional estará atrelado a algo, que é representado pela oração principal.

As orações subordinadas

Por fim, falaremos das orações subordinadas que ocupam, no *continuum* mostrado na **Figura 2.1**, a posição à extrema direita, por serem as mais dependentes da oração principal, nos níveis sintático, semântico e discursivo.

No primeiro tipo de subordinada, teremos as orações subordinadas *substantivas*. Nestas subordinadas, a oração principal seleciona um argumento – sujeito, objeto direto, objeto indireto e agente da passiva de um núcleo verbal e como complemento nominal de um núcleo não verbal – que se realiza como oração. As orações subordinadas possuem, então, uma relação de constituição com a oração principal. Por isso, elas são as mais subordinadas e as mais dependentes da oração principal.

Vejamos o exemplo:

(9) *Ele disse que havia mentido.*

A oração principal *Ele disse* possui um núcleo verbal *dizer* que seleciona um objeto direto que ocorre sob a forma oracional – *que havia mentido*, sendo o “que” conjunção muito utilizada para introduzir oração subordinada no português. A oração subordinada poderia ser substituída por um nome *mentira*, que seria núcleo de um sintagma. Teríamos, então, *Ele disse uma mentira*.

Assim posto, podemos observar que a relação estabelecida entre a subordinada e a oração principal é de constituência, ou seja, a oração subordinada substantiva é um objeto direto do verbo “dizer” que ocorre na oração principal. Poderíamos substituir a oração subordinada por ALGO. E teríamos:

Ele disse	{	ALGO.
Ele disse		uma mentira.
Ele disse		que havia mentido.
Ele disse		que ela havia caído e que havia se levantado muito rápido.

Podemos observar, nos exemplos acima, que o objeto direto pode se realizar como uma palavra, um sintagma, ou como uma oração ou ainda várias orações. É a relação de constituência, já que o constituinte objeto direto pode se manifestar de vários modos. Na GT, quando o objeto direto se realiza como uma oração, temos as subordinadas substantivas. Aplicando a nossa proposta de traços de dependência e subordinação, podemos afirmar que as orações subordinadas substantivas possuem os traços de [+dependência] e [+ subordinação]. Ou seja, elas não poderiam existir uma sem a outra, já que elas se complementam na expressão do sentido.

Encontramos ainda neste grupo das subordinadas um segundo tipo, que são aquelas que funcionam como um grande adjetivo em relação a um elemento base que consta da oração principal, delimitando ou estendendo o significado base. Segundo Cunha & Cintra (1985), as subordinadas *adjetivas* vêm introduzidas por pronome relativo e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente. Os exemplos a seguir são do autor:

- (a) Susana, *que não se sentia bem*, estava de cama.
- (b) O que tu vês é belo; mais belo o *que suspeitas*; e o *que ignoras* muito mais belo ainda.

Para o autor, as orações sublinhadas nos dois exemplos dados funcionam como adjunto adnominal dos elementos linguísticos que as antecedem. Quanto ao sentido, elas podem ser restritivas e explicativas, segundo a proposta da GT. As *restritivas* restringem ou limitam a ideia contida no substantivo ou pronome que ocorre na oração principal; as *explicativas* acrescentam, esclarecem melhor a significação do substantivo antecedente e, por isso, elas assemelham-se a um aposto.

Do ponto de vista gráfico e entonacional, as orações restritivas ocorrem sem vírgula na escrita e sem pausa na fala. Já as orações explicativas podem ser separadas da oração principal por vírgulas e travessão na escrita e por pausas na fala.
Do ponto de vista de equivalência sintática, alguns autores consideram somente as adjetivas restritivas como um grande adjunto adnominal.

A REALIZAÇÃO FORMAL DAS ORAÇÕES HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS E DAS SUBORDINADAS

As hipotáticas adverbiais podem ter os seus valores circunstanciais realizados por um conjunto de orações. Na oração (10), você observará que o valor circunstancial só pode ser entendido desse modo no texto. Vejamos o exemplo:

(10) *Assim que concluiu a graduação*, Eduardo L. Bandeira partiu para o mestrado acadêmico. *Como sentiu que não adquiriu o conhecimento necessário para trabalhar na área que desejava*, resolveu fazer o mestrado profissional. “Em um ano e meio, estava formado e empregado na Embraer”, conta (*Folha de S.Paulo*. Pós-Graduação. 28.01.2007).

O exemplo (10) representa as hipotáticas adverbiais, sendo que a primeira oração sublinhada indica valor *temporal* e é representada por uma única oração, por possuir um único verbo. A oração finita de modo indicativo é introduzida pela locução conjuntiva “assim que”. O valor temporal pontual que marca o tempo exato do término da graduação serve para emoldurar a informação contida na oração principal, “Eduardo L Bandeira partiu para o mestrado acadêmico”. O espaço de tempo entre os dois eventos é muito curto.

A segunda hipotática sublinhada representa o valor circunstancial de causa em relação à principal “resolveu fazer o mestrado profissional”. É bom atentar que a noção de causa é representada por várias orações, que podem ser observadas contando-se os verbos: *sentiu*, *adquiriu*, *trabalhar* e *desejava*. Assim, o conjunto constituído de quatro orações funciona como causal. Contudo, podemos, numa análise só da causal, observar que “como sentiu” é a oração principal de “que não adquiriu o conhecimento necessário”, oração selecionada pelo verbo *sentir*, portanto uma subordinada substantiva na função de objeto direto.

A oração “para trabalhar na área” é complemento do nome “necessário”, portanto, uma subordinada substantiva completiva nominal. A sua oração principal é “que não adquiriu o conhecimento necessário”.

Já a oração “que desejava” é uma oração adjetiva em relação à oração “que não adquiriu o conhecimento necessário”. Esta oração funciona como sua oração principal. Então, podemos observar que uma mesma oração pode ter mais de uma função, o que dependerá do nosso olhar para a esquerda ou para a direita. Tal estruturação de orações permite-nos a coesão textual.

Mas voltemos a nossa integração e dependência. Você pode observar que a oração principal, nas duas ocorrências, não seleciona nenhum argumento necessário à compreensão da oração. As orações principais poderiam existir sozinhas, independentes, em outros contextos. As orações hipotáticas realçam/emolduram a informação das orações principais e, por isso, estabelecem uma dependência semântica.

Pode haver ainda o caso de um complexo oracional apresentar mais de uma oração principal. Observemos os exemplos a seguir:

(11) *Quando eu era menino*, vó Noêmia chamava o táxi do seu Joaquim e levava discreta muamba para uma cachoeira, que acredito ser a da Pedra Branca. Vi fotos recentes e reconheci o local (Aldir Blanc. Cataratas do Cachoeira. In: Opinião. O Globo. 06.05.2012).

No exemplo (11), temos a expressão de tempo determinado na oração sublinhada, *Quando eu era menino*, realçando as informações contidas nas duas orações principais – *vó Noêmia chamava o táxi do seu Joaquim e levava discreta muamba para uma cachoeira*. Os verbos dessas orações – *chamava* e *levava* – não selecionam a oração hipotática

temporal como um de seus constituintes obrigatórios. Pelo contrário, a oração hipotática realça as informações contidas nas orações principais. Realça como? A informação de sua infância é relevante para compreender o comportamento da vó Noêmia. A hipotática *Quando eu era menino* mantém uma relação de dependência semântica em relação às orações principais, mas não funciona como um constituinte da oração principal, já que possui relação com advérbio de tempo.

COORDENADAS OU SUBORDINADAS?

Vamos agora às justapostas adverbiais ou falsas coordenadas.

As *justapostas adverbiais* (DECAT, 1999) ou *falsas coordenadas* (GARCIA, 1988, p. 24) são aquelas orações que apresentam orações independentes do ponto de vista sintático, mas não do ponto de vista semântico ou psicológico. Por exemplo, em *O dia estava muito quente e eu fiquei logo exausto*, temos independência sintática, já que as duas orações poderiam ser usadas separadas em contextos independentes. Mas, do ponto de vista semântico, há uma dependência, já que podemos considerar a paráfrase com valor causal, que ficaria *Como o dia estava muito quente, fiquei logo exausto*. A conjunção “e”, nesse caso, não é aditiva.

O mesmo acontece com *Pagou, passou*, em que temos aparentemente uma justaposta ou coordenada assindética. Contudo, ao atentarmos para o exemplo numa situação de fala, observamos que podemos inferir duas relações semânticas adverbiais: 1ª) causa-consequência como em *Porque pagou, passou*; ou 2ª, condição-consequência: *se pagou, passou*.

E o que dizer das *correlativas*? As correlativas não são citadas na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), embora haja registros de estudos que discordem dessa posição. No âmbito da tradição gramatical, elas podem ser encontradas em Oiticica (1942), que considera a correlação um mecanismo diferente da coordenação e da subordinação. As Gramáticas Tradicionais costumam fazer menção indireta à correlação. As gramáticas publicadas mais recentemente, como Luft (2002), Kury (2002) e Castilho (2010), fazem menção explícita à correlação. É, portanto, uma proposta de estudo relativamente nova.

A correlação consiste de um relacionamento entre orações formalmente interdependentes, tal que na primeira oração figura uma expressão correlata necessariamente conectada a uma expressão correlata que aparecerá na segunda oração. A combinação de orações por correlação participa simultaneamente das propriedades da coordenação e da subordinação.

Nas correlativas,

as orações correlatas exemplificam uma relação de interdependência, isto é, a estrutura das duas orações que se correlacionam está estreitamente vinculada por expressões conectivas. No caso, as conjunções: não só...mas também, seja...seja, tanto...que e mais...do que. Entendo aqui por dependência a ligação gramatical entre dois ou mais pontos diferentes em uma oração. (...) Nesse sentido, a correlação, sempre conjuncional, é de uso relativamente frequente quando se trata de emprestar vigor a um raciocínio, estabelecendo coesão entre orações e sintagmas, e aparece principalmente nos textos enfáticos (MÓDOLO, 2008, p. 1.093).



Você pode ainda acessar http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=, para ler um outro texto de Módolo, Correlacionando orações na Língua Portuguesa, postado em 14/05/2009.

Observemos o exemplo a seguir:

(12) *Certamente, o nosso Nelsinho Piquet* – e muito menos seu pai, que se consagrou na Formula I, com vários e sucessivos campeonatos mundiais conquistados – *não só não conhece esse texto do nosso San Tiago Dantas, como também não tem nenhum compromisso com o alto significado da prática esportiva* (ROSÁRIO, 2011, p. 157).

O exemplo anterior pode ser classificado como correlativa aditiva. As orações em itálico podem ser assim visualizadas:

1ª oração: *Certamente, o nosso Nelsinho Piquet [não só] não conhece esse texto do nosso San Tiago Dantas*

2ª oração: *[como também] não tem nenhum compromisso com o alto significado da prática esportiva.*

Observamos que a primeira oração possui independência sintática, com todos os seus constituintes expressos. O mesmo acontece com a segunda oração. Tais orações poderiam ser usadas separadamente como independentes em contextos adequados e surtiriam o efeito desejado de comunicação. Mas o uso da correlação conjuncional impede que uma oração seja usada sem outra. Caso insistíssemos, teríamos uma informação sem nexos. Temos então:

1ª oração: *Certamente, o nosso Nelsinho Piquet [não só] não conhece esse texto do nosso San Tiago Dantas*

Nessa oração o sentido ficaria incompleto. Afinal, se Nelsinho Piquet não só não conhece, qual é a contrapartida? Então a correlação conjuncional coloca tais correlativas entre a coordenação e a subordinação.

Segundo Módulo (2008), há a possibilidade de se considerar os aspectos formais da correlação. O par correlativo pode ser *espelhado* (quando há repetição da conjunção), como por exemplo os pares *ou... ou*, *ora... ora*, e *não espelhado* (quando não há repetição da mesma conjunção), como por exemplo o par *não só... como também*. O autor considera ainda os aspectos funcionais das correlações em: aditiva, alternativa, comparativa, consecutiva, proporcional e hipotética (ou condicional). É bom repetir que para haver correlação temos de ter par conjuncional. Este assunto será retomado mais detalhadamente em outra aula.

É bom destacar que, independente do tipo, se coordenada, hipotática ou encaixada, as orações desenvolvidas, ou seja, aquelas que possuem o verbo na forma finita do indicativo ou do subjuntivo e podem ser seguidas de conjunção ou pronome relativo, possuem um grau maior de independência do que aquelas que se realizam sob as formas não finitas ou reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. Quando selecionamos uma oração na forma não finita ou reduzida, estamos levando em conta outros itens linguísticos muito importantes no entrelaçamento de orações: o *tempo* e *modo* verbais, bem como os argumentos que se realizam

como sujeito e complementos selecionados como participantes daquilo que se indica no verbo na forma não finita ou reduzida. Assim posto, todos os itens linguísticos especificados deverão ser recuperados na oração principal que antecede a oração não finita ou reduzida, ou ainda na informação mais remota, que poderá ultrapassar um número ilimitado de orações.

Observemos o exemplo a seguir:

(13) Depois o menino saiu *gritando pela rua*.

A oração sublinhada indica o modo como o menino saiu. Ela é uma hipotática adverbial modal que se realiza como uma oração de gerúndio. Para você entender a oração sublinhada, você precisa recuperar anaforicamente o sujeito *o menino*, que é explicitado na oração anterior, mas não é explicitado na oração grifada.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Identifique e explique se as orações sublinhadas são coordenadas, hipotáticas adverbiais, subordinadas ou correlativas, identificando as características dos seus traços de $[\pm$ dependência] e $[\pm$ subordinação].

a) "O endocrinologista proibiu terminantemente *que eu tenha mais filhos* [...] inclusive... se eu tiver... ele disse *que vai ser necessário um aborto...*" (Projeto NURC, D2 SP).

b) "Reserve um tempinho para você. *Desacelere, relaxe, cuide-se*" (Propaganda da SPA Enjoy Slow Life).

c) "Sou presidente da Comissão de Segurança Pública e sempre disse que *Segurança não se trabalha só com "caveirão", com fuzil, mas principalmente com Educação e com os CIEPS funcionando, como o Darcy Ribeiro e o Brizola queriam*" (ROSÁRIO, 2011).

RESPOSTA COMENTADA

1. a) O exemplo foi retirado de uma amostra de fala do Projeto NURC, São Paulo, organizado por Castilho & Pretti. Você pode observar que a primeira oração sublinhada completa o sentido do verbo "proibiu", que faz parte da oração principal. O endocrinologista proibiu terminantemente, sendo, portanto, seu objeto direto. A segunda oração sublinhada completa o sentido do verbo "disse", que é o núcleo

da oração principal ele disse, sendo também seu objeto direto. Tais orações são exigidas pelos respectivos verbos “proibiu” e “disse”, e são, portanto, constituintes dessas orações. São de fato subordinadas ao verbo da oração principal e, do ponto de vista semântico, só há compreensão para o falante se elas forem expressas juntas. Temos então os traços [+ dependência] e [+ subordinação].

b) As orações destacadas no exemplo representam a coordenação ou justaposição. Temos três orações coordenadas entre si, sem conectores, portanto, assindéticas pela GT. Observamos que o sujeito “você” de referência indeterminada pode ser identificado nos três verbos, embora não haja a explicitação lexical, apenas morfológica nos verbos. Cada uma das orações poderia ser usada separada da outra sem nenhum dano à informação. Assim, você poderia dizer para o seu amigo, “relaxe” em outro contexto, como uma situação de muito estresse. E ele entenderia perfeitamente do que você estaria falando. Assim, as três orações podem ser usadas de modo independente e, portanto, não são subordinadas ou encaixadas em nenhuma outra oração.

c) O exemplo dado representa uma correlativa. Vocês observam que temos o par conjuncional não (...) só... mas principalmente, o primeiro- não (...) só- funcionando como gatilho do segundo- mas principalmente, que será utilizado para destacar a informação mais relevante. Ou seja, se você usar o primeiro, obrigatoriamente terá que usar o segundo com mas, podendo haver variação com o advérbio.

QUANDO A COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES EXTRAPOLA A SINTAXE

Bem, agora vamos falar de algumas orações que extrapolam a própria sintaxe. Apresentaremos as ocorrências de alguns ditos populares que podem ter uma leitura de valor hipotático adverbial.

O ditado popular “Leite com manga, morre” possui uma oração formal expressa no verbo “morrer”, mas percebemos uma relação de condição-consequência no enunciado, como se houvesse duas orações. Quando alguém usa o ditado, você pode inferir que “Se tomar leite com manga, morre”, usando duas orações marcadas pelos verbos “tomar” e “morrer” (DECAT, 2001).

Para Decat (1999), as diversas pesquisas que se preocupam com a língua em sua manifestação oral têm mostrado, através das evidências dos dados, que a caracterização de cláusulas coordenadas e subordinadas em termos de dependência não é tão simples. Faz-se necessário verificar que tipo de dependência está sendo considerado para essas definições: dependência de forma? De sentido? Dependência pragmática? Além disso, não constitui novidade a existência, seja na língua oral, seja na escrita, de conexões implícitas e conexões explícitas.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. No Facebook, encontramos a seguinte manchete:

Se Eu Ganhasse na Mega Sena da Virada

(<http://pt-br.facebook.com/pages/Se-Eu-Ganhasse-na-Mega-Sena-da-Virada/>)

Observe que o enunciado do Facebook é constituído sintaticamente de uma oração apenas. Classifique-a e caracterize, se possível, a oração principal.

RESPOSTA COMENTADA

2. O título da página é constituído de uma oração hipotática adverbial condicional, mas sem a oração principal expressa. Mas por que a oração principal não foi expressa? Porque ela pode ser construída discursivamente. É para que o leitor complete a possível consequência de se ganhar na Mega Sena da virada, o que pode ter variação de um leitor para outro leitor. Então, temos uma oração hipotática adverbial condicional articulada ao próprio discurso.

CONCLUSÃO

A dicotomia, coordenação e subordinação, não explica todas as ocorrências usadas por nós. Assim, propomos a classificação em coordenadas, hipotáticas adverbiais e subordinadas. Acrescentamos ainda as correlativas, que apresentam combinação de características dos tipos anteriormente propostos. Mesmo assim, encontramos ocorrências que podem apresentar uma certa dificuldade de análise com as teorias existentes. Temos, então, as falsas coordenadas, que apresentam relações adverbiais; as hipotáticas adverbiais que não apresentam oração principal e os provérbios que podem ser desenvolvidos em orações hipotáticas adverbiais. Todo o assunto será retomado em outra aula.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Explique a função sintática das orações grifadas, indicando se elas são coordenadas, hipotáticas adverbiais, subordinadas ou falsas coordenadas.

a) “Olha.. eu estava me afogando e ele me perguntou *se eu queria sair da água.*” (Projeto NURC, DID/ POA).

b) “*se cala, mas não se dobra...* sabe?” (Projeto NURC, D2/SP 360).

c) Marcos tentou ir embora, *sem fazer barulho.*

d) “*aí eu deitei... eh apaguei a luz... acabei de estudar* apaguei a luz.”

2. Observe a oração destacada e a classifique:

"Hoje eu acreditei no amor dele! Ah, se fosse sempre assim!" (DECAT, 1993).

RESPOSTA COMENTADA

1. a) O exemplo representa uma subordinada, já que a oração destacada funciona como um constituinte da oração principal – e ele me perguntou. O verbo “perguntou” precisa dos seguintes argumentos: sujeito é “ele”, o objeto indireto é “me” e o objeto direto “se eu queria sair da água”. Eu não poderia cortar a sentença em “perguntou”, porque as pessoas não entenderiam a mensagem.

b) Já o exemplo representa uma coordenação. Na primeira oração, temos “se cala” com seus constituintes e semanticamente completa. A segunda oração constitui uma oposição em relação à primeira, marcando a adversativa. Assim, quando alguém se cala, é esperado que ele faça e aceite tudo, mas este alguém tem uma reação não esperada e contrária.

c) O exemplo representa uma hipotática adverbial de modo. A oração principal, “Marcos tentou ir embora” possui todos os seus argumentos. Esta oração poderia ser usada sozinha e estabeleceria a comunicação. Portanto, a oração adverbial realça a informação da oração principal, indicando o modo como Marcos tentou ir embora.

d) No exemplo, a oração destacada está justaposta em relação à oração “apaguei a luz”. Não há nenhuma conjunção entre as duas. Mas podemos observar que emerge entre as duas uma relação semântica de tempo. Assim poderíamos dizer “quando acabei de estudar, apaguei a luz”. Segundo Decat (2001), temos uma justaposição adverbial. Para Garcia (1988), temos uma falsa coordenada, ou seja, independência gramatical e dependência psicológica.

2. Este exemplo representa um caso de oração hipotática adverbial condicional sem a oração principal. Esta poderá ser inferida da situação de uso, o que poderá variar muito de um falante para outro.

RESUMO

As orações se apresentam num *continuum* de mínima integração para uma máxima integração. Se as orações possuírem todos os seus constituintes obrigatórios, elas poderão existir sozinhas. Assim, as coordenadas possuem os traços [-dependência] e [-subordinação], porque elas existem por si só e não se realizam como constituinte de outra oração. As hipotáticas possuem os traços [+dependência] e [-subordinação], porque existe uma grande dependência semântica da hipotática em relação à oração principal, mas não existe a possibilidade de a hipotática ser constituinte exigido pelo verbo ou nome da oração principal. Já as subordinadas apresentam o traço [+dependência] e [+subordinação], por elas funcionarem como constituinte da oração principal e, portanto, serem dependentes sintática e semanticamente. A realização formal das hipotáticas adverbiais e das subordinadas pode ser em uma oração apenas, em duas orações ou em várias orações funcionando como um bloco. O mesmo acontece com a oração principal que pode ocorrer sob a forma de uma, duas ou várias orações. Quando há a realização de uma função através de duas ou várias orações, podemos dizer que as orações são coordenadas entre si.

Coordenação: caracterização e instrumentos

Edila Vianna da Silva

AULA 3

Meta da aula

Apresentar o papel sintático, os instrumentos e as características do mecanismo da coordenação.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. caracterizar o período composto por coordenação;
2. distinguir os tipos de orações coordenadas;
3. reconhecer os efeitos discursivos do emprego da coordenação de orações.

INTRODUÇÃO

Nas Aulas 1 e 2 de nossa disciplina, você aprendeu a diferença entre os processos de coordenação e subordinação. Agora, depois da reflexão sobre as noções gerais de encaixamento e dependência, vamos nos deter em reflexões mais aprofundadas sobre a organização do período coordenado; os instrumentos gramaticais da coordenação; as orações coordenadas e sua classificação; o papel discursivo de algumas estruturas coordenadas.

Conforme já foi explicado, a coordenação é um processo sintático que consiste em combinar duas ou mais orações, do mesmo nível estrutural, por meio de mecanismos de ligação. Isso implica que nenhuma das orações é subordinada a outra oração ou dela dependente, ou seja, as orações devem ser equivalentes sintaticamente. Isso significa que se podem coordenar apenas orações de mesma natureza sintática, como no exemplo abaixo, em que há três orações estruturalmente idênticas:

(1) [Os coordenadores discutiram as novas propostas], [votaram as decisões] [e encerraram o simpósio].

As três orações do exemplo são independentes, pois têm sentido em si mesmas, poderiam constituir períodos autônomos, como se pode verificar:

(2) Os coordenadores discutiram as novas propostas. Os coordenadores votaram as decisões. Os coordenadores encerraram o simpósio.

Consequentemente, não existe relação hierárquica entre as orações, mas relação de sentido que as conjunções coordenativas auxiliam a estabelecer. Devemos também lembrar que, enquanto no período composto por subordinação os termos que contraem relação são uma oração e um termo de outra, no período coordenado a relação se dá entre orações em sua totalidade, isto é, entre os conteúdos de cada uma delas.

Você pode estar se perguntando: mas por que juntar orações se elas são independentes? Isso acontece em função da intenção do autor de um texto, que pode juntar duas ou mais orações que se associam logicamente em um período, de modo que o conjunto formado por elas ajude a construir uma informação mais precisa e adequada ao seu propósito.

ABORDAGEM TRADICIONAL E OUTRAS POSIÇÕES SOBRE AS ORAÇÕES COORDENADAS

De acordo com Cunha e Cintra (1990, p. 580-581), as orações coordenadas podem estar justapostas, uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace, ou podem estar ligadas por conjunções coordenativas. “No primeiro caso, a oração coordenada é ASSINDÉTICA”.

CA; no segundo, SINDÉTICA e classifica-se conforme o valor semântico da conjunção que a introduz.”

Assim, são cinco, para os autores, as orações coordenadas sindéticas. Nos exemplos abaixo mencionados, as sindéticas estão entre colchetes e as assindéticas estão fora das marcas.

- a) aditivas: Insisti na pergunta [*e* ele estremeceu];
- b) adversativas: Estava frio na rua, [*mas* ela apenas sentia o seu calor];
- c) alternativas: [*Ou* muito me engano] [*ou* não vou terminar essas avaliações];
- d) conclusivas: Só como legumes, [*logo* vou emagrecer];
- e) explicativas: Choveu, [*porque* as ruas estão molhadas].

Cunha e Cintra, em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que não consagra a correlação como mecanismo de articulação de orações, classificam as orações ligadas pelos pares de vocábulos *não só... mas também* como coordenadas, uma vez que consideram esse grupo de elementos correlativos como uma *série aditiva enfática*. Com efeito, na frase

(3) [As crianças *não só* se divertem,] [*mas também* aprendem com os jogos didáticos],

um fato é adicionado ao outro, salientando-se, enfatizando-se o sentido geral. Sem ênfase, a informação poderia ser assim expressa:

(4) [As crianças se divertem] [*e* aprendem com os jogos didáticos].

Bechara afirma (2001, p. 476) que, de acordo com o que estudamos na Aula 1, somente se pode falar de período *composto* (em oposição à **ORAÇÃO COMPLEXA**) quando o período é formado por orações coordenadas.

A partir da frase [*Mário lê muitos livros*] [*e aumenta sua cultura*], o autor demonstra que as orações do exemplo classificam-se como *coordenadas*, pois são sintaticamente independentes, uma vez que possuem os termos sintáticos previstos na relação predicativa: sujeito e predicado. Neste exemplo, no entanto, a segunda oração (*e aumenta sua cultura*) “manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito”. Salienta que tal interpretação não é resultado da relação sintática entre

ORAÇÃO COMPLEXA

De acordo com alguns gramáticos, entre os quais Evanildo Bechara, é a unidade sintática formada de mais de uma oração. Para simplificar, pode-se dizer que é a denominação do período composto por subordinação da gramática tradicional.

as duas orações, mas sim de nossa experiência do mundo, uma vez que sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. Acrescenta ainda que

E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção e que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (=conector) *aditiva* (BECHARA, 2001, p. 476).

Vale salientar – trata-se de dúvida recorrente entre os estudantes – “que essa interpretação adicional não tira da segunda oração o caráter de *coordenada aditiva*, nem permite que se classifique o *e* diferentemente de conjunção aditiva”. É o texto, com suas unidades léxicas, com suas palavras, e não a gramática, que manifesta o sentido de conclusão que de modo óbvio expressa a segunda oração em relação ao conteúdo que se enunciou na primeira. Para Bechara, trata-se de exemplo de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto (op. cit., p. 477).

Permanecendo no âmbito da *adição*, o gramático chama a atenção para o fato de que aí a ordem das orações é, de modo geral, livre, salvo quando o significado das palavras estabelece conteúdos do pensamento que devem suceder em uma ordem determinada. É o que ocorre em

(5) [Ficou noivo em fevereiro] [e casou-se em junho].

Ao tratar da classificação das orações coordenadas e seus conectores, Bechara, ao invés de cinco tipos, nomeia apenas três, de acordo com as conjunções que as ligam, isto é:

a) aditivas – entrelaçadas pelas conjunções aditivas, que são *e* e *nem* (de conteúdo negativo):

(6) *Nem faço o trabalho nem vou ao cinema.*

b) adversativas – ligadas por conjunção que contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente; cita as conjunções *mas*, *porém*, *senão*:

(7) *Vai a festas, mas não dança!*

c) alternativas – ligadas por conjunção que contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um desses conteúdos, isto é, se um se realizar, o outro não se realizará:

(8) [*Terminarei esta aula*], [*ou não dormirei tão cedo*].

Conforme se percebe, Bechara (op. cit., p. 478), diferentemente de Cunha e Cintra, não contempla no âmbito das orações coordenadas as chamadas orações *explicativas* e *conclusivas*. Afirma o autor que, a rigor, as conjunções conclusivas e causais-explicativas, que introduzem essas orações, não existem como conectores *coordenativos*, pois são unidades que manifestam *dependência interna* entre grupos oracionais, embora no nível do sentido do texto. Refere-se a elas como unidades de natureza adverbial que manifestam valores, entre outros, de conclusão e de explicação, e que fazem referência **ANAFÓRICA** ao que anteriormente se expressou.

Explicando melhor, as conjunções consideradas explicativas e conclusivas pela NGB seriam, para Bechara, elementos que ligam orações e estabelecem entre elas não dependência sintática, mas dependência quanto à mensagem que veiculam, uma vez que exprimem a continuação lógica do raciocínio anterior, ou seja, uma dependência semântica. Veja o exemplo:

(9) [Vou mudar de casa], [*portanto* (ou *assim*) não mais me envolverei em questões da antiga moradia].

No período, os vocábulos *assim*, *portanto* fazem referência, *recuperam* a ideia expressa na primeira oração, de cujo conteúdo a segunda oração decorre logicamente; de acordo com o nosso conhecimento de mundo, funciona como uma consequência do significado da primeira. É natural que uma mudança de residência implique, salvo situações excepcionais, distanciamento dos problemas da antiga moradia por parte de quem muda. A segunda oração é conclusiva, por conseguinte.

Já a oração explicativa enuncia um argumento para uma afirmação, uma tese, expressa em oração anterior, conforme o exemplo:

(10) [Não mais me envolverei em questões da antiga moradia], [*pois* vou mudar de casa].

Aqui também, a segunda oração continua o raciocínio iniciado na oração anterior, justificando-o.

Azeredo (2000, p. 245), embora afirme que “tradicionalmente são reconhecidas cinco espécies de conjunções coordenativas e, por consequência, cinco classes de orações coordenadas: *aditivas*, *adversativas*,

ANAFÓRICA

Há certos itens na língua que têm a função de estabelecer referência, pela recuperação de termos já mencionados no texto. Este recurso formal chama-se anáfora, que, assim, permite recuperar uma informação do fluxo do discurso.

alternativas, conclusivas e explicativas” (grifos do autor), ao distribuir os conectivos coordenativos em três grupos, para melhor explicar o seu funcionamento, considera os conectivos conclusivos e explicativos como *advérbios conjuntivos*. Partilha, assim, a posição de Bechara quanto ao papel diferenciado dos conectores que introduzem as orações explicativas e conclusivas.

Sobre os conectores conclusivos, Azeredo chama a atenção para o fato de que *então* e *por isso*, de uso coloquial, são comuns no discurso narrativo, “opcionalmente precedidos da aditiva 'e', para a associação de fatos que se sucedem no tempo e se relacionam como causa e efeito”. (2000, p. 252). Observemos o exemplo, em que a partícula pode ser substituída, em uma linguagem ainda mais coloquial, por *aí*:

(11) [Na sala estava muito quente,] [(e) *por isso* ligamos o ventilador].

Azeredo salienta que, neste caso, o conectivo é empregado como um autêntico advérbio, pois, além de aceitar deslocamento de posição, ainda permite a anteposição da aditiva “e”, como pode ocorrer igualmente nos exemplos:

(12) [Vou mudar de casa], [(e), *portanto*, não mais me envolverei em questões da antiga moradia]. / [Vou mudar de casa], [(e) não mais me envolverei, *portanto*, em questões da antiga moradia].

(13) [Estou sem tempo para nada], [(e), *por conseguinte*, não vou aceitar nenhuma outra tarefa. / [Estou sem tempo para nada], [(e) não vou aceitar nenhuma outra tarefa, *por conseguinte*].

Ainda sobre as palavras de natureza conclusiva, Azeredo comenta o uso das locuções *de modo que*, *de sorte que*, *de maneira que*, *daí que*, também introdutoras de orações que anunciam efeito ou conclusão de fato anterior, mas comportam-se como conectivos puros (não são advérbios conjuntivos), pois ocorrem obrigatoriamente antes da oração e não admitem combinação com E:

(14) [Estou sem tempo para nada], [*de sorte* que não vou aceitar nenhuma outra tarefa].

(15) [Na sala estava muito quente,] [*de maneira que* ligamos o ventilador].

No que se refere aos conectivos explicativos – que introduzem um fato que funciona como argumento para uma opinião, uma tese –, o autor menciona uma locução que pouco aparece nos compêndios didáticos, *tanto que*:

(16) [O uso do porcelanato na decoração está na moda,] [*tanto que* o material sofreu significativa alta de preço nos últimos tempos].

No exemplo, a tese, a opinião do enunciador, aparece na primeira oração e o argumento que a justifica, que a confirma, aparece na segunda, introduzido por *tanto que*.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. a) No enunciado “Entrei no quarto, fiz a cama e deitei-me”, os fatos expressos obedecem a uma ordem cronológica. Não seria, então, contraditório afirmar que se trata de um período composto por coordenação?

b) Comente a afirmação de que somente na coordenação se pode entender a existência de período composto. Ilustre seus comentários com exemplos.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) *As orações que formam o período composto por coordenação são independentes do ponto de vista sintático: cada uma delas apresenta estrutura completa. É o que acontece no exemplo do exercício. A obediência a uma determinada ordem é estabelecida pelo conhecimento de mundo que os falantes têm e indica dependência de ordem semântica e não de natureza sintática. Assim, é perfeitamente correto classificar-se o período como composto por coordenação.*

b) *Para alguns autores, no âmbito das orações coordenadas, por sua independência sintática, pode-se pensar na existência de várias orações, que constituiriam esse período composto. No exemplo, [O presidente do Conselho votou] [e seu voto foi justo], há duas orações, uma vez que cada estrutura conta com seus termos sintáticos essenciais. Já em [O presidente do Conselho afirmou] [que seu voto foi justo], haveria uma única oração complexa, tendo em vista que a segunda é termo (objeto direto) do verbo da primeira oração.*

ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

Há dois tipos de instrumentos instauradores da coordenação: a conjunção e a pausa, que ocorrem sós ou se combinam para coordenar elementos. Duas orações, conforme se expôs, podem estar coordenadas por um conectivo que explicita a relação de sentido desejada pelo enunciador ou sem qualquer elemento de ligação que as una. Estas últimas são as coordenadas assindéticas, que embora sem o nexos coordenativo, são capazes de explicitar várias relações semânticas, conforme se observa dos exemplos seguintes:

(17) [O complexo de favelas dá uma virada], [atrai turistas] [e vira cenário de novela]: cada oração apenas acrescenta conteúdo à anterior.

(18) [O governo está inerte], [a especulação acentua-se]: a segunda oração contém um efeito da primeira.

(19) [Não fui à sua solenidade de formatura,] [não me convidou!]: a segunda expressa o motivo do fato expresso na primeira.

(20) [Fui ao restaurante indicado;] [não gostei da comida]: o conteúdo da segunda contrasta com o fato expresso na primeira.

COORDENAÇÃO DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

Orações subordinadas que tenham a mesma função em relação a um termo de outra podem estar coordenadas, por meio da conjunção adversativa “*mas*” e de conectivos de valor aditivo ou alternativo.

(21) [Os convidados informaram] [que se divertiram com os óculos especiais para projeções 3D], mas [que ficaram com os olhos cansados].

As orações 2 e 3 são subordinadas ao verbo da oração 1, são seus objetos diretos, mas por terem conteúdo contrastante estão ligadas pelo conectivo adversativo “*mas*”, coordenando-se uma à outra.

(22) [Não decidimos] [se vamos convidar um doutorando] ou [se escolheremos um mestrando para monitor do curso].

No exemplo, as duas orações, que se subordinam ao verbo *decidir*, estão coordenadas por um conectivo alternativo, que indica a exclusão de um fato em benefício do outro.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

2. a) Justifique a classificação da oração grifada como explicativa e não causal:

O pai era extremamente severo, *pois o filho tornou-se tímido e complexo*.

b) Comente a diferença de efeito discursivo do emprego dos períodos seguintes:

i. Aprecia a boa comida e é um grande cozinheiro.

ii. Não só apreciava a boa comida, como também é um grande cozinheiro.

c) *Mas* é uma partícula que apresenta valores semânticos além dos de contraste e oposição. Reconheça, nas estruturas seguintes, os empregos dessa conjunção.

i. Era uma menina inteligente, *mas* muito teimosa.

ii. – Parece que você hoje está cansado.

– Hoje, não; *mas...* há muito tempo.

RESPOSTA COMENTADA

2. a) A oração grifada (oração 2) não pode ser causal, pois a timidez e o complexo do filho não funcionam como causas da severidade do pai. Contrariamente, a extrema severidade do pai (oração 1) foi a causa dos problemas do filho. A oração “o filho tornou-se tímido e complexado” representa um argumento que justifica a opinião do emissor de que “o pai era extremamente severo”. Trata-se, por isso, de explicativa e não causal.

b) Nas duas frases, temos exemplos de coordenação aditiva. A segunda oração de cada período acrescenta uma informação (é um grande cozinheiro) à da primeira (aprecia a boa comida). Na primeira frase, o emissor faz essa adição sem valoração das características do sujeito de 3ª pessoa (ele, ela), enquanto, na segunda, dá ênfase ao fato de o sujeito ter essas características simultaneamente.

c) Em (i), a conjunção *mas* assume o valor semântico de retificação; em (ii), é de compensação.

CONCLUSÃO

Vimos que, assim como coordenamos termos da oração, podemos coordenar orações, sejam elas coordenadas simples, sejam elas coordenadas entre si e subordinadas a um outro constituinte oracional. Verificamos também que as orações coordenadas podem articular-se com ou sem conectivo. Observamos que, de acordo com as gramáticas que seguem a NGB, são cinco as coordenadas (aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas). Em outros estudos, todavia, consideram-se as conclusivas e as explicativas coordenadas do ponto de vista sintático, mas subordinadas do ponto de vista semântico.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Reconheça as ideias implícitas nos períodos constituídos de orações coordenadas pela conjunção “e”:

a) A moça gritava pelo namorado e ele não a ouvia.

b) Siga meus conselhos e você não se arrependerá.

2. Forme dois períodos compostos com os enunciados a seguir, empregando orações coordenadas. Na primeira versão, estabeleça relação de argumento/tese; na segunda, de conclusão. Classifique, depois, as orações coordenadas sindéticas.

A leitura é a melhor maneira de formar o estilo. / Os estudantes devem ler pelo menos um livro por mês.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) Há ideia de contraste entre o conteúdo das duas orações: o normal seria que a moça ouvisse o grito do namorado.

b) Há relação de condição ↔ consequência: se você seguir meus conselhos, será bem-sucedido.

2. Versão 1: Os estudantes devem ler pelo menos um livro por mês (tese), [porque (ou pois) a leitura é a melhor maneira de formar o estilo] (argumento que comprova a tese). A segunda oração (entre colchetes) é coordenada sindética explicativa. Versão 2: A leitura é a melhor maneira de formar o estilo, [logo (ou portanto) os estudantes devem ler pelo menos um livro por mês]. A segunda oração (entre colchetes) é coordenada sindética conclusiva.

RESUMO

As orações coordenadas representam expansões de uma sentença simples, em que a oração acrescentada tem valor sintático e semântico equivalente ao das orações preexistentes com que se articula. Embora a NGB e as gramáticas que a seguem classifiquem as orações coordenadas em cinco tipos, a discussão sobre o tipo de *independência* que caracteriza as coordenadas (Só sintática? Sintática/semântica?) gera divergência de classificação. As explicativas e as conclusivas não são independentes das outras a que se ligam no que se refere ao sentido, embora cada uma delas tenha estrutura completa. Assim, estudiosos há que as retirem do rol das coordenadas, bem como classifiquem seus conectivos como advérbios, tais como Bechara e Azeredo. O mais importante da discussão é saber os valores semânticos das coordenadas e os efeitos de sentido de seu emprego.

Coordenação e “falsa coordenação”

Nilza Barrozo Dias

AULA

4

Meta da aula

Evidenciar as diferenças entre coordenadas e falsas coordenadas.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer que a falsa coordenada e/ou a justaposta adverbial se localizam num *continuum* entre coordenação e hipotaxe adverbial;
2. reconhecer que a falsa coordenação não se confunde com a coordenação e a aposição.

INTRODUÇÃO

Vamos iniciar a nossa aula comparando dois exemplos da nossa vida diária:

(1) *Você está com sono, vai pra cama!* (A mãe para o filho pequeno.)

(2) *Eu lavo a louça e você mexe o feijão.* (A mãe para a filha maior.)

Embora, aparentemente, você possa achar que todos os períodos acima sejam coordenados, você observará que existe uma grande diferença entre os exemplos. No primeiro exemplo, você não tem conjunção, mas podemos inferir algo como “Se você está com sono, vai pra cama!”, ou seja, uma relação de condição-consequência. É uma falsa coordenada. No segundo uso feito pela mãe, não é possível inferir tal relação, uma atividade não é condição para a outra atividade. Temos, nesse caso, uma verdadeira coordenada.

Assim, esta aula versará sobre as orações que, embora se apresentem formalmente como coordenadas assindéticas (ou justapostas) ou como coordenadas aditivas, expressam também relações semânticas de condição-consequência ou causa-consequência. São as “falsas coordenadas” ou justapostas adverbiais. Ou a oração servirá para detalhar, tornar mais claro um substantivo constante na oração anterior, o que constituirá um aposto. Verificaremos também onde elas se situam no *continuum* entre os pontos extremos – coordenação e subordinação.

O CONTINUUM NA COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES

Vamos iniciar nossa aula lembrando o que é coordenação. Na Aula 1, encontramos que “a coordenação, por outro lado, é um mecanismo por meio do qual elementos do mesmo nível se associam formando uma sequência; são independentes sintaticamente uns dos outros”.

Para Pezatti (2009),

a construção coordenada consiste em dois ou mais membros, funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por meio de mecanismos de ligação. Isso implica que nenhuma das orações é subordinada ou dependente de outra, ou seja, as orações devem ser equivalentes semântica e sintaticamente. Isso significa que podemos coordenar orações idênticas.



Para ter mais informações sobre estruturas coordenadas, você pode acessar o texto “Coordenando orações na língua portuguesa”, no link “Textos”, publicado por Erotilde G. Pezatti, em 14/5/2009, no site <http://www.museulingua-portuguesa.org.br>.

As hipotáticas adverbiais, por exemplo, conforme visto na Aula 2, apresentam todos os seus argumentos preenchidos e poderiam existir com certa independência do ponto de vista sintático, mas com uma dependência do ponto de vista semântico-discursivo; são utilizadas pelo falante para realçar e elaborar a informação da oração principal. Tal realce é realizado através das circunstâncias de tempo, modo, finalidade, concessão, causa, proporção, condição etc.

Castilho (2010, p. 390) apresenta um gráfico que representa os processos de combinação de orações:

Hipotaxe adverbial

Coordenação |.....|.....| Subordinação
Correlação

Figura 4.1: O *continuum* na combinação de orações.

A figura anterior mostra que as coordenadas ficam no extremo oposto às subordinadas e que as hipotáticas adverbiais e as correlatas ficam a meio caminho desses dois extremos. Sobre o que o autor quer chamar a atenção? Nós temos alguns processos que não cabem na dicotomia coordenação *versus* subordinação.

E o que seriam as “justapostas”? As justapostas, segundo Garcia (1988, p. 23), “são orações não ligadas por conectivo, separadas na fala por uma ligeira pausa com entoação variável, marcada na escrita por vírgula, ponto e vírgula ou, mais comumente, por dois-pontos”. Alguns autores chamam as justapostas de coordenadas assindéticas.

Mas podemos verificar que algumas relações oracionais, embora se apresentem como justapostas, manifestam também relações semânticas de condição-consequência ou causa-consequência. Garcia (1988) denomina tal relação de subordinação psicológica, com uma justaposição gramatical. Decat (2001) propõe a classificação de justaposição adverbial. Ilustremos com alguns exemplos retirados dos próprios autores.

(3) Não fui à festa do seu aniversário; não me convidaram (GARCIA, 1988, p. 23).

Segundo o autor, temos aí um período que só aparentemente é coordenado. São frases construídas pelo processo da justaposição, já que as orações não são ligadas por conectivo, mas separadas por ponto e vírgula. É um exemplo de justaposição gramatical e subordinação psicológica. O segundo elemento do período não goza de autonomia de sentido. Podemos fazer a leitura de explicação ou causa:

(3a) Não fui à festa do seu aniversário porque (pois) não me convidaram.

Para Decat (2001, p. 133), temos uma justaposição adverbial. Observemos o exemplo, abaixo, da autora.

(4) Pagou, passou.

Se nós olharmos bem para o exemplo (4), podemos observar que não é só uma sequência de orações independentes que se apresentam no mesmo nível sintático e informacional (uma não é constituinte da outra). Podemos verificar a relevância da relação que se estabelece entre as duas orações. Assim, poderíamos utilizar as duas orações de modo independente como “Alguém pagou a conta” e “Alguém passou”. Mas, ao serem colocadas pelo usuário uma ao lado da outra, sobrepõem leituras das seguintes relações: causa-consequência ou condição-consequência. Assim, podemos dizer:

(4b) Como pagou, passou.

(4c) Se pagou, passou.

Podemos trabalhar mais um exemplo de Decat (2001, p. 130):

(5) Casamos *faz quatro anos e meio*.

Temos duas orações que estão em justaposição. A relação semântica estabelecida existe, embora não haja nenhuma conjunção hipotática. Temos, então, a codificação da relação temporal por justaposição, sendo que a oração grifada indica o valor temporal.

Vamos agora analisar um exemplo, que foi retirado de uma situação real de fala.

(6) Você quer conforto, vai dormir em casa!

(Contexto: cliente da Viação X, reclamando com o irmão do desconforto do ônibus, considerando que ele iria “dormir” na cadeira a noite toda. O irmão respondeu com a frase (6).)

O mesmo acontece no exemplo (6), em que temos duas orações que poderiam ser utilizadas em outro contexto e manteriam a comunicação, já que elas possuem sintaticamente todos os seus elementos. Embora sejam justapostas, podemos perceber que emerge uma relação de condição-consequência do enunciado. Teríamos, assim:

(6a) Se você quer conforto, vai dormir em casa!

A REALIZAÇÃO FORMAL DAS ORAÇÕES

Bom, e como se realizam as nossas “falsas coordenadas”? Nós devemos considerar que elas ficam com a aparência (forma) de uma coordenada, mas apresentam relações mais comumente encontradas nas hipotáticas adverbiais, como causa-consequência e condição-consequência.

Considerações acerca das “falsas coordenadas”

Vejamos a posição de Garcia (1988) sobre as orações com conector e depois sem conector. Para o autor, as conjunções que expressam motivo, consequência e conclusão (*pois*, *porque* (= *pois*), *portanto*) não ligam orações da mesma natureza, o que pode ser explicado pela não autonomia

sintática da oração encabeçada por tais conjunções. O máximo que se poderá dizer é que elas são limítrofes da subordinação (NEVES, 2000), ou seja, há coordenação gramatical, mas subordinação psicológica.

O autor, então, cita outros casos em que não há conector. Elas são justapostas que apresentam relação de dependência, já que o segundo elemento não goza de autonomia de sentido, estabelecendo os valores semânticos de oposição (d) e conclusão ou consequência (e). Os exemplos do autor são:

(7) Não fui à festa do seu aniversário: passei-lhe um telegrama.

(8) Não fui à festa do seu aniversário: não posso saber quem estava lá.

Em (7), podemos identificar um valor semântico de oposição, representado pela ressalva, ou seja, esperava-se que a pessoa fosse ao aniversário, como ela não fez o esperado, então ela passou um telegrama. Poderíamos ter a reescrita como:

(7a) Não fui à festa do seu aniversário, mas passei-lhe um telegrama.

Já o exemplo (8) apresenta uma ideia de conclusão ou consequência.

(8a) Não fui à festa do seu aniversário, portanto não posso saber quem estava lá.

O autor cita, então, o caso em que há conjunção “e”, exemplo (9), em que existe coordenação quanto à forma, mas não quanto ao sentido. A partícula “e” não aproxima dois fatos independentes, o que nós temos é uma relação de causa e efeito.

(9) O dia estava muito quente e eu fiquei logo exausto.

Assim, eu posso dizer que:

(9a) Como/porque o dia estava muito quente, eu fiquei logo exausto.

Em (9a), temos a leitura pelo processo da hipotaxe adverbial. A segunda oração – *eu fiquei logo exausto* – funciona como consequência/efeito do calor, enquanto a primeira oração é a causa.

Pode-se ainda considerar a relação causa/efeito no processo da coordenação:

(9b) O dia estava muito quente; por isso fiquei logo exausto.

Nas duas possibilidades, existem dois fatos independentes, o primeiro: *O dia estava muito quente* e o segundo: *fiquei logo exausto*, com uma relação de causa e efeito. Podemos dizer que a independência é sintática, mas não semântica ou psicológica (GARCIA, 1988, p. 25).

Decat (2001), ao tratar de estruturas sem conectivo conjuntivo, chama a atenção para a justaposição adverbial. São orações que se articulam a porções de discurso sem que haja entre elas qualquer marca formal da combinação, estando, pois, justapostas.

Vamos observar o exemplo a seguir, retirado do trabalho da autora.

(10) pois havia feito uma ligadura de trompas *quatro anos atrás*.

Nesse exemplo, encontramos, segundo a autora, a oração grifada que está justaposta em relação à oração anterior. Assim, além das proposições explícitas que são constituídas pelas próprias orações, temos uma proposição implícita com inferência temporal, ou seja, a ausência de conjunção temporal não impede que se reconheça uma construção de valor temporal, em que o elemento sublinhado indica o tempo em que a ligadura foi feita. É a justaposição adverbial, proposta pela autora.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Vamos agora observar os exemplos destacados a seguir. Embora todos se apresentem formalmente como orações coordenadas, podemos inferir um valor adverbial.

a) Indique a relação semântica adverbial nas orações a seguir:

Eu deitei... eh apaguei a luz... *acabei de estudar apaguei a luz* (DECAT, 2001).

b) Podemos agora observar uma chamada que é muito comum em postos de gasolina. Indique a relação semântica adverbial nas orações seguintes:

Abasteça e ganhe uma ducha.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) O exemplo em questão representa uma amostra de fala, em que temos uma oração sublinhada – *acabei de estudar* – que, em relação à oração *apaguei a luz*, funciona com um valor temporal. É como se disséssemos que, “quando *acabei de estudar*, *apaguei a luz*”. Vocês podem notar que não há conjunção entre as duas orações, assim, elas são justapostas com valor adverbial de tempo.

b) Observamos que o exemplo apresenta a conjunção “e” entre as duas orações. Mas não podemos pensar que temos, por isso, uma coordenada, já que não percebemos nenhuma ideia de adição. Temos um período que aparentemente é bastante similar à coordenação, mas, se atentarmos para a chamada do posto de gasolina, o que temos é uma relação de condição-consequência, ou seja, o cliente só ganha uma ducha se ele abastecer naquele posto de gasolina. Temos aí uma falsa coordenada, isto é, ela apresenta a forma de uma coordenação mas valor semântico de condição-consequência.

Coordenação, falsas coordenadas e aposição

Bom, podemos continuar a nossa tarefa observando as orações coordenadas aditivas e adversativas, representadas pelos exemplos (11) e (12).

(11) Ele levantou cedo e preparou o café.

(12) Ele levantou cedo, mas não preparou o café.

Temos, nos dois períodos anteriores, orações independentes sintaticamente. Cada oração possui todos os seus constituintes e poderia ser utilizada pelo usuário em outra situação e o sentido se manteria, como pode ser observado nas orações a seguir.

(13) Ele disse que levantou cedo.

(14) Ele disse que não preparou o café.

Assim, nos exemplos (11) e (12), temos as chamadas coordenadas, cuja característica é a independência sintática. No primeiro caso, temos uma aditiva, em que a sequência de orações reflete a sequência de informação no mundo real. Então, primeiro você levanta e depois prepara o café. Não há a possibilidade de você primeiro preparar o café e depois se levantar. No segundo caso, temos a mesma sequência, mas marcada pela oposição. Ou seja, após se levantar, era esperado que a pessoa preparasse o café. O comportamento dela foi exatamente o não esperado, portanto, o oposto. Temos aí o caso de uma coordenada adversativa.

Mas, se observarmos o exemplo a seguir, podemos notar que, numa situação de brincadeira entre duas crianças, a frase não tem o sentido de uma ação seguir-se a outra ação, como no exemplo (11).

(15) Me dá a sua boneca e eu te dou a minha.

Pelo contrário, notamos que a criança está impondo uma condição à outra criança, ou seja, a outra só terá a boneca com a condição de dar a própria boneca. Então, aparentemente ou formalmente, temos duas ora-

ções independentes, mas com uma dependência semântica ou psicológica, já que observamos a relação de condição-consequência. Assim, temos (15a) com um valor semelhante ao do processo de hipotaxe adverbial.

(15a) Se você me dá a sua boneca, eu te dou a minha.

Uma outra estrutura que se apresenta formalmente como justaposta, mas não funciona como tal, são algumas estruturas apositivas sem conectivos. Assim, o exemplo (16) de Dias (2009) apresenta a relação entre estruturas aparentemente coordenadas ou justapostas, mas, de fato, o que nós percebemos é uma estrutura apositiva. A diferença pode ser vista pelo impacto da semântica no discurso.

(16) *Vou de carro*, vou de Kombi.

O exemplo (16) apresenta duas orações que poderiam ser usadas em outros contextos de modo independente. Eu posso dizer que vou de carro, e pronto. Ou posso dizer que vou de Kombi, e a comunicação fica completa. Quando o falante coloca as duas orações uma do lado da outra, nós percebemos que a segunda oração delimita o tipo de carro, apresentando uma relação **HIPONÍMICA**. Tal relação semântica é peculiar da aposição e não da coordenação.

Ou seja, a Kombi é um tipo de carro, assim como Fiat etc. Então não temos uma estrutura de coordenação ou justaposição, sem conector, mas uma falsa coordenada, já que de fato a relação é peculiar da aposição.

HIPONÍMICA

A relação semântica hiperonímia/hiponímia entre as palavras revela que o hiperônimo apresenta uma referência mais ampla, de modo a compreender os vários hipônimos. Temos, então, “carro” como uma palavra mais ampla em relação à palavra “fusca”, por exemplo.

Dias (2009) considera que, na *construção apositiva*, a unidade B, sublinhada, expande a unidade A, em itálico, elaborando o significado de A, promovendo maior caracterização de um termo nomeado anteriormente, tornando mais clara a informação, fornecendo detalhes ou adicionando atributos. No exemplo a seguir, retirado do texto da autora, o falante caracteriza muito bem o que seja “baldeação”.

O exemplo (17) representa a realização mais frequente.

(17) de Cordovil até aqui. *Porque tem que fazer uma baldeação. Eu tenho que vim- pego ônibus na Brasil, venho até a central, não é? Da central, pego o metrô, venho até Botafogo, pego o quatrocentos e nove, venho até o ponto final, o resto, subo uns seiscentos metros a pé.* (PEUL/RJ. Dav)

A unidade B sublinhada é constituída de várias orações que, no conjunto, constituem um período longo e pesado. Contudo, observamos que todo o elemento sublinhado está dizendo em outras palavras, parafraseando, o que seja “baldeação” para o falante. A unidade apositiva sublinhada ocorre após uma pausa mais longa na fala.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Identifique e analise as orações grifadas. Diga se elas são coordenadas, “falsas coordenadas” ou apositivas. Justifique.

a) *Bateu, levou.*

b) *Retire o risoto do forno e sirva-o.*

c) *Ah, bom! Olha, eu morava num... num subúrbio de eu morava em Ramos (Censo/Peul).*

RESPOSTA COMENTADA

2. O referido exemplo acima apresenta uma estrutura justaposta, em que cada oração é independente uma da outra (uma não é constituinte sujeito ou complemento da outra) e não apresenta nenhum conectivo entre elas. Mas, se atentarmos para a relação semântico-discursiva, podemos depreender que (a) primeiro, alguém tem de bater para alguém levar/receber; (b) segundo, podemos considerar as paráfrases “se bateu, levou” ou “como bateu, levou”, em que as estruturas apresentam relações semânticas de condição-consequência e causa-consequência. Então, temos uma “falsa coordenada”, com independência gramatical e dependência semântica ou psicológica nos termos de Garcia (1988). Ou podemos afirmar que temos uma justaposição com valores semânticos da hipotaxe adverbial: condição e causa. Nos termos de Decat (2001), temos uma justaposição adverbial.

b) O exemplo dado instancia uma estrutura por coordenação, em que as orações apresentam independência gramatical ou sintática. Assim, eu poderia dizer, em determinado contexto familiar, “retire

o risoto” e o ouvinte entenderia a mensagem. Do mesmo modo, poderia dizer para o meu familiar “sirva-o” e ele, no contexto, saberia que teria de colocar alguma coisa à mesa, no caso, o risoto. Da receita de risoto, as duas orações apresentam-se numa sequência de eventos, já que primeiro você precisa preparar e levar o risoto ao forno e só depois poderá servi-lo. Não há a possibilidade de inversão das orações. Temos aí uma coordenação, com sequência obrigatória ou assimétrica, em que o valor semântico do “e” é de adição.

c) Embora a estrutura de língua falada se apresente como justaposta, não temos aí um caso de coordenação por justaposição. Temos, sim, um exemplo de apositiva, já que a oração eu morava em Ramos detalha, especifica o tipo de subúrbio, que é Ramos, apresentando uma relação hiponímica. Assim, quando temos relação de especificação, detalhamento de uma palavra da oração anterior, dizemos que temos um exemplo de oração apositiva.

CONCLUSÃO

As orações coordenadas podem ser articuladas com conjunção ou sem conjunção. Assim, a justaposição é inicialmente pensada para os casos em que as orações se colocam uma ao lado da outra, sem conectivo. São também chamadas de coordenadas assindéticas. Porém, quando atentamos para os usos corriqueiros, podemos notar que algumas justapostas apresentam sobreposição de valores adverbiais: relações semânticas de causa-consequência e de condição-consequência são as mais usuais. Encontramos ainda orações formalmente conectadas pela conjunção “e”, mas relações semânticas peculiares da hipotaxe adverbial, tais como: condição-consequência e causa-consequência, poderão ser observadas. São as “falsas coordenadas”. Além disso, algumas justapostas estão dentro da classe de orações apositivas, embora se apresentem na forma de justapostas. Quando apositivas, a segunda oração servirá para detalhar, especificar, tornar mais clara a informação contida na primeira oração. Encontramos, então, relação hiponímica, em que um termo esteja incluído no outro.

ATIVIDADE FINAL

Atende ao Objetivo 1

Observe os exemplos seguintes e explique se as orações sublinhadas constituem uma oração coordenada.

a) Ronaldo, o Fenômeno, venceu contusões gravíssimas e se tornou o maior artilheiro das Copas.

b) E esse rapaz que e- só saber dizer que ia me matar: “não sei o que” “lá fora, quando eu encontrar com você, eu vou te matar, vou te dar um... meter a peixeira” – por que lá, não é? (inint) usava a peixeira (Censo/Peul. Inform.:Man)

c) Comprou, levou.

RESPOSTA COMENTADA

a) O exemplo apresenta duas orações que estão em coordenação. As duas orações poderiam ser usadas pelo falante de modo independente. Assim, eu poderia dizer, em contextos bem diferentes, “Ronaldo venceu contusões gravíssimas” ou “ele se tornou o maior artilheiro das Copas”, e todos nós entenderíamos as mensagens. Ou ainda, a oração sublinhada não é constituinte da outra, ou seja, não funciona nem como sujeito, nem como complemento da primeira oração. Temos, pois, um caso clássico de coordenação em que a oração sublinhada adiciona informação à primeira oração. A oração sublinhada é uma coordenada aditiva.

b) As orações destacadas não representam uma coordenada, mas, sim, uma estrutura apositiva, já que a oração “vou te meter uma peixeira” é utilizada para detalhar, especificar o jeito de matar. A palavra “matar” denota um sentido mais genérico, enquanto “meter a peixeira” representa uma especificação do modo de matar. É uma relação semântica hiperonímia/hiponímia. Tal relação é peculiar da apositiva.

c) A estrutura c também se apresenta justaposta, tal como a anterior. Porém, podemos observar que ela é diferente do exemplo b. Por quê? Porque, se contextualizarmos o exemplo c, podemos observar que as relações semânticas possíveis são: causa-consequência e condição-consequência. Isto é, podemos dizer que “Como comprou, levou” ou ainda “Se comprou, levou”. Tais leituras são possíveis a partir da observação do contexto. Então não temos uma coordenada assindética, mas, sim, uma justaposta adverbial.

RESUMO

A coordenação e a subordinação são vistas como processos de combinação de orações, mas colocadas em dois extremos num *continuum*; já a hipotaxe adverbial e a correlação ficam no meio do caminho dos dois extremos. Podemos ainda considerar que as “falsas coordenadas” apresentam características formais de coordenação e valores semânticos de hipotaxe adverbial. A justaposta é a oração que se apresenta sem conector e pode ser denominada de coordenada assindética e de justaposta adverbial. Com a justaposta adverbial, há sobreposição de valores hipotáticos adverbiais.

As “falsas coordenadas” ou coordenação gramatical e subordinação psicológica representam aquelas combinações de orações que ficam no meio do caminho entre dois pontos no *continuum* de articulação de orações: a coordenação e a hipotaxe adverbial. As “falsas coordenadas” podem apresentar-se formalmente sem conjunção (as justapostas) ou com conjunção, geralmente “e”. Há ainda algumas estruturas apositivas que podem ser confundidas com as coordenadas propriamente ditas. Mas elas possuem características semânticas específicas, tais como detalhar, especificar, tornar mais clara a informação que se encontra na oração anterior.

A hipotaxe adverbial no uso

Nilza Barrozo Dias

AULA 5

Meta da aula

Apresentar a hipotaxe adverbial como um processo de combinação de orações.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar os tipos de orações hipotáticas adverbiais;
2. reconhecer as relações circunstanciais em orações sem a presença de conjunções adverbiais.

INTRODUÇÃO

Imagine a cena em que você declara para sua família, num domingo de manhã, com sol bem quente: “Vou ficar em casa hoje.” O espanto é geral e, então, você precisará não ser tão sucinto, tão econômico com as palavras. Deverá acrescentar informações adicionais à sua frase. Certamente, você fará uso das orações hipotáticas adverbiais, por elas existirem exatamente para realçar informação. Vamos começar com apenas três alternativas:

- (1) Vou ficar em casa hoje [*para ver o jogo do Flamengo*].
- (2) Vou ficar em casa hoje [*porque a minha namorada vem pra cá*].
- (3) [*Se a minha namorada vier pra cá*], vou ficar em casa hoje.

Observamos que, nas frases anteriores, os elementos sublinhados servem para realçar a informação “vou ficar em casa hoje”, que funciona como oração principal. Esta é uma oração com todos os seus constituintes, portanto, completa sintática e semanticamente. Do ponto de vista do discurso, as informações sob a forma de hipotaxe adverbial são muito relevantes para convencer os seus familiares. Na letra a, temos uma hipotática adverbial de finalidade; na letra b temos uma hipotática adverbial causal; e na letra c uma hipotática adverbial condicional. É bom lembrar que a informação central de uma sentença está contida no verbo e seus constituintes obrigatórios. A oração adverbial verbaliza informações adicionais e pode funcionar como adjunto de sentença.

Assim, nesta aula, iremos trabalhar com as orações adverbiais, considerando a noção de hipotaxe, no sentido de realçar, embelezar a informação contida na oração principal, e não com a noção de subordinação, no sentido de que ela seria vista como um constituinte oracional.

POR QUE, ENTÃO, AS ORAÇÕES ADVERBIAIS FICAM COMO HIPOTÁTICAS E NÃO COMO SUBORDINADAS?

Bem, as orações adverbiais não ficam no grupo das subordinadas por não serem selecionadas pelo verbo da oração principal, mas por se juntarem a ela, realçando a informação expressa pela oração principal. Além do mais, a nossa proposta considera não a análise da sentença descontextualizada, mas a análise da sentença no uso, ou melhor, no discurso. Agora observe:

(4) [Se eu comer muito na hora do café...] eu não vou ter vontade de almoçar... (Projeto NURC, DID/RJ).

No exemplo anterior, a oração principal é realçada, emoldurada pela informação “comer muito na hora do café”. Na visão tradicional, a classificação “subordinada adverbial” está baseada no pressuposto de que as *subordinadas adverbiais* equivalem a um adjunto de sua oração ou sentença principal, junto com as substantivas, que equivalem a um substantivo, e as adjetivas, que equivalem a um adjetivo. Mas, se observarmos atentamente a oração em (4), verificamos que a oração sublinhada é usada pelo falante para realçar, emoldurar a informação contida na oração principal – *eu não vou ter vontade de almoçar*. Esta possui todos os seus constituintes selecionados pelo núcleo verbal, estando, pois, completa sintaticamente.

No âmbito da gramática tradicional, as chamadas orações subordinadas adverbiais podem apresentar-se como desenvolvidas quando são iniciadas por conjunção e apresentam o núcleo nos tempos verbais dos modos indicativo e subjuntivo; e como reduzidas, quando apresentam seus verbos em uma das formas de infinitivo, gerúndio e particípio. Segundo Kury (1993), as subordinadas adverbiais podem apresentar-se justapostas, o que não é consenso na tradição gramatical.

Alguns estudiosos começaram a se preocupar em descrever a relação entre as orações no nível do discurso, e não apenas no nível sentencial, como se tem feito ao longo dos anos. Por isso, optaram por substituir o termo “subordinação” por parâmetros que servissem mais para descrever a relação entre orações, a “hipotaxe”.

Assim, autores como Thompson e Haimann (1988) postulam que há uma diferenciação entre orações que: (i) integram outra oração como seu constituinte (as orações-complemento, que são, na tradição gramatical, as subordinadas substantivas; e as adjetivas restritivas) e (ii) aquelas orações que não se prestam a este tipo de integração (as orações adverbiais, as adjetivas explicativas e todos os tipos de orações na forma de particípio). Os autores usam o termo “subordinação” só para o primeiro tipo. Há evidências de que não existe um fenômeno único de subordinação, mas que há tipos diferentes de interdependências entre as orações num texto ou discurso.

Nesta aula, ficaremos com as hipotáticas adverbiais, que são aquelas orações que não integram outra oração como seu constituinte, ou seja, estruturalmente. Elas são “hipotáticas”, uma combinação de orações que não sendo claramente coordenativas, também não são subordinativas. Ficam no meio do caminho, como pode ser observado na figura abaixo. Surge, assim, a diferença entre “subordinação” e hipotaxe.

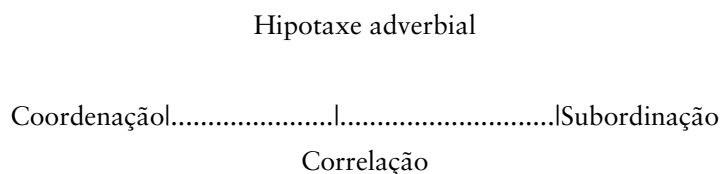


Figura 5.1: O *continuum* na combinação de orações.

As hipotáticas adverbiais são caracterizadas por indicarem “realce”, “destaque”, “embelezamento”. Elas estão dentro do “fenômeno de articulação de orações que se combinam para modificar, ou expandir, de alguma forma a informação contida em outra oração (ou porção de discurso), o que é manifestado pelas relações circunstanciais” (DECAT, 2001). Assim, as orações hipotáticas adverbiais realçam, salientam o significado de uma oração/sentença principal, qualificando-a com referência a tempo, lugar, causa, modo, condição, etc.

ALGUNS PONTOS SOBRE AS ORAÇÕES ADVERBIAIS

Rodrigues (2010, p. 50) destaca alguns pontos apresentados pelas gramáticas de linha tradicional sobre as orações adverbiais. Tais pontos nos permitem uma reflexão:

- a) As orações adverbiais apresentam uma quantidade variável, segundo as propostas dos gramáticos, e algumas não são contempladas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).
- b) Algumas orações adverbiais são contestadas quanto à sua natureza.
- c) As orações adverbiais podem ser construídas com todas as formas não finitas (sem conjunção): infinitivo, gerúndio e particípio, sendo que algumas orações adverbiais só se constroem na forma reduzida.

d) Algumas orações adverbiais podem ser construídas por série correlativa.

e) As orações adverbiais podem ocupar diferentes posições no período em que se encontram: antepostas e pospostas a sua oração principal.

Como podemos observar, as orações adverbiais não apresentam comportamento homogêneo. Castilho (2010) propõe, no campo da abordagem da **SINTAXE FUNCIONALISTA**, que:

- As adverbiais podem ser integradas em três grandes grupos: (i) causalidade: causais, condicionais, concessivas e explicativas ou conclusivas; (ii) temporalidade, com a inclusão das proporcionais; e (iii) finalidade.
- As adverbiais não podem ficar junto das substantivas e das adjetivas, por possuírem uma ligação mais fraca com a principal.
- As adverbiais podem ser parafraseadas por um adjunto adverbial, mas, ao se combinarem numa sequência de sentenças, elas se afastam da classe dos adjuntos. Deveriam ser descritas como “combinação de orações”, já que elas se combinam mais do que as substantivas e as adjetivas.

AS ORAÇÕES HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) considera nove tipos de orações adverbiais dentro das subordinadas. São elas:

- causais;
- comparativas;
- concessivas;
- condicionais;
- conformativas;
- consecutivas;
- finais;
- temporais;
- proporcionais.

As orações modais e as locativas não constam da NGB e nem de todas as gramáticas tradicionais. Nós as incluiremos nas nossas análises das hipotáticas adverbiais. Alguns gramáticos consideram as orações agentes da passiva dentro do grupo das hipotáticas adverbiais. Outros estudiosos as consideram dentro do grupo das subordinadas substantivas. Nós as incluiremos no grupo das subordinadas.

SINTAXE FUNCIONALISTA

Segundo Castilho (2010, p. 65), “A Sintaxe Funcional contextualiza a língua na situação interacional a que as estruturas se correlacionam, prestando atenção ao modo como a língua (...) representa as categorias sociais e cognitivas em sua estrutura gramatical”. Ou seja, o estudo da gramática é realizado em situação de uso, em textos que façam parte da vida do falante, quer sob a forma de conversas informais, em contextos legais/jurídicos etc.

Enumeraremos, a seguir, as orações adverbiais com exemplos retirados de língua falada (Projeto NURC), de língua escrita, revistas de grande circulação, e exemplos observados em situação de fala.

As estruturas com conectivo conjuntivo

a) Causais

Segundo Bechara (2000), a oração é causal “quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento expresso na oração principal”.

(5) [*Como só encontram liquidificadores, secadores de cabelo e televisores nacionais nas lojas*], muitos portenhos cruzam o Rio da Prata de balsa para comprar de tudo, até itens banais como ferros de passar roupa, no Uruguai (Revista *Veja*, 3/10/2012).

Assim o *motivo*, a causa de muitos portenhos cruzarem o Rio da Prata de balsa (para o Uruguai) é porque eles só encontram, nas lojas de Buenos Aires, eletrodomésticos nacionais. A hipotática adverbial grifada ocorre anteposta à oração principal – *muitos portenhos cruzam o Rio da Prata de balsa*.

b) Comparativas

As adverbiais comparativas são utilizadas pelo falante quando ele quer comparar duas orações que tenham algo em comum. Às vezes, o usuário pode comparar mais de um elemento, o que é incomum. Quando temos reunião entre iguais, temos a comparativa de igualdade; quando temos reunião entre elementos diferentes, temos a comparativa de superioridade e de inferioridade (NEVES, BRAGA & DALL AGLIO-HATTNER, 2011).

(6) então a aula prática é muito *mais* interessante [*do que a aula teórica...*] (Projeto NURC, DID SSA).

A oração hipotática de valor comparativo destacada está qualificando, expandindo de alguma forma a informação expressa na oração principal que a antecede – *então a aula prática é muito mais interessante*.

Do ponto de vista sintático, temos nos períodos comparativos uma interdependência de dois elementos, com o estabelecimento de um cotejo entre esses elementos do ponto de vista semântico (NEVES, BRAGA & DALLAGLIO-HATTNER, 2008).

Assim, o mecanismo de comparação pode ser explicado do seguinte modo:

Elemento comum: aula

Elemento em contraste: teórica/prática.

Marcador de contraste: MAIS

Expediente sintático do contraste: DO QUE

Juntura: *aula prática* mais interessante do que *aula teórica*.

Segundo Bechara (2000), nós usamos, em lugar de *mais bom*, *mais grande*, *mais mau*, *mais pequeno*, os comparativos sintéticos *melhor*, *maior*, *pior* e *menor*. Entretanto, se compararmos duas qualidades, deveremos usar comparativos analíticos *mais bom*, *mais grande* etc., em vez de usarmos os sintéticos *melhor*, *maior*, *pior* etc. Assim, temos, na norma culta padrão, segundo o autor:

[*Ele é mais grande*]/do que *pequeno*. (E não: Ele é maior do que menor.)

c) Concessivas

Rodrigues (2011, p. 52) utiliza uma conceituação de Said Ali (1969), que considera a oração concessiva como aquela que “exprime um fato que, podendo determinar ou contrariar a realização de outro fato principal, deixa, entretanto, de produzir o esperado ou possível efeito”. Bechara (2000, p. 496) considera que a oração concessiva “exprime um obstáculo – real ou suposto – que não impedirá ou modificará, de modo algum, a declaração da oração principal”.

As orações concessivas sinalizam contrariedade a uma expectativa, opondo-se à oração principal. Por isso, alguns autores as colocam dentro do grupo das orações contrastivas (junto das adversativas).

Observemos os dados a seguir, em que o exemplo (7) apresenta a oração hipotática concessiva antecedendo a oração principal, enquanto o exemplo (8) apresenta a hipotática adverbial concessiva posposta à oração principal.

(7) Eu gosto muito de chuchu [*embora todo mundo ache chuchu uma coisa sem graça... aguada*]... mas eu gosto (Projeto NURC, DID RJ).

A oração hipotática adverbial concessiva representa comentário do falante acerca de como as pessoas consideram o chuchu sem graça. Assim, a “coisa sem graça” não deveria interessar à falante, mas é um fato que não impede outro fato não esperado: que ela, falante, goste muito de chuchu; esta ideia está expressa na oração principal.

(8) mas gostaríamos demais de mais filhos [*embora eu fique quase biruta*]... (risos)) porque é muito a gente vive de motorista o dia inteiro (Projeto NURC, D2 SP).

A oração hipotática adverbial concessiva em destaque constitui uma conclusão e a informação contida na oração principal – *mas gostaríamos demais de mais filhos* – contraria esta conclusão. Em outras palavras, a concessiva não envolve relação entre fatos ou eventos do mundo, mas entre processos mentais, ou raciocínios do falante que o levam a determinada conclusão.

d) Condicionais

Segundo Bechara (2000), a oração adverbial exprimirá uma “condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal”. Elas repousam sobre uma hipótese, daí serem chamadas pela tradição de períodos hipotéticos. A oração condicional é também denominada pela tradição de **PRÓTASE** (ou antecedente) e a oração principal à qual a condicional se une de **APÓDESE** (ou consequente). Podemos, então, dizer que “a prótase expressa uma condição que poderá ser realizada, exemplo (9), não-realizada, exemplo (10) ou eventualmente realizada, exemplo (11)” (NEVES, BRAGA & DALL AGLIO-HATTNER, 2008).

(9) [*Se na mulher se retira os ovários (...), as glândulas mamárias*]... elas se atrofiam (Projeto NURC, EF SSA).

O exemplo anterior mostra a oração hipotática adverbial condicional (prótase) constituindo condição mais do que suficiente para o que é dito na oração principal (apódese) – *elas se atrofiam*. Este tipo de condicional é caracterizada por se colocarem dois fatos em relação.

PRÓTASE

Ou antecedente. É a oração condicional.

APÓDESE

Ou consequente. É a oração principal. “Em outras palavras, a prótase expressa uma condição que pode ser realizada, não realizada ou eventualmente realizada” (NEVES, BRAGA & HATTNER, 2008, p. 958).

(10) [*Se ele armazenou aquilo e devolve da mesma maneira como ele a recebeu*], ele não fez nenhum trabalho, ele não manipulou essa informação (Projeto NURC, EF POA).

A sentença hipotática adverbial condicional indica que o falante (um professor) confia na verdade do que ele afirma, o que constitui uma excelente motivo, condição, para que ele confie na sua conclusão expressa na principal (apódese) que se manifesta em duas orações: *ele não fez nenhum trabalho, ele não manipulou essa informação*.

(11) [*Se eu quero criar... uma réplica da realidade...um duplo do animal que eu quero caçar*] qual é o único estilo que eu posso usar? (Projeto NURC, EF SP).

A sentença hipotática adverbial condicional, hipotética, facilita o contexto que motiva a pergunta na oração principal.

e) Conformativas

As hipotáticas adverbiais conformativas exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro (KURY, 1993; RODRIGUES, 2010).

(12) o regime vai ter que aprender a conviver com esses “fantasmas” ou então chamar a Polícia para apurar tudo direitinho, [*como sugeriu o ministro*] (SILVA, 2011).

A oração hipotática adverbial sublinhada representa a ideia de conformidade em relação às informações contidas na sentença principal – *o regime vai ter que aprender a conviver com esses ‘fantasmas’ ou então chamar a Polícia para apurar tudo direitinho*.

f) Consecutivas

A oração consecutiva “denota o efeito do grau extraordinário a que se leva a quantidade, qualidade ou intensidade de alguma coisa mencionada em oração anterior” (SAID ALI, 1969). Segundo Kury (1993), “as consecutivas podem apresentar-se desenvolvidas simples e correlativas”.

(13) O sino tocava [*que se desfazia*] (CUNHA & CINTRA, 1985) .

A oração adverbial na forma finita de indicativo – *que se desfazia* – expressa uma consequência do grau extraordinário do repicar dos sinos. Foi uma tal intensidade no dobrar que a consequência foi um desfazer-se.

(14) O olhar de João era tão profundo [*que metia medo*].

A oração adverbial na forma finita de indicativo – *que metia medo* – expressa uma consequência da intensidade do olhar de João nas pessoas. O período apresenta dois elementos linguísticos explícitos – *tão*, *que* –, que se correlacionam na expressão da ideia de consequência. São chamadas também de correlatas consecutivas.

g) Finais

A oração hipotática adverbial de finalidade (ou final) indica a intenção, o objetivo de um sujeito expresso na oração principal. O conector mais utilizado na fala é o “para”, que demanda verbo na forma de infinitivo. Na escrita, podemos encontrar também “para que”, que demanda verbo no modo subjuntivo.

(15) não é? () eu não vou no cinema [*para me divertir*]? então vou ao teatro [*para me divertir*] (Projeto NURC, DID SP)

(16) onde os sindicatos podem realmente participar... ou participarem livremente... propondo... evidentemente... uma gama... enorme... de sugestões... e e podendo inclusive... eleger... representantes... [*para que esses mesmos representantes... sejam... seus porta-vozes...*], possam com isso propor... legislar fazer ver inclusive ao poder executivo...ver que determinadas classes... são carentes de determinadas... questões (Projeto NURC, D2 POA).

Os exemplos (15) e (16) instanciam oração principal seguida de uma hipotática adverbial de finalidade. No exemplo (15), temos um sujeito agente, eu, na oração principal – *vou no cinema* – que tem o propósito, a finalidade de divertir-se. No mesmo exemplo, temos outra oração principal – *vou ao teatro* –, que tem manifestado um sujeito

agente, eu, que tem o propósito de divertir-se. O alvo, fruto do propósito, da intenção, se realiza na forma de oração hipotática de finalidade. No exemplo (16), temos um sujeito, *os sindicatos*, marcado pela possibilidade de eleger seus representantes com uma finalidade: os representantes serão seus porta-vozes.

h) Proporcionais

As hipotáticas adverbiais proporcionais denotam um fato que diminui ou aumenta no mesmo sentido ou em sentido contrário ao fato que se declara na oração principal (SAID ALI, 1969; BECHARA, 2000).

(17) A turma melhorava o seu rendimento [*à proporção que fazia exercícios de fixação*].

A oração hipotática adverbial proporcional indica que “fazia exercícios de fixação” é um fato que ocorre proporcionalmente a um outro fato, “a melhoria do rendimento da turma”.

i) Temporais

A oração hipotática adverbial temporal indica o tempo da realização do fato expresso na principal (BECHARA, 2000). Segundo Neves, Braga, Dall’Aglio-Hattner (2008), o discurso oral do português apresenta sentenças hipotáticas de tempo, quer antepostas, quer pospostas, quase exclusivamente introduzidas pela conjunção “quando” e raramente por “enquanto”. O tempo poderá ser marcado numa estreita relação com as conjunções ou locuções conjuntivas. Temos, então, os tempos anterior, posterior, frequentativo, concomitante e tempo limite (BECHARA, 2000). Vejamos os exemplos abaixo, que representam os tempos anterior, exemplo (18), posterior, exemplo (19), e concomitante, exemplo (20).

(18) com a possibilidade inclusive de comer peixe fresco, come [*quando eu levo*] (Projeto NURC, D2 POA).

A oração hipotática adverbial denota tempo anterior, com leitura de recorrência da ação de *levar*, além de percebermos uma leitura de hipotaxe adverbial condicional. Podemos considerar as duas análises de tempo e condição como certas. Assim, alguém come peixe *sempre que der e se der*.

(19) [*Quando você decidir perder os quilos em excesso, pelo menos no início do projeto*], não se proponha a mais nenhum grande objetivo na vida.

A oração hipotática adverbial temporal representa o tópico sobre o qual vai se falar, que é a decisão de perder quilos com uma determinada dieta. Em seguida, ocorre a oração principal, que é representada por um aconselhamento do falante para que o ouvinte se concentre no objetivo proposto, descartando quaisquer outros objetivos. A oração hipotática adverbial temporal denota tempo posterior àquele expresso na oração principal.

(20) [*Enquanto os cinco anéis olímpicos foram criados em 1913*], os agitos, que são as três formas assimétricas que representam movimento, surgiram em 2003.

A oração hipotática temporal, iniciada pela conjunção “enquanto”, indica um tempo que é concomitante ao tempo da oração principal – os *agitos* só *surgiram em 2003*. Em outras palavras, o surgimento do agito ocorre ao mesmo tempo em que os cinco anéis olímpicos já tinham sido criados e continuavam a existir.

j) As locativas

As orações adverbiais locativas não estão dentro da proposta da Nomenclatura Gramatical Brasileira. Segundo Kury (1993), equivalem a um complemento adverbial de lugar e são introduzidas pelo advérbio de lugar *onde*. Segundo Bechara (2000), são iniciadas por *onde*, *quem*, quanto sem referência a antecedentes.

(21) Os mortos ficam bem [*onde caem*] (KURY, 1993).

O exemplo (21) apresenta uma oração locativa. Podemos perceber seu valor adverbial, já que não é selecionada pelo verbo “ficar”, portanto está emoldurando a informação contida na oração principal. Além do mais, o “onde” não faz referência a nenhum elemento da oração anterior, ou seja, o “onde” não tem antecedente. Se tivesse antecedente, seria uma oração adjetiva e não adverbial.

k) As modais

As orações hipotáticas adverbiais modais exprimem o meio, a maneira de realização do fato enunciado na oração principal. Segundo Silva (2011), elas são bastante comuns em textos escritos de revistas de grande circulação, na forma de gerúndio.

(22) (...) Aliviar a guarda nacional do serviço ordinário [*sem prejudicar os fins elevados* (...)](SILVA, 2012).

A oração modal em destaque exprime o meio, a maneira encontrada para aliviar a guarda nacional do serviço ordinário, que constitui a oração principal. A oração modal está expressa na forma não finita de infinitivo, mas iniciada pela preposição “sem”.

(23) Ela saiu, [*gritando pela rua*].

A oração modal grifada exprime a maneira, o modo com “ela” saiu, isto é, gritando pela rua. A oração está expressa na forma não finita de gerúndio, sem conjunção.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Classifique as orações adverbiais em destaque, justificando sua resposta.
a) Não pode haver reflexão [*onde tudo é distração*] (BECHARA, 2000).

b) [*Se Vossa Excelência não admite a controvérsia*], seria melhor sugerir que fosse abolida a figura do revisor (LEWANDOWSKI. Veja, 3/10/2012, p. 65).

c) A diversidade, a variedade e a maleabilidade do EXPRESSO dão-lhe possibilidades quase inesgotáveis de adaptação a situações novas e de resposta a necessidades diferentes. E já provamos que tudo isto pode ser feito [*conservando a fidelidade dos leitores*], [*garantindo a identidade do projeto*] [*e respeitando a matriz da fundação*] (SILVA, 2011, p. 73).

d) *[Como choveu muito]*, os bueiros entupiram.

e) *[Quando estourou o mensalão]*, fiquei chocada com o valor. Não sei se foi inocência minha, burrice, mas hoje vejo tudo com mais clareza (*Veja*, 03.10.2012, p. 71).

RESPOSTA COMENTADA

1. a) A oração hipotática adverbial em destaque funciona como “locativa”, emoldurando a informação contida na oração principal que a antecede. O advérbio de lugar “onde” não retoma a palavra “reflexão”, sendo, portanto, sem antecedentes.

b) A oração adverbial condicional estabelece uma condição – a possível não admissão de uma controvérsia – em relação à consequência – a sugestão de abolição da figura do revisor. A relação entre a oração condicional e sua principal pressupõe que o falante, Ricardo Lewandowski do Supremo Tribunal Federal, confia no seu julgamento e conclusão, o que o leva a estabelecer uma condição que terá como consequência uma sugestão e não um fato.

c) O valor adverbial modal pode ser observado em três orações hipotáticas, marcadas pelos verbos conservando, garantindo e respeitando. Tais orações indicam o modo, a maneira como tudo pode ser feito. As orações modais se realizam na forma não finita de gerúndio.

d) A oração hipotática adverbial em destaque denota um valor causal em relação à oração principal, que denota uma consequência da referida causa. Assim, a causa de os bueiros estarem entupidos é devido a muita chuva.

e) A oração hipotática em destaque indica valor adverbial temporal em relação à oração principal – fiquei chocada com o valor. Poderíamos dizer que “assim que estourou o mensalão” denota um tempo anterior àquele expresso pela oração principal, pois, primeiro estourou o escândalo e só então a pessoa ficou chocada com o valor.

As estruturas sem “conjunções”

A justaposição hipotática ou adverbial

Algumas estruturas sem conjunção poderão apresentar relação adverbial não explicitada. O contexto auxiliará na identificação da relação adverbial, sendo possível, em alguns casos, algumas pistas linguísticas. Decat (2001) propõe a denominação de *justaposição adverbial* para os casos em que não temos conjunção explícita, mas podemos depreender relação adverbial normalmente encontrada em combinação de orações com conjunções. Depreendemos, então, que a ausência da conjunção não impede que identifiquemos as relações nas combinações de orações.

Bechara (2000) considera tais estruturas como orações justapostas de valor contextual adverbial. Segundo o autor, a justaposição, no nível do texto, pode apresentar as interpretações: concessivas, condicionais, temporais e finais.

Vejamos alguns exemplos de relação hipotática adverbial por justaposição.

(24) [*Aconteça o que acontecer*], vamos ao cinema.

Observamos que o elemento grifado denota um valor concessivo, em relação à oração “vamos ao cinema”. Esta apresenta todos os seus constituintes, sendo a oração adverbial concessiva usada para realçar, salientar o significado da oração principal. Assim, não importa se acontecer algo muito grave, que poderia me levar a desistir de ir ao cinema, mas, mesmo assim, nós vamos.

(25) [*Tivesse eu mais tempo*], iria com você a Paraty.

A oração adverbial grifada instancia um valor condicional, embora não apresente nenhuma conjunção condicional, estando, pois, justaposta a outra oração – *iria com você a Paraty*. O valor adverbial condicional pode ser depreendido do contexto de uso e, segundo Bechara (2000), da entoação descendente.

(26) Essa afirmação é muito comum entre os professores do segundo grau e, na verdade, revela um desconhecimento da tendência esboçada pela UFMG, [*já há algum tempo*] (DECAT, 2001).

A codificação da relação hipotática adverbial foi feita por justaposição, sendo que a oração sublinhada indica valor temporal em relação à informação esboçada na oração anterior.

A hipotaxe adverbial não conjuncional de infinitivo, gerúndio e particípio

As orações hipotáticas adverbiais podem se manifestar através dos morfemas de infinitivo, gerúndio e particípio, com exceção, segundo Cunha & Cintra (1985), das comparativas, conformativas, consecutivas, locativas e proporcionais.

As orações adverbiais de infinitivo podem ter seu verbo no infinitivo preposicionado. Mas elas não são iniciadas pelas conjunções adverbiais.

(27) Eu levantei cedo [*a fim de/para preparar o café*].

(28) [*Antes de/Após/Ao mexer no texto*], vi que os exemplos estavam fora de ordem.

Os exemplos anteriores mostram que as orações expressas no *infinitivo* podem ser iniciadas por locuções prepositivas, preposições e advérbios. Em (27), observamos uma hipotática adverbial final que pode ser introduzida por “a fim de” e “para”. O exemplo (28) representa uma adverbial temporal introduzida por locução prepositiva “antes de”, advérbio “após” e preposição “a” combinada com “o” = “ao”.

Segundo Castilho (2010), as *gerundiais* exploram os valores básicos de meio, de instrumento e de modo, dada a sua origem latina. O gerúndio possui propriedades de adjetivo e advérbio, por isso pode funcionar como orações adverbiais e adjetivas. Em alguns casos, podem ser feitas as duas análises ao mesmo tempo.

(29) ...criava uma impossibilidade de você [*mesmo tendo dinheiro*] se locomover (Projeto NURC, D2 RJ).

(30) ...você sai oito horas da manhã, chega lá [*amanhecendo o dia*] (Projeto NURC, D2 SSAL).

As orações gerundiais grifadas realçam, expandem a informação contida nas orações principais – *você se locomover*, em (29), e *chega lá*, em (30). Assim, a oração adverbial concessiva em (29) indica que ter dinheiro – que geralmente cria capacidade de locomoção – resulta, ao contrário, numa incapacidade de locomoção. Já a oração adverbial – *amanhecendo o dia* – expressa valor temporal, expandido, realçando a informação da oração principal em (30).

As *participiais* são menos comuns como adverbiais. Citamos um exemplo de Bechara (2000) em que a oração participial apresenta um valor condicional e está anteposta em relação à oração principal – *honraremos nosso país*. Observamos que a regra de concordância – verbo e sujeito – é uma exigência da língua.

(31) Entramos em uma batalha, onde, [*vencidos os inimigos*], honraremos nosso país (BECHARA, 2000).

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Classifique as hipotáticas, destacadas e sem conectivos, quanto às suas relações circunstanciais.

a) Depois que o ônibus enguiçou, os passageiros depredaram o ônibus, *[quebrando vidros e para-brisas]*.

b) *[Tivesse vindo outro padre]*, não haveria tantos problemas na comunidade.

c) *[Depois de tomar banho]*, passe o creme no corpo.

RESPOSTA COMENTADA

2. a) A *oração adverbial* – quebrando vidros e para-brisas – *expande e realça a informação da oração principal* – os passageiros depredaram o ônibus – *através da circunstância de modo*. Ou seja, a *oração principal* possui todos os seus constituintes, sendo completa sintaticamente. A *oração adverbial* vai determinar o tipo de depredação, por isso ela é usada para expandir e realçar a informação da *oração principal*. Ela se realiza na forma de gerúndio.

b) A *oração sublinhada* expressa um valor adverbial condicional em relação à *oração* que lhe segue. A *oração adverbial* poderia ser desenvolvida como: Se tivesse vindo outro padre. O valor adverbial expande a informação contida na *oração principal*, já que ela constitui uma hipótese e a *oração principal*, uma solução para a hipótese levantada. A *oração hipotática adverbial* está na forma de gerúndio.

c) A *oração sublinhada* instancia um valor adverbial temporal em relação à *oração* que a segue, expandindo, realçando, desse modo, a informação contida na *oração principal*. A *oração* é constituída de verbo infinitivo antecedido de uma locução prepositiva.

CONCLUSÃO

As orações hipotáticas adverbiais não fazem parte do grupo das subordinadas propriamente ditas por não serem constituintes obrigatórios da oração principal. Elas servem para realçar, expandir, embelezar a informação contida na oração principal, através das circunstâncias expressas: as causais, as comparativas, as concessivas, as condicionais, as conformativas, as finais, as temporais e as proporcionais. As orações modais e as locativas não são reconhecidas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, embora elas possam ser encontradas no português em uso. As hipotáticas podem ser expressas por conjunções *e/* ou por estruturas não conjuncionais. Dentre estas últimas, temos as justapostas adverbiais e aquelas reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Classifique as orações hipotáticas destacadas. Indique a oração principal:

a) [*Depois que o ônibus enguiçou*], os passageiros depredaram o ônibus, quebrando vidros e para-brisas.

b) [*Se você perdeu o feirão de fábrica Fiat*], corra até uma concessionária mais próxima e aproveite.

c) Vou pagar muito mais [*do que paguei a primeira (parcela)*] (Projeto NURC D2 RJ).

d) Eu não estou assim muito por dentro dos preços dos alimentos [*embora eu ouça minha tia às vezes falar que está tudo muito caro*] (Projeto NURC DID RJ).

e) *[Já que você está querendo fazer uma viagem]*, eu vou lhe contar hoje sobre uma viagem (Projeto NURC D2 SSA).

f) “Fique *onde está*” (KURY, 1993).

g) O idoso tentou respirar, *[sem fazer ruído]*.

2. Identifique os valores adverbiais possíveis nas orações em destaque sem elemento conjuncional.

a) *[Chegando em casa]*, soltou o verbo e todo mundo brigou.

b) *[Tinha que ter um assunto qualquer]* e eu peguei esse (DECAT, 2001).

c) *[Caminhando pelo calçadão da praia]*, vi muita gente bonita.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) A oração hipotática destacada expande, realça a ideia expressa na oração principal – os passageiros depredaram o ônibus – através do valor semântico adverbial de tempo. É, portanto, uma hipotática adverbial temporal.

b) A oração adverbial destacada realça através do valor circunstancial condicional a principal, constituída de duas orações – corra até uma concessionária mais próxima e aproveite. A adverbial condicional manifesta uma ideia de hipótese.

c) A oração hipotática destacada expande, realça a ideia expressa na oração principal – vou pagar muito mais. O realce ou embelezamento é feito pelo valor circunstancial comparativo.

d) A oração hipotática destacada embeleza, realça a ideia expressa na oração principal – eu não estou assim muito por dentro dos preços dos alimentos. O valor circunstancial é de concessão.

e) A oração hipotática destacada embeleza, realça a ideia expressa na oração principal – eu vou lhe contar hoje sobre uma viagem – através do valor circunstancial de causa. Temos, então, uma adverbial causal anteposta à sua principal.

f) A oração destacada representa uma adverbial locativa em relação à oração anterior. O advérbio “onde” não possui antecedente.

g) A oração hipotática adverbial destacada representa uma expansão da oração principal, por ser usada para realçar a informação através da especificação do tipo de respirar. A oração adverbial modal está na forma de infinitivo antecedita da preposição “sem”.

2. a) A oração destacada realça a principal, indicando uma circunstância de valor temporal. Poderíamos parafraseá-la pela oração “Assim que chegou em casa”, que ocupa a posição anteposta à principal, que é representada por duas orações: soltou o verbo e todo mundo brigou.

b) A oração destacada estabelece uma relação adverbial causal em relação à oração e eu peguei esse. Embora não consigamos recuperar o conectivo, podemos identificar a relação adverbial existente.

c) A oração destacada embeleza, realça a informação contida na oração principal – vi muita gente bonita –, indicando mais de um valor circunstancial. Podemos recuperar, embora não haja conjunções, os valores adverbiais de tempo e causa. Teremos: Quando/como estava caminhando pelo calçadão da praia, vi muita gente bonita.

RESUMO

Esta aula versa sobre as orações hipotáticas adverbiais que indicam valores circunstanciais determinantes na classificação das orações. Temos as causais, as comparativas, as concessivas, as condicionais, as conformativas, as consecutivas, as finais, as temporais e as proporcionais. Além dessas reconhecidas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, temos ainda as modais e as locativas que já são reconhecidas por alguns gramáticos. As orações hipotáticas adverbiais não foram consideradas dentro do grupo das subordinadas, por não serem constituintes obrigatórios exigidos pelo verbo da oração principal. A função de adjunção, peculiar das hipotáticas adverbiais, existe para realçar, embelezar, expandir a informação contida na oração principal.

Hipotaxe adverbial (continuação) e fixação de conteúdos correlatos

Edila Vianna da Silva

AULA 6

Meta da aula

Discutir os aspectos controvertidos da análise das orações ditas subordinadas adverbiais.

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. caracterizar o mecanismo sintático da hipotaxe adverbial;
2. distinguir orações hipotáticas de subordinadas.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, você trabalhou com a conceituação, os instrumentos e os tipos fundamentais das orações hipotáticas adverbiais. Nesta aula, vamos aprofundar certas questões concernentes às orações que expressam circunstâncias e sua relação com outras orações subordinadas, como as adjetivas explicativas ou apositivas.

ORAÇÕES COMPLEXAS DE TRANSPOSIÇÃO ADVERBIAL

Bechara, conforme vimos em aulas anteriores, considera a denominação “período composto” inadequada e classifica a oração que tem um ou vários de seus termos representados por orações como “oração complexa”. De outra maneira, seria uma oração complexa o conjunto constituído por uma unidade matriz, a chamada oração principal da NGB, e outras unidades sintáticas, que se classificam como orações subordinadas (2001, p. 462).

Para o autor, então, as orações que expressam circunstâncias de um fato enunciado na oração matriz seriam transpostas por conectivos – as conjunções subordinativas adverbiais – ao *status* de subordinadas adverbiais.

Não se trata de uma posição unânime. O estatuto das orações adverbiais tem sido tema bastante discutido entre os linguistas modernos. Isto porque, como aponta Castilho (2000), se comparadas às subordinadas substantivas e adjetivas, elas têm em relação à sentença matriz uma ligação mais fraca, dada a sua função de adjunção. São adjuntos, termos *não* selecionados pelo verbo, mas termos que se *juntam* aos verbos para indicar-lhes circunstâncias de causa, concessão, tempo, finalidade e outras.

As particularidades sintáticas das adverbiais de se juntarem aos verbos em função não argumental e de expressarem relações lógico-semânticas têm intrigado os funcionalistas, entre os quais Neves, Braga e Hattnher (2008, p. 937), que propõem um estatuto próprio para essas orações, situando-as a meio-termo entre as coordenadas e as subordinadas. Isto quer dizer que, considerando-se os parâmetros universais de independência/dependência sintática propostos para diferenciar a coordenação da subordinação, bem como o critério de encaixamento, tem-se a seguinte configuração, visualizada no quadro a seguir:

Quadro 6.1: Quadro das orações quanto aos critérios de dependência e encaixamento

Orações	Dependência/ independência sintática	Encaixamento
Coordenadas	- dependentes	- encaixadas
Sub. substantivas e adjetivas restritivas	+ dependentes	+ encaixadas
Adjetivas explicativas (ou apositivas) e adverbiais	+ dependentes	- encaixadas

O quadro confirma que a designação *período composto* só se aplica adequadamente àquele constituído pelas *orações coordenadas*, da mesma forma que o termo *subordinação* se ajusta mais apropriadamente às substantivas, que têm função argumental, isto é, assumem função de constituinte do verbo da oração principal.

Para evitar confusão conceitual, em linhas gerais, os autores preferem a denominação *hipotaxe adverbial* para se referir às orações adverbiais porque, embora preserve o princípio de hierarquia, descaracteriza o de *encaixamento*. Além do mais, por conceberem que as informações adicionais expressas pelas orações adverbiais se prestam à organização discursiva, já que expandem as informações presentes na oração principal, alguns autores tratam-nas de orações *satélites* ou como *hipotaxe de realce*.

Nas gramáticas, as orações subordinadas adverbiais são classificadas de acordo com seu valor semântico, conforme a natureza da informação subsidiária ou circunstancial que trazem para a oração principal, resultando em uma nomenclatura correspondente à que é proposta para os adjuntos adverbiais na oração simples: *tempo*, *causa*, *condição*, *concessão*, *finalidade*, entre outras. Essa tipologia, porém, é determinada principalmente pelo tipo de conjunção que as introduz e, em menor grau, pelas relações inferidas da conexão entre as orações.

Por essa razão, muitas vezes, as análises desprezam o papel que as orações adverbiais exercem na organização textual e discursiva. Seguindo tal raciocínio, as orações subordinadas adverbiais teriam um papel secundário na organização do período. Análises de base funcional-discursiva criticam tal postura, como as realizadas por Decat (2001), cujo interesse é fornecer subsídios para uma melhor compreensão sobre a estruturação do discurso.

Para Decat (2001), o que importa não é classificar uma cláusula como adverbial ou subordinada, mas reconhecer a capacidade que elas têm de se combinar com outras. Portanto o que interessa é o exame das sentenças que mantêm alguma relação circunstancial com a cláusula ou sequência com a qual se combinam. É essa preocupação em descrever as cláusulas no nível do discurso que tem levado muitos estudiosos a abandonar o termo “subordinação” e examinar o fenômeno de *articulação* ou *combinação de cláusulas*.

Com base no que foi exposto, vamos examinar alguns tipos de orações, que, classificadas como subordinadas adverbiais em nossas gramáticas, se singularizam, entretanto, por um comportamento sintático diferente das demais, assim chamadas, subordinadas.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Comente a afirmativa a seguir com base na análise das frases que estão a seguir.

De acordo com abordagens mais modernas, há diferenças de natureza sintática entre os mecanismos de subordinação e de hipotaxe.

- a) Esperamos que a nova versão do trabalho seja a definitiva.
- b) Quando o verão chegar, os cariocas vão sofrer com o calor.
- c) Escolhi o presente que ele me deu no aniversário.
- d) Se sair agora, vou ficar sozinha.

RESPOSTA COMENTADA

1. As orações “que a nova versão do trabalho seja a definitiva” e “que ele me deu no aniversário” contraem com aquelas com que se articulam nos enunciados a e c uma relação de dependência,

pois são partes constituintes delas. Dizendo de outra forma, são encaixadas: a primeira é argumento do verbo esperar e a segunda integra o sintagma nominal constituído pelo núcleo presente, que ajuda a identificar, com a função de adjunto adnominal desse núcleo. Em resumo, relacionam-se por meio de subordinação. Já as orações “Quando o verão chegar” e “Se sair agora” são adjuntos dos verbos das orações com que se combinam, “os cariocas vão sofrer com o calor” e “vou ficar sozinha”, que podem constituir enunciados autônomos. Não estão encaixadas, embora haja um certo grau de dependência entre elas e as orações a que se ligam nos enunciados: combinam-se por meio de hipotaxe.

HIPOTÁTICAS CORRELATAS

Uma das propriedades das orações adverbiais, de acordo com a tradição gramatical, é o seu papel de adjunto adverbial de um verbo da oração matriz – ou principal. No caso das orações a seguir exemplificadas, isso não acontece.

1. [Estava *tão* preocupada] [*que* sua voz sumiu].
2. [*Quanto mais* o tempo passa], [*mais* descrente eu fico].
3. [Aquela loja de móveis anuncia *mais* vantagens] [*do que* pode efetivamente oferecer].

As subordinadas que formam este *corpus* expressam noções, respectivamente, de consequência, proporção e comparação, dos fatos enunciados nas orações matrizes com que se articulam e não há adjuntos adverbiais dessas espécies.

Outro fato a ser ponderado é a falta de mobilidade dessas orações em relação às matrizes, um dos traços que singularizam as adverbiais, conforme se nota em alguns exemplos de adverbiais que correspondem a adjuntos em orações simples (não complexas):

4. Estaremos longe, [quando ele chegar]. (*temporal*)
[Quando ele chegar], estaremos longe.

5. Trabalha muito [porque não conta com ninguém]. (*causal*)

[Porque não conta com ninguém], trabalha muito.

6. Cumpriremos o prazo de entrega da tarefa, se ela nos auxiliar.

(*condicional*)

[Se ela nos auxiliar], cumpriremos o prazo de entrega da tarefa.

Comparemos agora essas estruturas com as dos exemplos anteriores (1, 2 e 3). Tentemos mudar a ordem em que as orações consecutiva, proporcional e comparativa aparecem nos enunciados.

1a. *[*Que* sua voz sumiu] [estava *tão* preocupada]

2a. *[*Mais* descrente eu fico] [*quanto mais* o tempo passa],

3a. *[*Do que* pode efetivamente oferecer] [aquela loja de móveis anuncia *mais* vantagens].

Obtivemos estruturas agramaticais em português, marcadas com asteriscos, o que demonstra que a ordem dessas orações é fixa, não pode ser alterada sob pena de se construir um enunciado incoerente na língua. Se observarmos com atenção, perceberemos que elas mantêm com as outras a que se vinculam uma integração sintática mais estreita, que se caracteriza, comumente, pela presença de pares de termos ditos “**CORRELATOS**”, uns nas orações principais, outros nas adverbiais (tão ... que; quanto mais ... mais; mais ... do que).

O comportamento atípico, considerando-se a análise que se faz das adverbiais, justifica a colocação, por Mateus et al. (2003), desses tipos de orações em um grupo especial a que as autoras atribuem o rótulo de *construções de graduação e comparação*, no qual inserem também as conformativas, em que se subentende uma comparação.

Castilho (2002), em uma proposta detalhada sobre os tipos oracionais, refere-se às estruturas correlatas como *sentenças estruturadas por correlação ou paradedependência* e explica que se trata de sentenças que estabelecem relações de interdependência uma com a outra, como em [Estava *tão* preocupada] [*que* sua voz sumiu] e nos exemplos 2 e 3.

Na estruturação de uma frase, chama-se **CORRELAÇÃO** ao fato de um termo de uma oração determinar a presença de outro termo em uma oração que o acompanha. Exemplos: a) *Por um lado*, algumas pessoas se assustaram com a correria no centro de Maceió; *por outro*, vários comerciantes pediam calma. Nesse caso, a expressão *por um lado* exigiu a presença de *por outro lado*; b) *Tamanho* foi o susto *que* a professora desmaiou. Aqui, a palavra *que* foi exigida pela palavra *tamanho*. As palavras que contraem essa relação são chamadas de *correlatas*.

OUTROS CASOS DE HIPOTAXE

Decat (2001) chama a atenção para a existência de estruturas que manifestam relações circunstanciais ou de expansão da informação de outra cláusula, não integrantes dos casos clássicos da gramática tradicional. Exemplifica com algumas estruturas entre as quais comentaremos uma de língua escrita e outra da modalidade oral do português (DECAT, 2001, p. 112).

“Além do mais, o sistema de ensino seria o atenuador das desigualdades sociais, cabendo a ele também o papel de preservar o *status quo*, [além de ser um agente difusor das ideias dominantes].”

Para Decat, a oração entre colchetes mantém uma relação de adição com o todo, pois adiciona o fato mais importante de uma argumentação. Essa estrutura, que a Gramática classifica como oração reduzida de infinitivo, coordenada aditiva, é considerada pela autora e outros funcionalistas como um caso de hipotaxe por adição.

7. “então essa é a evidência... os alunos [em vez de colocarem isso] () eles colocavam coisa desse tipo assim...”

Na estrutura de língua oral acima, a cláusula destacada expressa uma relação de substituição, circunstância também não consagrada pela nomenclatura oficial, talvez em função de “a classificação das chamadas orações adverbiais estar presa a um número fixo de relações, que passam a ser vistas como categorias das quais não se pode fugir” (op. cit., p.113).

A autora faz referência também a cláusulas que, embora expressem circunstâncias, podem ser parafraseadas como adjetivas, fato reconhecido pela gramática tradicional.

Bechara (1992, p. 118), ao tratar da oração adjetiva explicativa, afirma que ela “não assume apenas sentido qualificativo, mas pode ainda exprimir uma relação de *fim*, *condição*, *causa*, *consequência*, *concessão*...”.

Kury (2002: 82-83) chega mesmo a admitir a existência de orações *adjetivas circunstanciais*, que, embora com menos nitidez do que nas orações adverbiais, exprimiriam matizes circunstanciais de *causa*, *concessão*, *condição*, *consequência* e *fm*. Exemplificando com frases do nosso cotidiano, podemos verificar as relações mencionadas.

8. Maria, [que já foi Chefe de Departamento], terá sucesso na nova atividade.

9. O Vermelho Futebol Clube, [que se disse preparado], acabou na segunda divisão.

10. Eu, [que afirmo isso], é porque conheço a vida].

As orações destacadas classificam-se tradicionalmente como subordinadas adjetivas explicativas, pois encerram uma explicação adicional sobre os antecedentes dos pronomes relativos, com o valor aproximado de um aposto explicativo desses nomes ou pronomes substantivos (*Maria*, *Vermelho Futebol Clube* e *eu*).

Percebe-se, entretanto, apesar da forma de adjetiva, uma noção circunstancial em cada um dos exemplos, se parafrasearmos as estruturas.

8a. Maria, [porque já foi Chefe de Departamento], terá sucesso na nova atividade.

9a. O Vermelho Futebol Clube, [apesar de se dizer preparado], acabou na segunda divisão.

10a. Eu, [se afirmo isso], é porque conheço a vida].

As paráfrases demonstram que as orações veiculam conteúdos circunstanciais, respectivamente, de *causa*, *concessão* e *condição*.

Se voltarmos ao quadro do início de nossa aula, vamos perceber que as adjetivas explicativas mostram comportamento sintático igual ao das orações adverbiais, no que concerne às características de dependência/independência e encaixamento: são + dependentes e – encaixadas.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Observe as circunstâncias expressas pelas orações adjetivas e aponte as estruturas de natureza adverbial a elas correspondentes:

- a) Cláudio, *que votou no candidato vencedor*, contrapôs-se a todas as suas medidas.
- b) O Congresso vetara tal medida, *que não representava as diversas correntes da opinião pública*.
- c) Tem você alguma sugestão *que eu incorpore ao regulamento*?
- d) O próprio Cristo, *que conhece a índole dos homens*, ficaria confuso com o que está ocorrendo.

RESPOSTA COMENTADA

2. Em a e d, as orações “que votou no candidato vencedor” e “que conhece a índole dos homens” expressam a noção circunstancial de concessão (= a) *embora tivesse votado no candidato vencedor*; e d, *embora conheça a índole dos homens*).

Em b, a oração “que não representava as diversas correntes da opinião pública” expressa a circunstância de causa (= *porque não representava as diversas correntes da opinião pública*).

Em c, a oração “que eu incorpore ao regulamento” expressa a circunstância de finalidade (= *para que eu a incorpore ao regulamento*).

As orações comentadas têm natureza hipotática; são adjetivas explicativas e subsidiariamente representam circunstâncias.

Períodos coordenados (assim classificados, de acordo com a gramática tradicional) podem exprimir conteúdos circunstanciais. Podemos observar o fato em um comentário feito por Rodrigues (2010, p. 65), sobre uma mensagem de um texto publicitário.

11. Sai costura, entra conforto.

A frase é constituída por duas orações coordenadas assindéticas; temos, portanto, um período composto por coordenação. Podemos, todavia, inferir uma relação circunstancial que emerge da combinação das duas cláusulas.

Essa mensagem apareceu em uma propaganda de roupa íntima sem costura, uma novidade no mercado, na ocasião da publicidade. Parafraseando o texto, podemos entender o que ele quer transmitir ao consumidor:

11a. Caso saia costura, entra conforto. (relação de condição) ou

11b. Quando sai costura, entra conforto. (relação temporal)

Percebe-se, pelo exemplo, uma proximidade maior entre as cláusulas circunstanciais e as coordenadas do que entre aquelas e as substantivas e as adjetivas restritivas. O fato comprova seu menor grau de independência em relação à oração matriz e explica porque os alunos confundem, com frequência, estruturas coordenadas com adverbiais.

CONCLUSÃO

Quando analisamos a abordagem das orações adverbiais pela gramática tradicional, percebemos que elas não apresentam características homogêneas e que podem formar subgrupos dentro do grupo maior das orações que expressam circunstâncias. Compreendemos também que a dicotomia coordenação x subordinação não é suficiente para dar conta de suas particularidades sintáticas e que, com mais propriedade, deve ser adotada a noção de *hipotaxe* para a expressão de seu papel discursivo de *adjunção* a uma cláusula matriz. Esse conceito evidencia que existem diferentes tipos de interdependência entre as cláusulas em um enunciado e, em suma, propicia uma análise que vai além do nível da sentença e atinge o nível do discurso.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Junte as orações em um único período e reconheça o mecanismo sintático empregado (hipotaxe ou subordinação).

a) Agiu com heroísmo. Era apenas um menino.

b) Os alunos receberam certificados. O estágio terminou.

c) Você não tem paciência. Não terminará este trabalho.

d) Os economistas previram. A situação econômica da Grécia vai estabilizar-se.

2. Forme orações complexas que expressem as relações indicadas entre parênteses.

a) Trabalhar muito; conseguir sucesso (concessão, hipotaxe adverbial)

b) Trabalhar muito; conseguir sucesso (condição, hipotaxe adverbial)

c) Trabalhar muito; conseguir sucesso (causa, hipotaxe adverbial)

d) Trabalhar muito; conseguir sucesso (tempo, hipotaxe adverbial)

RESPOSTA COMENTADA

1. a) Agiu com heroísmo [ainda que fosse apenas um menino].

b) Os alunos receberam certificados [porque o estágio terminou].

c) [Se você não tiver paciência], não terminará este trabalho.

d) Os economistas previram [que a situação econômica da Grécia vai estabilizar-se].

Em a, b e c, temos casos de hipotaxe adverbial, pois as orações entre colchetes estão ligadas por adjunção àquelas com as quais se articulam; são seus adjuntos. Em d, a relação entre as orações é de subordinação, uma vez que a oração entre colchetes está encaixada na primeira, isto é, funciona como constituinte obrigatório da oração, é o objeto direto do verbo prever, que aparece na primeira oração.

2. a Trabalhou muito [embora não tenha conseguido sucesso].

b [Se trabalhar muito], conseguirá sucesso.

c Conseguiu sucesso [porque trabalhou muito].

d [Quando trabalhar muito], conseguirá sucesso.

As orações marcadas por colchetes têm em relação à sentença matriz uma ligação mais fraca, dada a sua função de adjunção. São adjuntos, termos não selecionados pelo verbo, mas termos que se juntam aos verbos para indicar-lhes circunstâncias de concessão, condição, causa e tempo, respectivamente.

RESUMO

As orações adverbiais, consideradas pela tradição gramatical, como subordinadas, têm, diferentemente das subordinadas substantivas e adjetivas, uma ligação mais fraca em relação à sentença matriz, em função de seu papel de adjunto. Linguistas funcionalistas, por tal razão, propõem um estatuto próprio para essas orações, situando-as a meio termo entre as coordenadas e as subordinadas, caracterizando o que denominam de *hipotaxe adverbial*. As hipotáticas podem organizar-se formalmente com elementos correlatos ou não. Conteúdos circunstanciais são veiculados não apenas por orações ditas adverbiais, mas também ocorrem, como noções subsidiárias, em orações adjetivas explicativas e em orações coordenadas.

Revisão de conteúdos

*Edila Vianna da Silva
Nilza Barrozo Dias*

AULA 7

Meta da aula

Revisar o conteúdo das aulas anteriores (1 a 6).

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir os mecanismos sintáticos da coordenação e da subordinação;
2. caracterizar as orações coordenadas e hipotáticas;
2. diferenciar as orações hipotáticas das subordinadas.

INTRODUÇÃO

Os conteúdos de sintaxe, conforme devem estar observando, não apresentam dificuldades maiores do que outros já estudados por vocês, mas requerem bastante exercitação. Essa é a razão de dedicarmos duas aulas (esta é a primeira) exclusivamente para revermos a matéria já estudada por meio de tarefas de fixação dos assuntos comentados nas Aulas de 1 a 6. Façam os exercícios com muita atenção. Esperamos que sejam bastante proveitosos para sua aprendizagem.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. A partir das considerações feitas sobre as orações coordenadas nas Aulas 1 e 2, verifique se cada par abaixo contém orações do mesmo tipo, ou não. Justifique sua resposta.

a) Eu nem percebi, mas coloquei uma camisa rosa na virada do ano./
Madonna veio ao Rio a passeio e apareceu na sacada do hotel.

b) Ficarei em casa, porque o meu irmão vem me visitar./O excesso de calor toma conta do verão, então as praias ficam lotadas.

c) Você quer pudim ou sorvete?/Não quero nem pudim nem sorvete.

RESPOSTA COMENTADA

1. O primeiro par apresenta orações coordenadas; no primeiro período, a segunda oração é uma coordenada adversativa e, no segundo período, a segunda oração é uma coordenada aditiva. Portanto, este par contém o mesmo tipo.

O exemplo b apresenta pares diferentes. O primeiro período apresenta uma oração hipotática adverbial causal, introduzida por “porque”; já o segundo período se realiza por uma “falsa coordenada”, em que percebemos a relação de causa-consequência. Não temos, portanto, par de orações coordenadas.

O exemplo c se realiza em duas orações. Na primeira, temos coordenação entre “pudim” e “sorvete”, que funcionam como objeto direto

simples. A segunda oração possui coordenação dos elementos que funcionam como objeto direto simples. Portanto, não temos par de orações coordenadas, mas, de termos na função de objeto direto que são coordenados.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. De acordo com as Aulas 2 e 3, do ponto de vista textual-discursivo, algumas orações coordenadas (ou falsas coordenadas) se aproximam das adverbiais. Junte os pares que apresentam semelhanças discursivas. Classifique as orações para comprovar o que diz.

- a) Como não melhorava o calor, preferimos ficar em casa.
- b) Embora tivéssemos estudado muito para as provas, não conseguimos tirar nota alta.
- c) se cala *mas* não se dobra... sabe? (Projeto Nurc/ D2SP 360).
- d) Tomou Doril e a dor sumiu.

RESPOSTA COMENTADA

2. Em a, temos “Como não melhorava o calor”, que funciona como uma hipotática adverbial causal em relação à oração principal “preferimos ficar em casa”. O exemplo é semelhante, do ponto de vista semântico-discursivo, ao exemplo d, em que “Tomou Doril” funciona com valor causal em relação a “a dor sumiu”, que funciona como consequência na relação. No exemplo d, temos uma falsa coordenada. Nos dois exemplos, temos uma relação semântica de causa-consequência.

No exemplo b, temos um a hipotática adverbial concessiva – “embora tivéssemos estudado muito para a prova” – em relação à oração principal – “não tiramos nota alta”. Quando você estuda muito para uma prova, o esperado é que você tire nota alta, mas a expectativa

não foi atendida. Em c, temos uma coordenada adversativa – “mas não se dobra”. Neste exemplo, temos alguém que se cala, então o que se espera é que ela concorde, dobre-se, mas tal expectativa não é atendida, já que a pessoa não se dobra. Os exemplos b e c apresentam semelhança quanto ao valor semântico de oposição e contrariedade.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

3. As orações destacadas a seguir são hipotáticas adverbiais (Aula 5). Classifique-as, identifique as posições (anteposta, posposta e intercalada) em que aparecem em relação à oração principal e destaque a oração principal.

a) *Quando decidir perder os quilos em excesso*, pelo menos no início do projeto, não se proponha a mais nenhum grande objetivo...

b) Lá você não tem problema de transporte *porque a cidade é pequena* você se quiser vai a pé, a universidade é no centro da cidade (Projeto NURC/ RJ).

c) Dependendo do tipo de pimenta *se for pimenta-malagueta por exemplo* eu não gosto (Projeto Nurc /D2POA 291).

d) Mas a situação fica ruim demais *quando a gente descobre*.

e) (...) o regime vai ter que aprender a conviver com esses “fantasmas” ou então chamar a Polícia para apurar tudo direitinho, *como sugeriu o ministro* (SILVA, 2011).

f) Ele é tão inteligente *como o irmão*.

g) *Enquanto os cinco anéis olímpicos foram criados em 1913*, foi só em 2003 que nasceram os agitos, como são chamadas as três formas assimétricas nas cores verde, vermelha e azul.

RESPOSTA COMENTADA

3. A oração sublinhada em a é uma adverbial temporal em relação à oração principal “pelo menos no início do projeto, não se proponha a mais nenhum grande objetivo...”. Ocupa a posição anteposta em relação à oração principal.

A oração sublinhada em b é uma adverbial causal em relação à oração principal “lá você não tem problema de transporte”. A oração causal ocupa a posição posposta em relação à oração principal.

A oração sublinhada em c é uma adverbial condicional em relação à oração principal “eu não gosto”. A oração destacada ocupa a posição anteposta em relação à principal.

A oração sublinhada em d é uma adverbial temporal com matiz condicional em relação à oração principal que a antecede. A oração temporal ocupa a posição posposta em relação à oração principal.

A oração sublinhada em e é uma adverbial conformativa em relação à sentença principal que a antecede – “o regime vai ter que aprender a conviver com esses ‘fantasmas’ ou então chamar a Polícia para apurar tudo direitinho”. A oração conformativa ocupa a posição posposta em relação à principal.

A oração sublinhada em f é uma adverbial comparativa em relação à oração principal “Ele é tão inteligente”. A oração comparativa ocupa a posição posposta em relação à oração principal e possui o verbo não explícito “é”.

A oração sublinhada em g é uma adverbial temporal em relação a toda a informação que a sucede. A oração sublinhada ocorre na posição anteposta em relação à principal.

ATIVIDADE**Atende aos Objetivos 1, 2 e 3**

4. Leia o texto e faça o que se pede.

- 1 Poucos ramos da ciência avançaram tão rápido nos últimos anos quanto a astronomia. As descobertas que se fizeram por meio dos modernos telescópios na última década revelaram mais sobre o universo do que todo o conhecimento acumulado pelos cientistas nos quatro séculos anteriores,
- 5 *desde que* o italiano Galileu Galilei apontou sua rudimentar luneta para o céu. Fotos feitas por esses supertelescópios mostraram imagens inéditas dos planetas e de suas luas, ajudaram a entender o nascimento de estrelas, a formação das galáxias e o funcionamento dos buracos negros. O que pouca

- 10 gente sabe é que, por trás de boa parte dessas novidades, há sempre um cientista brasileiro. A descoberta de uma estrela de carbono, *que* na prática é um gigantesco diamante incandescente, a classificação das galáxias, a criação de uma técnica para explicar a viscosidade dos discos de gás ao redor das estrelas e até a construção de equipamentos para telescópios de última geração são proezas recentes de brasileiros *que* estão entre os melhores cientistas do mundo nessa área (RAMALHO, 1998, p. 70).

As observações a seguir são feitas com base no texto. Elas são *falsas* ou *verdadeiras*? Justifique.

- a) Há orações comparativas no primeiro e no segundo períodos.

- b) A conjunção grifada no trecho “... *desde que* o italiano Galileu Galilei apontou sua rudimentar luneta para o céu.” (l. 5) está empregada em sentido condicional.

- c) Os elementos do fragmento a seguir estão coordenados: “o nascimento de estrelas, a formação das galáxias e o funcionamento dos buracos negros.”

- d) os dois vocábulos em destaque (*que*) são conjunções integrantes e, portanto, iniciam orações completivas (ou subordinadas substantivas).

RESPOSTA COMENTADA

4. a) VERDADEIRA. No primeiro período, compara-se a rapidez do avanço da astronomia com o dos outros ramos da ciência: [Poucos ramos da ciência avançaram tão rápido nos últimos anos] [quanto a astronomia]. Como é comum nessas estruturas comparativas, os constituintes do segundo termo comparativo expresso por oração não aparecem claramente explicitados. No segundo período, compara-se o conhecimento do universo propiciado pelo telescópio com o a totalidade do conhecimento acumulado nos séculos que antecederam a sua invenção: [As descobertas [que se fizeram por meio dos

modernos telescópios na última década [revelaram mais sobre o universo] [do que todo o conhecimento acumulado pelos cientistas nos quatro séculos anteriores]...

b) FALSA. A locução conjuntiva *desde que* tem valor temporal; ela encabeça uma oração “desde que o italiano Galileu Galilei apontou sua rudimentar luneta para o céu”, que expande a principal com a informação sobre a circunstância de tempo em que se deu o fato expresso na oração matriz.

c) VERDADEIRA. Os elementos “o nascimento de estrelas, a formação das galáxias e o funcionamento dos buracos negros estão coordenados, pois formam uma sequência, isto é, são sintagmas que desempenham a mesma função, têm o mesmo valor sintático”.

d) FALSA. As palavras *QUE* grifadas são pronomes relativos, uma vez que retomam, substituem na oração em que aparecem, os referentes do pronome, respectivamente, estrela de carbono e brasileiros, seus antecedentes.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

5. Releia a Aula 6, examine o *corpus* a seguir e explique a razão de as orações entre colchetes não poderem ser propriamente classificadas entre as subordinadas adverbiais.

- a) Amava *tanto* o bairro [*que se recusava a abandoná-lo*].
- b) Quanto *mais* estudo, [*mais me convenço de meu desconhecimento*].
- c) Aquele jovem apregoa *mais* qualidades [*do que realmente tem*].

RESPOSTA COMENTADA

5. As subordinadas que formam este *corpus* expressam noções, respectivamente, de consequência, proporção e comparação, dos fatos enunciados nas orações matrizes com que se articulam e não há adjuntos adverbiais dessas espécies. Além disso, não podem ter sua ordem alterada em relação às orações a que estão ligadas – característica das típicas adverbiais – em razão de estarem ligadas

por instrumentos de conexão que são paradedpendentes. Trata-se de elementos correlatos: a conjunção que está em correlação com o advérbio tanto; a locução quanto mais com mais; o pronome adjetivo mais com a conjunção (do) que.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

6. De acordo com o que você já aprendeu (Aula 6), algumas orações adjetivas explicativas encerram um matiz circunstancial. Observe as circunstâncias veiculadas pelas orações adjetivas e aponte as estruturas de natureza adverbial a elas correspondentes:

- O chefe do departamento, *que não aprovou a saída da colega*, pediu licença sem vencimentos.
- A família decidiu contrariar a escritora, *que não seguia os princípios conservadores de todos*.
- Aquele grupo de alunos, *que se dizia pronto para o exame*, teve um resultado medíocre nas últimas provas.
- A própria congregação, *que conhece o temperamento do colega*, não poderia ter ficado confusa com sua decisão.

RESPOSTA COMENTADA

6. As orações sublinhadas classificam-se tradicionalmente como subordinadas adjetivas explicativas, pois encerram uma explicação suplementar sobre os antecedentes dos pronomes relativos, com o valor aproximado de um aposto explicativo dos referentes desses substantivos (*chefe do departamento; escritora, grupo de alunos, congregação*). Apesar disso, é nítida a noção circunstancial em cada um dos exemplos, se parafrasearmos as estruturas: a) O chefe do departamento, embora não tenha aprovado a saída da colega (*concessão*)...; b) a escritora, porque não seguia os princípios conservadores de todos (*causa*); c) grupo de alunos, embora se dissesse pronto para o exame... (*concessão*); d) congregação, se conhece o temperamento do colega... (*condição*).

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

7. Comente as possibilidades de classificação das orações entre colchetes (Aulas 5 e 6).

a) [Penetrando no quarto], despiu o hábito e deitou-se.

b) [Desse a ordem o governador], [consentisse na sua candidatura], o povo o levaria à vitória...

RESPOSTA COMENTADA

7. De acordo com a NGB, as três orações grifadas são subordinadas adverbiais. A primeira é temporal, uma vez que expressa circunstância de tempo; a segunda e a terceira, condicionais, pois indicam condição. Todas estão justapostas, isto é, articulam-se às suas principais sem o auxílio de conectivos. Além disso, a primeira é reduzida, já que o verbo que a estrutura está em uma forma nominal, o gerúndio. As outras duas, que se equivalem, em termos de papel sintático, são adjuntos adverbiais do verbo levar, da oração principal. Em estudos mais recentes, classificam-se as três orações como hipotáticas adverbiais, pois sua relação com a oração matriz não é de encaixamento, não são constituintes de um núcleo; elas estão em uma situação de adjunção com a matriz: funcionam como seus termos acessórios – sintaticamente falando – expandem os conteúdos dos verbos dessas orações.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 3

8. De acordo com Castilho (Aula 3), há *encaixamento*, nas estruturas “Disse [que vinha]” e “O menino [que chegou] é meu aluno”. Explique.

RESPOSTA COMENTADA

8. Para o autor, há encaixamento quando uma sentença insere-se em um constituinte de outra. Nos exemplos, a oração “que vinha” insere-se no sintagma verbal da primeira “disse” e a oração “que chegou” insere-se no sintagma nominal sujeito também da primeira oração “o menino é meu aluno”.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

9. De acordo com os comentários da Aula 1, explique a diferença entre coordenação e subordinação, com base nos sintagmas grifados na estrutura sintática que segue.

Papai temia *a perda do emprego* e *a falta de condições para a subsistência da família*.

RESPOSTA COMENTADA

9. Os sintagmas sublinhados estão subordinados à forma verbal “temia”, com a qual contraem a função de núcleos de seu objeto direto. Por outro lado, uma vez que têm o mesmo valor funcional, isto é, exercem a mesma função sintática, estão coordenados entre si. De outra maneira, enquanto há dependência sintática entre os SNs e o verbo – subordinação –, há independência sintática entre os SNs. Se transformarmos os sintagmas nominais em orações, teremos o mesmo fato. Vejamos:

[1. Papai temia] [2. perder o emprego] e [3. faltar-lhe condições para a subsistência da família].

As orações sublinhadas (2 e 3) estão subordinadas ao verbo “temer”, da oração principal (1) – são subordinadas substantivas objetivas diretas em relação à forma “temia” –, mas 2 e 3 não exercem função uma na outra: estão coordenadas entre si.

Resumindo: Coordenação = independência sintática; subordinação = dependência sintática.

CONCLUSÃO

Tivemos a intenção de focalizar, nesses exercícios, os aspectos que oferecem maior complexidade no que respeita à compreensão dos mecanismos de articulação das orações em português. Sem desprezar a visão tradicional, aqui também contemplada, pensamos propiciar um estudo reflexivo do *continuum* que vai da coordenação à subordinação com uma atenção especial às relações entre a hipotaxe e a coordenação e entre a hipotaxe e a subordinação. Esperamos que essas tarefas tenham sido esclarecedoras para as possíveis dúvidas de nossos alunos.

Correlação

Ivo da Costa do Rosário

AULA

8

Meta da aula

Apresentar a correlação como um processo distinto de ligação de orações (no âmbito do período composto) e de sintagmas (no âmbito do período simples).

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a correlação como uma estratégia sintática de ligação de orações e de sintagmas;
2. distinguir a correlação da subordinação e da coordenação.

INTRODUÇÃO

Você já deve ter percebido, ao longo do Ensino Médio, que somente a coordenação e a subordinação são apresentadas como processos de ligação de orações nos livros didáticos. Nesta disciplina, por outro lado, estamos aprendendo que essa simples distinção entre subordinação e coordenação não dá conta da complexidade de outras relações possíveis entre os sintagmas e as sentenças.

Assim, surgem algumas questões: O que é a correlação? Por que a correlação não está nos livros didáticos e em muitas gramáticas? Quais são os tipos de orações correlatas existentes? Essas e outras perguntas serão respondidas ao longo desta aula que iniciamos. Vamos, portanto, fazer uma viagem ao mundo da teoria da correlação.

PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA NGB

Você já imaginou se cada pessoa se referisse ao predicado com um nome diferente? E se alguém falasse em objeto direto quando quisesse dizer complemento nominal? E se falasse em adjunto adnominal ao se referir a um predicativo? Certamente seria uma grande confusão.

Não podemos afirmar que houve esse exagero no passado, mas certamente havia muita discórdia (como ainda há entre os estudiosos da língua) quanto aos termos que se deve atribuir às funções sintáticas de nossa língua. Para amenizar essa situação, foi necessário que se criasse uma norma ou um padrão. Isso teve a função de facilitar a referência aos termos sintáticos e também permitiu um melhor intercâmbio entre os estudiosos do idioma. Foi para atender a esses objetivos que a NGB foi criada. NGB significa Nomenclatura Gramatical Brasileira. Trata-se de um documento oficial do governo, cujo objetivo é apresentar um conjunto de termos que sirva como modelo para a preparação das gramáticas, dos livros didáticos e de outras obras. E por que estamos falando da NGB, se o nosso tópico é a correlação? Adiantamos parte da resposta: porque a NGB não incluiu a correlação em seu rol de conceitos.

Ainda hoje é marcante, em nossos compêndios, a polêmica quanto à existência e à caracterização da correlação, entendida como processo sintático distinto da coordenação e da subordinação. A maioria dos gramáticos tradicionais, por influência da Nomenclatura Gramatical Brasileira, não incluiu a correlação em suas obras, apesar de esse expediente sintático apresentar especificidades bem particulares em relação aos processos mais canônicos de ligação de sentenças.

A despeito de a NGB preconizar apenas a existência dos processos sintáticos de subordinação e coordenação, no âmbito do chamado período composto, houve vozes e opiniões dissonantes ao longo do percurso de sua normatização. Chediak (1960, p. 74), consultado acerca do assunto, na época da elaboração da NGB, afirmou: “É lamentável que o Anteprojeto tenha excluído a correlação e a justaposição como processos de composição de período.”

Ainda durante o período de consultas para a elaboração da NGB, Chediak (1960, p. 213) nos informa que o Departamento de Letras da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1958, também requereu a inclusão deste processo de estruturação sintática como distinto da subordinação e da coordenação. Contudo, a sugestão não foi acatada.

Segundo análise de Módolo (1999), a tendência a negar a existência da correlação em um nível paralelo à subordinação e à coordenação advém da herança do paradigma estruturalista, fundado nas dicotomias saussurianas. Filiado ao estruturalismo linguístico, Camara Jr. (1981), que até hoje exerce grande influência nos estudos linguísticos no Brasil, teria optado por defender opinião diversa da de Oiticica (1952), que defendia a inclusão da correlação como processo distinto dos demais. Uma vez que Camara Jr. (1981) era adepto da disposição binária dos conceitos de Saussure, para quem a existência de um terceiro conceito na esfera da descrição linguística aniquilaria a opção teórica pelas dicotomias, prevaleceu seu pensamento sobre os demais. É por isso que o próprio Oiticica (1952, p. 2) disse:

(Quanto ao estudo da correlação), faço-o agora o mais completo que posso. Outros, futuramente, com mais lazer, alargarão as pesquisas, pois, neste assunto, deparam-nos os autores, floresta inexplorada.

De fato, ainda há muito o que se explorar nessa grande floresta...

CONCEITO DE CORRELAÇÃO

Apesar de Camara Jr. (1981, p. 87) não defender a correlação como processo autônomo em relação à coordenação e subordinação, ainda assim, o autor a estudou em profundidade. Assim ele assevera: “a correlação é uma construção sintática de duas partes relacionadas entre si, de tal sorte que a enunciação de uma, dita prôtase, prepara a enunciação de outra, dita apódose”. Vejamos alguns exemplos, extraídos da pesquisa de Rosário (2012):

(1) Por isso, espero que o Presidente da República, que afirma nos jornais de hoje que até agora a epidemia, graças a Deus, não chegou ao Brasil, siga também os mandamentos de Deus e cumpra todas as ações preventivas, *não só* a União, *mas também* todos os Estados da federação.

(2) Paquetá já foi, num passado recente, uma área importante *não apenas* para os seus moradores, *mas também* um lugar de atração turística, incluindo turismo local, de pessoas de baixa e média renda.

(3) Com esta soma de crime organizado e milicianos eles consagram ainda mais a política do extermínio. Mas convivem, nos camarotes do carnaval – *não só* o governador do Estado *como também* o presidente da República e o prefeito –, com os banqueiros do jogo do bicho, os verdadeiros controladores do crime organizado no nosso Estado.

Em cada exemplo anterior, constatamos a existência de um par correlativo. No primeiro exemplo, a prótase é “não só a União”, e a apódose é “mas também todos os Estados da federação”. No segundo exemplo, a prótase é “não apenas para os seus moradores”, e a apódose é “mas também um lugar de atração turística, incluindo turismo local, de pessoas de baixa e média renda”. Por fim, no terceiro exemplo, a prótase é “não só o governador do Estado”, e a apódose é “como também o presidente da República e o prefeito...”. Em todos os casos apresentados, tanto a prótase quanto a apódose são introduzidas por um correlator, ou seja, por uma partícula que é responsável por unir um termo ao outro. Os correlatores apresentados são: (1) não só... mas também; (2) não apenas... mas também; (3) não só... como também.

Relembrando o que você já viu nas aulas anteriores, prótase e apódose são termos muito utilizados para se fazer referência aos termos do período composto (ou oração complexa). Normalmente, a primeira parte de um período composto é chamada de *prótase*. Por consequência, a segunda parte é chamada de *apódose*. Esses conceitos têm a ver, portanto, com a ordem em que a informação é dada no período. Assim, o primeiro termo da correlação sempre será chamado de *prótase*; já o segundo, sempre será chamado de *apódose*. Por exemplo, na construção correlata *Ele não só veio como também trouxe os amigos*, a prótase é *Ele não só veio* (1ª parte). A apódose, por sua vez, é *como também trouxe seus amigos* (2ª parte).

Cabe destacar que, pela definição apresentada, a correlação não é operada apenas no nível do período composto, ou seja, a correlação não pode ser considerada apenas uma estratégia sintática de união de orações. Os exemplos (1), (2) e (3) mostram exatamente isso.

Segundo Camara Jr. (1981), a correlação apresenta um arranjo sintático particular, composto por duas partes (prótase e apódose), mas que se estabelece tanto por meio da coordenação como por meio da subordinação. Seria, portanto, uma espécie de subtipo destas. Vários teóricos concordam com Camara Jr. (1981), como Bechara (1999), Luft (2000) e Kury (2003).

Carone (2003, p. 62), à maneira de Camara Jr. (1981), também prefere considerar as correlativas, bem como as justapostas, como variantes dos processos de subordinação e coordenação, entretanto, não presta maiores esclarecimentos que sustentem a opção teórica tomada. Assim fala a autora:

As relações estabelecidas entre orações podem apresentar, por vezes, características de realização que as distinguem do usual, o que tem levado alguns gramáticos a ver nisso outros tantos procedimentos sintáticos. Trata-se da correlação e da justaposição, variantes formais dos (...) processos (de subordinação e de coordenação).

Você deve estar percebendo como o assunto é, de fato, complexo. Os autores apresentados até o momento admitem a existência da correlação, mas não a consideram no mesmo patamar da coordenação e da subordinação.

Azeredo (1979), em concordância com Luft (2000), também opta por defender a correlação como um subtipo ora da subordinação ora da coordenação, funcionando como um verdadeiro recurso expressivo de ênfase. Vejamos:

Poucos gramáticos brasileiros, entre os quais José Oiticica, têm identificado na *correlação* e na *justaposição* processos de estruturação sintática distintos da *subordinação* e da *coordenação*. A maioria entende que aqueles processos servem apenas para materializar certas relações fundamentalmente coordenativas ou subordinativas (grifos do autor).

Oiticica (1952), na célebre *Teoria da Correlação* (1952), advoga a existência da correlação como um mecanismo de estruturação sintática ou procedimento sintático em que uma sentença estabelece uma relação de interdependência com a outra no nível estrutural. Assim, a distinção entre a correlação e os outros processos de estruturação poderia ser atestada por meio do critério da dependência sintática. Teríamos, então, três processos:

a) *Subordinação* – processo de hierarquização de estruturas em que as orações são sintaticamente *dependentes* (cf. RODRIGUES, 2007, p. 227).

b) *Coordenação* – processo em que as orações são sintaticamente *independentes* umas das outras, caracterizando-se pelo fato de implicarem paralelismo de funções ou valores sintáticos idênticos (cf. RODRIGUES, 2007, p. 227).

c) *Correlação* – processo em que “duas orações são formalmente *interdependentes*, relação materializada por meio de expressões correlatas” (cf. RODRIGUES, 2007, p. 231).

Melo (1978, p. 152) alinha-se a Oiticica (1952) e também considera a correlação como um terceiro processo de estruturação sintática, distinto da subordinação e da coordenação. Vejamos:

(a correlação) é um processo sintático irreduzível a qualquer dos outros dois (subordinação ou coordenação), um processo mais complexo, em que há, de certo modo, interdependência. Nele, dá-se a intensificação de um dos membros da frase, ou de toda a frase, intensificação que pede um termo.

Rosário (2012, p. 3), após analisar os diversos posicionamentos dos autores, chegou à conclusão de que, realmente, a correlação é um procedimento diferente dos demais. Baseando-se principalmente em Camara Jr. (1981), o autor cria uma definição bastante simples e funcional para esse processo: correlação é uma

construção sintática prototipicamente composta por duas partes interdependentes e relacionadas entre si, encabeçadas por correlatores, de tal sorte que a enunciação de uma (prótase) prepara a enunciação de outra (apódose).

Rodrigues (2007, p. 332-233) também advoga a existência da correlação como um processo que se distingue dos demais, e contribui muito com nossa aula, visto que a autora apresenta algumas características principais da correlação:

1º - a correlação apresenta conjunções que vêm aos pares, cada elemento do par em uma oração;

2º - no período composto por correlação, as orações não podem ter sua ordem invertida, isto é, não apresentam a mobilidade posicional típica das subordinadas adverbiais;

3º - as correlatas não podem ser consideradas parte constituinte de outra, como ocorre com as substantivas, as adverbiais e as adjetivas.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Leia um trecho do romance de José de Alencar, *A Viúvinha*:

– É aqui que costuma jantar. E por isso adivinho qual tem sido a sua existência durante estes cinco anos. Impôs-se a si mesmo o castigo da sua antiga prodigalidade; puniu o luxo de outrora com a miséria de hoje. É nobre, mas é exagerado.

– Não, senhor; é justo. O que possuo atualmente, o que adquiro com o meu trabalho, não me pertence; é um depósito, que Deus me confia, e que deve servir *não só para pagar as dívidas de meu pai, como também a dívida sagrada que contrai para com uma moça inocente.*

Gastar esse dinheiro seria roubar, Sr. Almeida.

– Bem; não argumentemos sobre isto; não se discute um generoso sacrifício: admira-se. Venha jantar comigo.

a) O trecho sublinhado é um exemplo de construção correlata. Quais são os correlatores? Identifique a prótase e a apódose.

b) No exemplo destacado, o romancista fala em “as dívidas de meu pai” e “a dívida sagrada que contrai para com uma moça inocente”. Tomando como partida o conceito de correlação apresentado, responda: existe uma ideia de gradação do primeiro elemento em relação ao segundo? Por quê?

c) O exemplo de correlação apresentado é oracional ou não oracional?

RESPOSTA COMENTADA

a) Os correlatores desse exemplo são: *não só* (que introduz a prótase: para pagar as dívidas de meu pai) e *como também* (que introduz a apódose: a dívida sagrada que contrai para com uma moça inocente). Ambas (prótase e apódose) constituem a construção correlata aditiva.

b) Sim, existe a ideia de gradação enfática crescente. Ao enunciar primeiramente a dívida do pai, o autor “guarda” o argumento mais forte para o final: dívida contraída com uma moça inocente. Assim, segundo seus valores, essa dívida com a moça seria algo mais importante. É por essa razão que essa última informação está na apódose.

c) O exemplo de correlação apresentado é oracional, uma vez que tanto a apódose quanto a prótase são constituídas por verbo.

TIPOS DE ORAÇÕES CORRELATAS**EQUIPARATIVAS**

Melo (1978) afirma que a correlação equiparativa ocorre quando queremos estabelecer igualdade ou equivalência para o segundo termo, que vem fechar um pensamento deixado em aberto ou em suspenso no primeiro termo. São normalmente utilizadas com as expressões “assim... assim também”, “não só... mas também”, “senão também”, “assim como... assim”.

Melo (1978, p. 152) afirma que, no escopo da correlação há orações *consecutivas e comparativas*, e também as **EQUIPARATIVAS** e *alternativas*. Castilho (2004, p. 143), por sua vez, defende que há quatro tipos de correlação, e são elas: *aditiva, alternativa, consecutiva e comparativa*. Rodrigues (2007) já apresenta uma listagem diferente. Assim, concluímos que não há consenso entre os autores quanto aos tipos de orações correlatas. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 8.1: Tipos de orações correlatas

Luft (2000)	Castilho (2004)	Melo (1978)	Melo (1997)	Uchôa (2004)
Aditivas	Aditivas	—	—	Aditivas
Comparativas	Comparativas	Comparativas	Comparativas	Comparativas
Consecutivas	Consecutivas	Consecutivas	Consecutivas	Consecutivas
Alternativas	Alternativas	Alternativas	Alternativas	—
—	—	Equiparativas	—	—
Proporcionais	—	—	—	—
—	—	—	Paralelísticas	—

Nesta aula, vamos explorar os seguintes tipos, ilustrados por exemplos (cf. RODRIGUES, 2007):

(4) Hoje eu trabalho *mais do que* trabalhava. ⇨ Correlação comparativa.

(5) *Quanto* mais o conheço, *tanto* mais o admiro. ⇨ Correlação proporcional.

(6) Trabalhou *tanto que* adoeceu. ⇨ Correlação consecutiva.

(7) *Não só* trabalha de dia, *senão que* estuda à noite. ⇨ Correlação aditiva.

(8) Você *ou* estuda *ou* trabalha, as duas coisas serão muito difíceis.
⇨ Correlação alternativa.

Alguns autores defendem que, especialmente na linguagem oral, a intensificação normalmente expressa por um advérbio de intensidade (primeira parte da correlação) seria foneticamente realizada por um esforço e alongamento acentuadamente maiores no produzir a tônica, como em: *Chovia que era um desespero!*

ESTUDOS ATUAIS SOBRE O ASSUNTO

A defesa da existência da correlação como um processo distinto dos demais parece estar novamente recuperando espaço nos debates acadêmicos, haja vista as contribuições de pesquisadores como Módolo (1999), Castilho (2004), Rodrigues (2007) e Rosário (2012).

Segundo Módolo (1999, p. 6), Oiticica (1952) propôs uma perspectiva funcional da teoria da correlação. Por ter sido publicado na década de 1950, Módolo (1999) advoga que Oiticica foi o precursor dos estudos nessa área da sintaxe.

Pesquisas de base funcionalista, ou seja, aquelas que investigam o uso da língua, defendem que há preponderância da função sobre a forma, ou seja, esta estaria a serviço daquela. Assim, diante da necessidade de maior expressividade ou de um tipo de argumentação mais formal ou enfática, haveria necessidade de criação de um arranjo sintático formal diferente dos já tradicionais esquemas subordinativos ou coordenativos. Vejamos a diferença entre as frases a seguir:

(9) João é rico *e* feliz.

(10) João *não só* é rico *como também* é feliz.

Os exemplos (9) e (10), semanticamente similares, apresentam arranjos sintáticos diferentes e atendem a necessidades comunicacionais e pragmáticas distintas. No exemplo (9), a conjunção coordenativa aditiva “e” simplesmente reúne dois termos coordenados entre si, que funcionam como predicativos do sujeito. Por outro lado, no exemplo (10), não podemos afirmar que há uma simples união de predicativos do sujeito. De certa forma, há uma ideia de gradação enfática crescente do primeiro termo predicativo ao segundo. É como se o fato de ser feliz fosse “maior” ou menos esperado que o fato de ser rico.

A ideia de ênfase ou vigor está presente na definição de correlação apresentada por muitos gramáticos.

Essa parece ser a linha adotada pela maioria dos teóricos em língua portuguesa: considerar a correlação, assim como a justaposição, procedimentos sintáticos que funcionam como variações de forma dentro do âmbito da subordinação e da coordenação. Assim, é comum verificarmos algumas palavras como vigor, ênfase, realce quando os gramáticos se referem a esse processo. Vejamos (com grifos nossos):

Quadro 8.2: Correlação, segundo a perspectiva de autores tradicionais

Vigor	<ul style="list-style-type: none"> • Para dar mais <i>vigor</i> à coordenação, valemo-nos de uma fórmula correlativa (<i>não só... mas também; não só... mas ainda; não só... senão também; não só... senão que</i>). (ROCHA LIMA, 1999, p. 261)
Ênfase	<ul style="list-style-type: none"> • Aditivas <i>enfáticas</i>. Ex.: Tanto lê como (quanto) escreve (LUFT, 2000, p. 51). • Já no terceiro tipo da alegada “correlação”, o que se tem na realidade é uma coordenação aditiva <i>enfática</i> (UCHÔA, 2004, p. 111). • A expressão <i>enfática</i> da conjunção aditiva e pode ser expressa pela série <i>não só... mas também</i> e equivalentes (BECHARA, 1999, p. 321).
Realce	<ul style="list-style-type: none"> • De dar <i>realce</i> à pluralidade dos objetos serve (entre membros de uma oração) <i>tanto [assim] – como</i> (que substitui o latim <i>et-et</i>). Ex.: “offeyro.. todo hu herdamento de Crexemil, assi us das sextas como todo u outro herdamento (Doc. de 1193)” (DIAS, 1970, p. 252).

Percebemos que os argumentos em defesa da correlação como um terceiro processo de estruturação sintática são bastante contundentes. Entretanto, como já frisamos ao longo desta aula, a maioria dos gramáticos prefere não considerá-la como um processo distinto dos demais, provavelmente por influência da tradição normativista e estruturalista. Assim, a investigação da questão apresenta-se como altamente relevante para nossos estudos do português. E você? O que achou desta aula?



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Observe os pares de orações a seguir:

- i. *Eu estou saudável e rico.*
- ii. *Eu não só estou saudável como também estou rico.*
- iii. *Vou à escola ou estarei perdido.*
- iv. *Ou vou à escola ou estarei perdido.*

a) Levando-se em consideração a existência de orações correlatas em língua portuguesa, responda: como podemos classificar cada oração anterior?

b) Existe alguma diferença, em termos de sentido, entre utilizar o período A ou B?

RESPOSTA COMENTADA

2. a) Em i, temos um período simples com dois predicativos do sujeito coordenados entre si (saudável e rico). Em ii, temos duas orações correlatas aditivas (eu não só estou saudável e como também estou rico). Em iii, temos um período composto por coordenação, em que "Vou à escola" é uma oração coordenada assindética, e "ou estarei perdido" é uma coordenada sindética alternativa. Em iv, temos duas orações correlatas alternativas ("Ou vou à escola" e "ou estarei perdido").

b) Apesar de i e ii serem períodos que veiculam a ideia de adição, em ii há uma ideia de gradação enfática, que é possibilitada pelo arranjo sintático correlativo. Há, portanto, diferença entre ambas, no campo semântico-pragmático, ou seja, dos sentidos e dos usos da língua.

CONCLUSÃO

Tendo chegado ao final desta aula, é o momento de sumarizarmos as reflexões e sintetizarmos o que falamos até aqui. Em primeiro lugar, acreditamos que, para satisfazer as novas necessidades, novas formas gramaticais desenvolvem-se ao lado de estruturas equivalentes disponíveis, com crescente grau de expressividade. É por esse motivo que a língua apresenta, por exemplo, coordenação aditiva e correlação aditiva lado a lado. Fica claro que as construções correlatas estão a serviço de motivações diferentes. Por exemplo, na correlação, a posição dos correlatores é menos fixa, a estratégia de organização sintática é menos frequente que as outras, há mais formalidade, pode estar tanto no nível oracional quanto não oracional, há maior poder de argumentatividade, vem prototipicamente aos pares, entrelaça-se de forma interdependente etc. Trata-se, portanto, de um processo mais discursivo do que sintático. Certamente muito ainda há por ser investigado no que concerne aos processos de estruturação sintática, especialmente com referência à correlação, relegada por décadas ao ostracismo na descrição e análise da gramática do português. Contudo, por meio dessa aula, de caráter bastante introdutório, acreditamos que uma parte do caminho já foi percorrida, a ponto de comprovarmos por meio de argumentos e exemplos que a correlação apresenta um estatuto diferente dos outros tradicionais processos de estruturação sintática, tanto em termos funcionais quanto formais.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Leia esse trecho de *A pata da gazela*, de José de Alencar:

Laura, (1) *que se inclinara com vivo interesse* (2) *para tomar o embrulho das mãos do lacaio*, tivera um pressentimento do acidente, ao ver o papel desenrolado. Fechando-o rapidamente (3) *e escondendo-o por baixo do assento da vitória*, ela debruçou-se ainda uma vez para verificar se com efeito alguma coisa havia caído. Ao mesmo tempo acompanhava o movimento com estas palavras de contrariedade:

— Como ele manda isto! Por mais que se lhe recomende!

Laura nada viu, porque já a vitória rodava ligeiramente sobre os paralelepípedos.

Nesse momento, porém, dobrando a Rua da Assembleia, se aproximara um moço elegante (4) *não só no traje do melhor gosto*, como na graça de sua pessoa: era sem dúvida um dos príncipes da moda, um dos leões da Rua do Ouvidor; mas desse podemos assegurar pelo seu parecer distinto (5) *que não tinha usurpado o título*.

O mancebo viu casualmente o lacaio (6) *quando passara por ele correndo*, e percebeu que um objeto caíra do embrulho.

Naturalmente não se dignaria abaixar para apanhá-lo, nem mesmo deitar-lhe um olhar, (7) *se não visse aparecer ao lado da vitória o rosto de uma senhora*, que o aspecto da carruagem indicava pertencer à melhor sociedade.

Os trechos destacados recebem diferentes classificações no campo da sintaxe do período composto. Associe cada trecho à correta classificação:

- (1) “que se inclinara com vivo interesse”
- (2) “para tomar o embrulho das mãos do lacaio”
- (3) “e escondendo-o por baixo do assento da vitória”
- (4) “não só no traje do melhor gosto”
- (5) “que não tinha usurpado o título”
- (6) “quando passara por ele correndo”
- (7) “se não visse aparecer ao lado da vitória o rosto de uma senhora”
- () Oração coordenada sindética aditiva.
- () Oração subordinada adjetiva explicativa.
- () Oração subordinada adverbial temporal.
- () Oração subordinada adverbial final.
- () Oração subordinada adverbial condicional.
- () Oração correlata aditiva.
- () Oração subordinada substantiva objetiva direta.

RESPOSTA COMENTADA

(3) *Oração coordenada sindética aditiva. A oração 3 é introduzida pela conjunção coordenativa aditiva e.*

(1) *Oração subordinada adjetiva explicativa. A oração 1 é introduzida pelo pronome relativo que, cuja função, na oração, é a de recuperar o referente anterior, ou seja, "Laura".*

(6) *Oração subordinada adverbial temporal. A oração 6 é introduzida pela conjunção subordinativa adverbial temporal quando.*

(2) *Oração subordinada adverbial final. A oração 2 é introduzida pelo conectivo indicador de finalidade para.*

(7) *Oração subordinada adverbial condicional. A oração 7 é introduzida pela conjunção subordinativa adverbial condicional por excelência se.*

(4) *Oração correlata aditiva. Trata-se de uma oração correlata aditiva cuja apódose é "como na graça de sua pessoa".*

(5) *Oração subordinada substantiva objetiva direta. Completa sintaticamente o verbo "assegurar", presente na oração imediatamente anterior.*

RESUMO

Com esta aula, mostramos que a correlação é, de fato, um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação, tendo em vista suas especificidades. A ausência de maiores explicações acerca desse processo pode ser explicada pela onda estruturalista que estava ainda bastante fortalecida quando se deu o processo de elaboração da NGB. Há muitas dissensões quanto ao conceito e à tipologia das correlatas, mas é possível se chegar a algum consenso, como foi mostrado nesta aula. Por fim, acrescentamos que, atualmente, os pesquisadores têm se debruçado cada vez mais sobre as construções correlatas em geral.

Subordinação: caracterização, instrumentos. Orações substantivas

Edila Viana da Silva

AULA 9

Metas da aula

Apresentar o papel sintático, os instrumentos e as características do mecanismo de subordinação e introduzir as orações substantivas.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir os tipos de orações subordinadas;
2. reconhecer as orações substantivas.

INTRODUÇÃO

Não é interessante que uma oração se comporte como um substantivo, ou como um adjetivo, ou ainda como um advérbio? É sobre esse fato que vamos conversar agora. Até o momento, temos falado em mecanismos de articulação de orações, mas não nos detivemos nas orações subordinadas de um modo sistematizado. Nesta aula, então, vamos começar nossa conversa sobre os instrumentos gramaticais da subordinação e os tipos de orações subordinadas, com base na reflexão sobre seus papéis sintáticos. O estudo das orações deve ser conhecido de todos os que fizeram o Ensino Médio, pois integra o programa de português das escolas. Muitas vezes, no entanto, esse assunto é tratado apenas para a fixação de uma nomenclatura e limita-se à memorização da classificação das orações sem que sua análise se baseie nos valores que as cláusulas assumem no texto. A noção de *encaixamento* – já bastante comentada em nosso curso – será novamente abordada para explicar as orações substantivas, principal tema de nossa aula.

NOÇÕES BÁSICAS SOBRE A SUBORDINAÇÃO

Retomando nossos comentários sobre subordinação, em uma visão tradicional, lembramos que subordinação remete à ideia de *dependência* e “implica diferença hierárquica entre as unidades relacionadas”. (AZEREDO, 2008, p. 294). No exemplo a seguir, percebe-se claramente que a unidade subordinada, entre colchetes, faz parte de uma unidade linguística superior na hierarquia gramatical da oração. Ela está encaixada, integra sintaticamente um constituinte (*Espero*) da OP.

(1) *Espero [que meu filho retorne para o Natal em família].*

A oração subordinada é um argumento interno do verbo *esperar*, seu objeto direto, integra a unidade superior formada pela articulação das duas orações, no dizer de Bechara (2001), uma *oração complexa*. O resultado da subordinação é a criação de uma função sintática, no caso a transposição de uma oração (*que meu filho retorne para o Natal em família*) a termo de outra (*Espero*), dita *oração principal*.

Explicando de outra maneira, no período composto por subordinação, a oração *subordinante* (principal, OP) é a que tem um termo (ou mais de um) expresso por outra oração, a *subordinada*. Assim, a *subordinada* é aquela oração que contrai, com UM termo da OP, uma função.

A NGB classifica as orações subordinadas de acordo com a natureza das funções que exercem em relação a outras. Assim, tem-se: orações subordinadas substantivas (assumem funções próprias dos substantivos em relação a um termo da principal); orações subordinadas adjetivas (assumem funções próprias dos adjetivos) e orações subordinadas adverbiais (assumem funções próprias dos advérbios).

As substantivas são também chamadas *completivas*, pois a relação entre elas e o termo da OP com que se articulam é de *complemento*.

Para ilustrar, vejamos os exemplos:

(2) *Os políticos querem [que o Ministério seja mudado imediatamente].*

Substituindo a oração entre colchetes por elemento equivalente, teremos:

Os políticos querem [a mudança imediata do Ministério].

Percebe-se que o equivalente é um SN, cujo núcleo é o substantivo *mudança*, na função de objeto direto do verbo *querer*. Da mesma forma, a oração que lhe corresponde, marcada no exemplo (2), é objeto direto do verbo *querer*. Essa oração exerce, então, uma função de natureza substantiva e, por isso, classifica-se como substantiva. Fácil, não?

No exemplo (3), vamos observar o comportamento de outro tipo de subordinada.

(3) *O exercício [que vem a seguir] interessa aos estudantes.*

Qual o papel da oração entre colchetes? Podemos notar que ela se refere ao substantivo *exercício*, individualiza-o. Não se trata de um exercício qualquer, mas o que *seguirá* e equivale a um adjetivo:

O exercício [seguinte] interessa aos estudantes.

Esse adjetivo exerce a função de adjunto adnominal de *exercício*, no SN, *O exercício seguinte*. Se a oração em (3) a ele é correspondente, por analogia à análise que fizemos no exemplo (2), podemos afirmar que essa oração é *adjetiva* e também terá a função de *adjunto adnominal* de *exercício*.

No exemplo (4), vamos observar outro arranjo oracional:

(4) *A cantora não veio ao recital [porque choveu].*

Empregando o mesmo recurso de substituição, veremos que a oração marcada equivale a um advérbio, na função de adjunto adverbial de causa, pois expressa a causa, o motivo pelo qual a cantora referida não compareceu ao recital: *a chuva*.

A cantora não veio ao recital [em virtude da chuva].

Se a oração equivale a um adjunto adverbial, ela será, de acordo com a classificação da NGB, uma oração subordinada adverbial de causa.

As orações subordinadas podem ser ou não encabeçadas por conectivos. Os conectivos que introduzem as orações subordinadas substantivas e as adverbiais são as *conjunções subordinativas*; as adjetivas são introduzidas por *pronomes relativos*.

Conjunções subordinativas e *pronomes relativos* são, portanto, instrumentos gramaticais da subordinação. E o que isso quer dizer?

- que essas classes de palavras têm a propriedade de fazer uma oração completa passar à condição de substantivo, adjetivo ou de advérbio;
- que, em função de tal comportamento, a oração adquire uma função com relação a um *constituente* de outra oração; passa a ser *subordinada*.

Nesta aula, vamos nos deter no estudo das orações subordinadas substantivas.

ATIVIDADE**Atende ao Objetivo 1**

1. Estabeleça a categoria das orações subordinadas entre colchetes, de acordo com a natureza da função exercida na OP (substantiva, adjetiva, adverbial):

a) O guarda multou [quem andava na ciclovia].

b) É incrível [como a memória dos brasileiros é curta].

c) Encontrei o amor [que estava procurando].

d) Ele é tudo [quanto quero].

e) [Como não há bilhetes disponíveis], não poderei ir ao Rock em Rio.

f) [Caso ela retorne], poderemos organizar um novo curso.

RESPOSTA COMENTADA

As orações marcadas em a e b exercem funções, respectivamente, de OD e sujeito, que são típicas do SUBSTANTIVO. São, portanto substantivas. Já em c e d, elas estão individualizando, modificando os antecedentes dos relativos QUE e QUANTO, são seus adjuntos adnominais, função típica dos ADJETIVOS; são orações adjetivas. Em e e f, as orações expressam circunstâncias de causa (e) e de condição (f), funções dos advérbios; logo são adverbiais.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS (OSS)

NOMINALIZADOR

É o termo usado na teoria estruturalista para a conjunção subordinativa integrante, uma vez que origina um sintagma nominal.

Os instrumentos gramaticais que transpõem orações à condição de meros substantivos são as conjunções subordinativas integrantes QUE e SE, denominados de **NOMINALIZADORES** por Azeredo (2000, p. 213), pois as orações por eles encabeçadas assumem funções de nomes. Diferentemente do pronome relativo, que exerce função sintática (sujeito, objeto etc.) na oração que encabeça, e das demais conjunções subordinativas, que, muitas vezes, têm um valor semântico marcado, as conjunções integrantes são vazias de significado e, além de sua função de ligar as orações, não exercem outro papel sintático.

Orações subordinadas substantivas conectivas

Conforme já vimos, as orações subordinadas substantivas podem ligar-se às OP por meio de uma palavra de conexão, os *conectivos*, ou simplesmente ligarem-se pelo sentido e pela função que desempenham na OP: são as justapostas, que comentaremos logo a seguir.

As OSS classificam-se de acordo com as funções que contraem com um elemento da OP, verbo ou nome. Vamos enumerá-las.

a) **subjativas**: desempenham a função de sujeito do verbo da OP. Estruturam-se das seguintes formas:

- com predicados do tipo “É possível que + oração”

(5) *É possível [que o coordenador do curso altere a formação do conselho].*

(6) *É justo [que elas recebam o prêmio de dedicação à causa].*

- com predicados do tipo “Ocorre que + oração”

(7) *Parece-me óbvio [que uma cidade bonita excite o imaginário dos visitantes].*

(8) *Ocorre [que os documentos mostram pontos de vista diferentes dos nossos].*

- com verbos na voz passiva

(9) *Foi divulgado [que Charles Darwin passou pelo Rio em 1832].*

(10) *Noticiou-se [que o Ministério será totalmente modificado].*

b) objetivas diretas: desempenham a função de objeto direto do verbo da OP. São complementos de verbos transitivos dos tipos:

- que expressam atitudes (*anunciar, declarar, pedir* etc.)

(11) *O prefeito da capital pediu aos moradores [que não saíssem com chuva] .*

(12) *Os jornais anunciaram [que a Via Dutra fora ampliada em pistas laterais].*

(13) *Aquele político declarou [que não mais se candidatará a cargo público].*

- que expressam percepção intuitiva (*saber, supor, perceber* etc.).

(14) *Percebi [que os jornais não haviam chegado].*

(15) *Supúnhamos [que as atividades exigiriam menos da equipe].*

(16) *Soube, naquele momento, [que a relação tinha acabado].*

- que expressam vontade (*querer, desejar, esperar* etc.)

(17) *Desejamos [que o novo governante pense realmente nos pobres].*

(18) *Quero [que ele termine logo este trabalho desgastante].*

(19) *Esperava [poder comemorar o seu aniversário na nova casa].*

c) objetivas indiretas: desempenham a função de objeto indireto do verbo da OP, isto é, são complementos de verbos que são seguidos necessariamente de preposição.

(20) *Não duvidamos [de que elas farão um bom trabalho].*

(21) *Insisto [em que ele permaneça no cargo].*

(22) *Não podemos nos opor [a que as instituições adotem o sistema de cotas].*

(23) “*Enildo dedica sua atenção [a que os filhos se eduquem]*”
(BECHARA, 2001, p. 464).

CLÍTICOS

São vocábulos sem autonomia fonética, isto é, átonos e que, por isso, na frase, se apoiam em outros vocábulos. São clíticos os *artigos*, *preposições*, o *pronome que*, muitas *conjunções*. Os pronomes pessoais oblíquos átonos são clíticos que se apoiam foneticamente em formas verbais: Ela *me* *informou* a novidade. Na frase, o pronome *me* forma com *informou* um todo fonético: pronunciam-se os dois vocábulos como se fossem um único vocábulo: [minformou]. O mesmo ocorre com os artigos e substantivos: em o *menino*, a pronúncia é [umenino].

Azeredo (2000 e 2008) considera as orações *objetivas indiretas* (NGB) como *completivas relativas* (função não consagrada pela NGB). O objeto indireto, em geral, denota um ser animado ou concebido como tal; é introduzido pela preposição *a*; semanticamente representa o “beneficiário” ou o “destinatário” da ação; pode ser substituído pela pronome átono *lhe* ou *lhes*. Segundo o autor, as orações chamadas *objetivas indiretas* não têm essas características, principalmente, no que diz respeito à substituição por um clítico. Elas são, como os complementos relativos, substituíveis por pronomes tônicos. Nos exemplos 20, 21 e 22, podemos verificar essa propriedade:

(20) *Não duvidamos [de que elas farão um bom trabalho]. = [disso]*

(21) *Insisto [em que ele permaneça no cargo]. = Insisto [nisso]*

(22) *Não podemos nos opor [a que as instituições adotem o sistema de cotas]. = ...opor [a isso]*

Para Bechara (2000), há *objetivas indiretas* e *completivas relativas*. O exemplo a seguir ilustra esse tipo de oração, a *objetiva indireta* (BECHARA, 2000, p. 464):

(23) *Enildo dedica sua atenção [a que os filhos se eduquem].*

Parafraseando o exemplo, temos:

Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos (objeto indireto), que equivale a *Enildo dedica-lhes* (objeto indireto) *sua atenção*.

d) completivas nominais: desempenham as funções de complementos de substantivos abstratos, adjetivos ou, potencialmente, advérbios. A preposição característica da função é geralmente omitida no discurso coloquial.

(24) *Não tenho esperança [de que se resolva rapidamente a crise financeira do país].*

(complemento do substantivo abstrato)

(25) *Não estamos esperançosos [de que se resolva rapidamente a crise financeira do país].* (complemento do adjetivo *esperançosos*)

(26) *Sua pesquisa defende a hipótese [de que há variação na regência de alguns verbos].* (complemento do substantivo abstrato)

e) **predicativas:** desempenham a função de predicativos, uma vez que se relacionam com o sujeito da OP por meio do verbo SER:

(27) *A questão é [que não conseguimos formular um plano de combate à fome].* (A oração exerce a função de predicativo do sujeito *a questão*).

(28) *A hipótese é [que esses verbos já mudaram de regência].* (A oração exerce a função de predicativo do sujeito *a hipótese*).

f) **apositivas:** desempenham a função de aposto de um sintagma nominal da OP:

(29) *Só há uma esperança para nós: [que os governantes valorizem a educação].*

(30) *O reitor explicou o seguinte: [que o pagamento seria efetuado com a verba federal].*

A conjunção integrante, apesar de vazia de significado tem a capacidade de distinguir modalidades de frases diferentes: QUE introduz frases assertivas e SE, interrogativas indiretas:

(31) *A comissão decidiu [que o filme iraniano deveria receber o Oscar].*

(32) *A comissão não sabia [se o filme japonês deveria receber o prêmio].*

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Complete os períodos com orações subordinadas substantivas e, depois, classifique-as.

a) Não é habitual

b) Ocorre

c) Comenta-se

d) Foi noticiado

RESPOSTA COMENTADA

As respostas são individuais, mas seguem-se algumas possibilidades.

a) ...que eu fique em casa no domingo, à noite. (subjativa);

b) ...que a chuva em determinadas cidades causa problemas. (subjativa);

c) ...que este clérigo preocupa-se com pobreza. (subjativa);

d) ...que o PIB brasileiro teve um expressivo aumento (subjativa).

Observa-se que essas estruturas da OP são as mais comuns na formação das subjativas: SER + adjetivo; verbo unipessoal (conjugado apenas na terceira pessoa); verbo na passiva (com auxiliar e com SE).

Orações subordinadas substantivas justapostas

Quando temos um enunciado como

(33) [*Quem gosta de musicais*] [*não pode perder esta peça*],

temos dificuldade de perceber o modo como as orações se articulam. Isto porque não há o conectivo que serve para orientar a segmentação e o entendimento do texto. A ideia principal do período, em regra, manifesta-se na OP e qual é ela aqui? Lendo com mais atenção, perce-

bemos que a mensagem é que o *amante de musicais não pode perder a peça em referência*, em que o sujeito da locução *pode perder* é o *apreciador de musicais*, representado pela oração *Quem gosta de musicais*. Isso mesmo: a primeira oração é sujeito do verbo da segunda e se liga a ela pelo sentido, mas sem palavra de conexão. Trata-se de uma oração justaposta (= colocada ao lado de).

É a essas orações – que se ligam a outras sem o auxílio de conectivos – que vamos dedicar nossa análise agora.

Orações subordinadas substantivas justapostas reduzidas

As justapostas podem ser *reduzidas*, isto é, com verbos nas formas nominais. No caso das justapostas substantivas, essa forma nominal, geralmente, é o infinitivo e classificam-se, como as demais substantivas, de acordo com a função que exercem em relação a um termo da OP. Dependendo dessa função, poderão ser preposicionadas ou não. Vejamos os exemplos abaixo:

(34) *É necessário [estudar sintaxe].* – subjetiva;

(35) *Espero [poder confiar em sua amizade].* – objetiva direta;

(36) *Pensamos [em mudar de cidade].* – completiva relativa;

(37) *A esperança [de vê-lo] mantém seu entusiasmo.* – completiva nominal;

(38) *Minha intenção é [viajar depois do término das aulas].* – predicativa.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

3. As orações grifadas têm características comuns. Aponte-as e classifique as orações.

- a) Eles preferiram *não beber/a correrem riscos*.
- b) Pensei *em reler os clássicos* que conheci em minha juventude.
- c) Pretendo *não responder a perguntas pessoais*.
- d) Não me cabe *julgar sua atitude*.

RESPOSTA COMENTADA

Todas as orações apresentam verbos no infinitivo, uma forma nominal do verbo português. Também exercem funções de substantivos. Assim, são subordinadas substantivas reduzidas de infinitivo. Em a, há duas orações, a primeira é objetiva direta e a segunda objetiva indireta (ou completiva relativa); em b, há uma completiva relativa; em c, a substantiva é objetiva direta e em d, é subjetiva. Uma vez que são reduzidas, não se iniciam por conectivos e, conseqüentemente, são também justapostas.

Orações subordinadas substantivas justapostas desenvolvidas

As subordinadas substantivas justapostas *desenvolvidas* apresentam verbos em formas finitas (não nominais). As palavras que as introduzem pertencem às classes dos pronomes indefinidos, dos advérbios interrogativos ou ainda podem ser palavras de natureza pronominal ou adverbial intimamente relacionadas com os relativos, mas sem antecedentes expressos. Vejamos exemplos de cada caso:

(39) [*Quem nasce no estado do Rio*] é fluminense.

A oração entre colchetes liga-se à OP – *é fluminense* – com a qual se articula pelo sentido e sem a ajuda de um conectivo, já que a palavra que a inicia é um pronome indefinido (*quem*) e não uma conjunção integrante. Uma vez que desempenha a função de sujeito da forma verbal, classifica-se como *subjativa*.

(40) *Não pude saber [quando foi realizada a seleção para a pós-graduação].*

A oração entre colchetes é introduzida por um advérbio e desempenha a função de objeto direto do verbo *saber*; classifica-se, portanto, como *objetiva direta*.

(41) *Não gosto de [como ela se comporta em sala].*

A oração entre colchetes é também introduzida por um advérbio e desempenha a função de complemento relativo do verbo *gostar*; trata-se de uma *completiva relativa*.

(42) *Os novos empreendedores descobriram uma vantagem na convivência no mesmo escritório: [podem dividir os custos do aluguel].*

A oração entre colchetes, que aparece depois de dois pontos, tem a função de aposto do substantivo *vantagem* da OP e, assim, é uma *apositiva*.

(43) *Os eleitores são enganados [por quem já conhecem].*

O verbo da OP (*enganar*) está na voz passiva e o agente está representado pela oração entre colchetes, que se inicia por um pronome indefinido. Esta oração é denominada oração subordinada substantiva agente da passiva.

A NGB não contempla as orações justapostas desenvolvidas, que muitos estudiosos também não mencionam. Para esses autores, em uma estrutura do tipo

(44) *Quem ama [não mata],*

quem é um pronome relativo condensado, sem antecedente claro, mas que deve ser recuperado para permitir a análise do período. Teremos, então, de acordo com esse ponto de vista, a seguinte estrutura:

(45) *Aquele [que ama] não mata,*

em que *aquele* é o antecedente recuperado do pronome relativo *que*. Agora, em vez de uma substantiva justaposta, temos uma OP (*Aquele não mata*) e uma subordinada adjetiva (*que ama*).

CONCLUSÃO

Fizemos uma abordagem exclusivamente sintática da classificação das orações subordinadas substantivas, com base na NGB e em autores que nem sempre estão em consonância com a Nomenclatura. Acrescentamos o comentário de estruturas que não teriam classificação se seguissemos estritamente aquela orientação, fato que se dá com as orações subordinadas substantivas justapostas. Na aula seguinte, será feita uma abordagem que levará em conta aspectos semânticos dessa classificação, com base no suporte teórico do funcionalismo.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) Para os autores que seguem a NGB, o pronome quem e o advérbio como são relativos com antecedente implícito (a pessoa, o homem, a mulher, o modo etc.) e, para classificar as orações que introduzem, esses antecedentes devem ser explicitados. Assim, os períodos, para fins de classificação, tomariam novas formas e teriam nova segmentação: I. O prêmio é daquele [que obteve a nota mais alta]; II. Os livros de arte serão publicados por aquele [que tiver mais prestígio]; III. Ignoramos o modo [pelo qual/ como o secretário gastou o dinheiro arrecadado]; IV. Aquele [que foi à roça] perdeu a carroça. Todas as orações entre colchetes seriam, então, adjetivas restritivas, com conectivos explícitos e, assim, deixariam de ser justapostas.

b) Analisando as estruturas como se apresentam, as orações entre colchetes são justapostas e, de acordo, com sua função, em relação ao termo da OP ao qual se ligam, observaremos que são substantivas: I. de quem obteve a nota mais alta = SS predicativa; II. por quem tiver mais prestígio = SS agente da passiva; III. como o secretário gastou o dinheiro arrecadado = SS objetiva direta; IV. Quem foi à roça = SS subjetiva.

2. “Os crimes do neoliberalismo são sentidos nas menores coisas. Imagine [que um fabricante de patês descobre] [que, por um erro de cálculo qualquer, produziu demais] e [tem apenas dois dias] para vender o produto antes que expire sua validade.”

→ que um fabricante de patês descobre é OD de imagine; é objetiva direta;

→ que, por um erro de cálculo qualquer, produziu demais é OD de descobre; é objetiva direta;

→ e (que) tem apenas dois dias é também OD de descobre; é objetiva direta;

O fabricante descobriu dois fatos: a produção excessiva e a necessidade de escoar a produção em dois dias; são ambas objetivas diretas. Uma vez que exercem a mesma função em relação ao verbo descobrir, elas são coordenadas entre si pelo conectivo coordenativo e.

Em uma abordagem tradicional, vimos que, de acordo com a função que exercem na oração principal, as orações subordinadas podem classificar-se como *substantivas* (funções típicas dos substantivos); *adjetivas* (funções típicas dos adjetivos) e *adverbiais* (funções típicas dos advérbios). Fixando-nos, especialmente, nas substantivas, verificamos também que as orações substantivas podem articular-se com ou sem conectivo. As orações substantivas que se ligam à sua *principal* sem o auxílio de palavras de ligação estruturam-se como *reduzidas*, com verbo no infinitivo, ou aparecem *desenvolvidas*, isto é, com verbos em forma finita. Estas últimas, em geral, iniciam-se com pronomes e advérbios. Observamos que, de acordo com as gramáticas que seguem a NGB, as substantivas são *subjativas*, *objetivas diretas* e *indiretas*, *completivas nominais*, *predicativas* e *apositivas*. Salientamos que alguns autores acrescentam a esse elenco as *completivas relativas*, que diferenciam das *objetivas indiretas*, e as *agentes da passiva*.

Português III

Referências

Aula 1

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. 7. ed. Rio de Janeiro: J. ZAHAR, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

CASTILHO, Ataliba. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2000.

CUNHA, Celso F. da & CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DUARTE, Maria Eugênia L. “Coordenação e subordinação”. In: VIEIRA, S. & BRANDÃO, S. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, Violeta V. (org.) *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

Aula 2

CANÇADO, Marcia. *Manual de semântica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2000.

CASTILHO & PRETTI (organizadores). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Volume II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.

CUNHA, CELSO. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1975.

DECAT, Beatriz. “A articulação hipotática adverbial em português”. In: *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

_____. “Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português”. In: *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. UNESP – Campus de Araraquara. São Paulo: 1999.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2002.

LUFT, Celso P. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre: Globo, 2002.

MÓDULO, Marcelo. “As construções correlativas”. In: CASTILHO, NEVES & ILARI (organizadores). *Gramática do português culto falado*, volume III, Campinas, São Paulo: 2008.

NEVES, M. H. *Gramática do português em uso*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. Temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. Rio de Janeiro: Livraria Simões Alves, 1942.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

ROSÁRIO, Ivo & RODRIGUES, Violeta. “Correlação na perspectiva funcionalista”. In: RODRIGUES (Organizadora). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2010.

ROSÁRIO, Ivo. *Construções correlativas aditivas em perspectiva funcionalista*. Niterói, Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. Tese de Doutorado, 2012.

Aula 3

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: J. ZAHAR, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso F. da & CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

VIEIRA, Silvia & BRANDÃO, Sílvia. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2006.

Aula 4

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DECAT, Beatriz. “A articulação hipotática adverbial em português”. In: *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. São Paulo: Mercado de Letras. 2001.

DIAS, Nilza B. “As ‘pequenas cláusulas’ nas construções apositivas. In: *História do português paulista*, volume I. CASTILHO (org.). Editora da Unicamp, 2009.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

NEVES, M.H. *Gramática do português em uso*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

PEZATTI, Erotilde G. *Coordenando orações na língua portuguesa*. Disponível em <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/>. Publicado em 14/5/2009.

PROJETO CENSO/PEUL. *Peul – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*. Acesso em 01/12/2012. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/peul/amostras 1.html>.

Aula 5

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2000.

CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto. 2000.

CUNHA, CELSO & CINTRA. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1985.

DECAT, Beatriz. “A articulação hipotática adverbial em português”. In: *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. São Paulo: Mercado de Letras. 2001.

_____. “Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português”. In: *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. São Paulo: Unesp – Campus de Araraquara, 1999.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1993.

NEVES, BRAGA & DALL'AGLIO-HATTNER. "As construções hipotáticas". In: ILARI & NEVES (organizadores). *Gramática do português culto falado no Brasil*, volume II. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

NEVES, M.H. *Gramática do português em uso*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

Projeto NURC SP. CASTILHO & PRETTI (organizadores). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Volume II. Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.

Projeto NURC RJ. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. Acesso: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>

Projeto NURC SALVADOR. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. Acesso: <http://www.bn.com.br/~gcintra/nurc.html>.

RODRIGUES, Violeta. "Subordinação adverbial ou hipotaxe circunstancial?" In: RODRIGUES (Organizadora). *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2010.

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

SILVA, Anderson. *Cláusulas com noção de modo em português: um estudo funcionalista*. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, 2011.

THOMPSON; HAIMANN. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamim Publishing, 1988.

Aula 6

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. 7. ed. Rio de Janeiro: J. ZAHAR, 2001.

BECHARA, EVANILDO. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

BRITO, Ana Maria. "Subordinação adverbial". In: MIRA MATEUS, Maria H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2003.

CASTILHO, Ataliba. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2000.

CUNHA, Celso F. da & CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DECAT, M. B. Nascimento et al. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

NEVES, M.H.M.; BRAGA, M. L.; HATTNHER, M.M.D.. “As construções hipotáticas”. In: ILARI, R. e NEVES, Maria Helena de M. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, vol. III: classes de palavras e construções, 2008.

RODRIGUES, Violeta V. (org.) *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

Aula 7

Projeto NURC SP. CASTILHO & PRETTI (organizadores). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Volume II. Diálogos entre dois informantes. São Paulo, T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.

Projeto NURC POA. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. NURC/ resumido. <http://www.bn.com.br/~gcintra/nurc.html>.

RAMALHO, Cristine. *Time de estrelas*. Veja, 28 de set. 1998, p. 70.

Aula 8

AZEREDO, José Carlos. *Sobre os processos de estruturação sintática*. Niterói: Faculdade de Letras/UFRJ, 1979. mimeo.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 2003.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHEDIAK, Antônio José (org). *Nomenclatura gramatical brasileira e sua elaboração*. CADES, 1960.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. Rio de Janeiro: Ática, 2003.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.

MELO, Gladstone Chaves de Melo. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1978.

MÓDOLO, Marcelo. (Pré) publications: forskning og undervisning. Romansk Institut, Aarhus Universitet, Danmark, 1999.

OITICICA, José. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

RODRIGUES, Violeta Virginia. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2001. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

_____. “Correlação”. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues & BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. “Construções aditivas: uma análise funcional”. In: *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009 (CD).

_____. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

Aula 9

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

CUNHA, Celso F. da & CINTRA, Lindley. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

SILVA, Edila V. *Curso de língua portuguesa: da teoria à prática: aspectos da sintaxe do português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Trompowsky, 2009.